



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA
DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS
POVOS INDÍGENAS

ROSILDO MOREIRA DO ROSÁRIO

CHEGANÇAS E MARUJADAS: DE UMA TRAVESSIA IMAGINÁRIA A UM
PORTO SEGURO.

CACHOEIRA

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA
DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS
POVOS INDÍGENAS

Cheganças e Marujadas: De uma travessia imaginária a um porto seguro.

Rosildo Moreira do Rosário

Relatório apresentado ao Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito final para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita dias de Cássia Pereira Alves

Co-Orientador: Prof. Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento

Banca de Defesa

Prof^ª. Dr^ª. Vanda Machado

Prof^ª. Dr^ª. Ana Célia da Silva

Prof. Dr. Silvio Humberto dos Passos Cunha

Cachoeira

2020

Cheganças e Marujadas: de uma travessia imaginária a um porto seguro.

Relatório final apresentado a Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, como parte das exigências para
obtenção do título de mestre.

Cachoeira, _____ de _____ de _____.

BANCA EXIMINADORA

Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus

Professora Orientadora

Professora do Programa

Claudio Orlando Costa do Nascimento

Co-Orientador Professor

Professor do Programa

Professora Vanda Machado

Professora do Programa

Professora Ana Célia da Silva

Professora Convidada

Silvio Humberto dos Passos Cunha

Professor Convidado

AGRADECIMENTOS

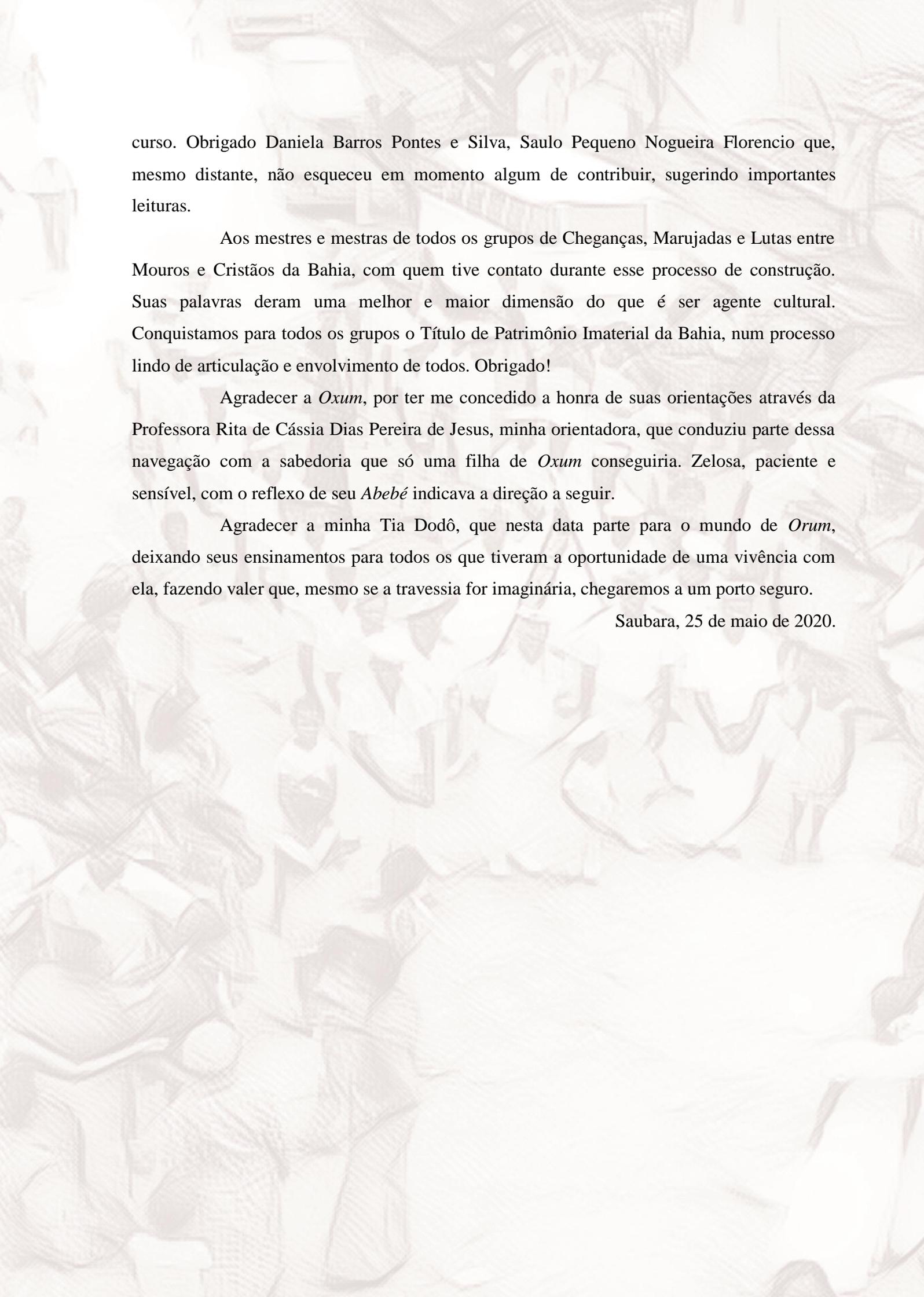
Eu vi cupido nu em campo
Descalço pisando em flores
Dizendo viva a quem ama
E morra quem não tem amores...

Este é um trabalho de que jamais poderá ser dito “eu fiz”, mesmo que escrito na primeira pessoa. Essa foi a maneira que minha limitação permitiu produzir. Quando agradecemos é porque reconhecemos o quanto foi importante a ajuda de todos, e, nesse caso específico, foram muitos, de modo que posso até cometer o pecado de esquecer-me de alguém. Foram vários “ventos de proa”, “alagamento da embarcação”, “tempestades” terríveis, mas depois de ter colocado o barco n’água, não é possível retornar sem a missão cumprida. E foi com esse espírito e determinação que retornamos ao porto. É preciso primeiramente agradecer aos nossos ancestrais, pedir a benção aos Marujos que se encantaram. É preciso marcar ancestralidade.

Agradecer aos membros do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, aqueles que já não se encontram entre nós fisicamente, que partiram ao cumprir sua função aqui na terra. Agradeço aos cheganceiros de agora, que continuam a navegar sob o meu comando, acreditando nas rotas traçadas, encarando todas as adversidades e vivendo a triste vida que um marujo leva, amor de marujo dura mais de uma hora.

Agradeço a minha família, mãe, irmã, irmãos, sobrinhas, sobrinhos, primas, primos, tios, muitos desses que veem em mim um exemplo de sucesso. A Tia Jelita um agradecimento especial, minha *Yá*, que, sempre com palavras certas, me acalmava nos tempos de ventos fortes, e se permitia ouvir minhas reclamações. Com ela aprendi o que é ser paciente. Tenho certeza que, se estivesse entre nós, seria quem mais vibraria com esse trabalho. Acredito que lá do *Orum* observa e orienta. Agradecer Minha companheira Cosminha Conceição Ribeiro, que, com paciência, resistiu, assistiu a tudo acontecer, e, em muitos momentos, cobriu as minhas faltas; a Dandara Rosa Ribeiro do Rosário, minha filha, que admira intensamente as minhas produções; a João Miguel Ribeiro do Rosário, meu filho, o mais especial agradecimento ele me permitiu imitar seu avô nesse fazer cultural.

Agradecer à Professora Mestra Vanessa Pereira Almeida que sempre esteve por perto a me encorajar, e dando as preciosas dicas, porque também se navega em águas doces; a Eliege Santiago Santos, braço forte nas remadas para construção do livro; ao professor Jarbas Farias, que gentilmente cedeu a sua arte para compor o material. Um agradecimento especial à Professora Luciana Maria de Lima Barreto, que me incentivou durante todo o processo do



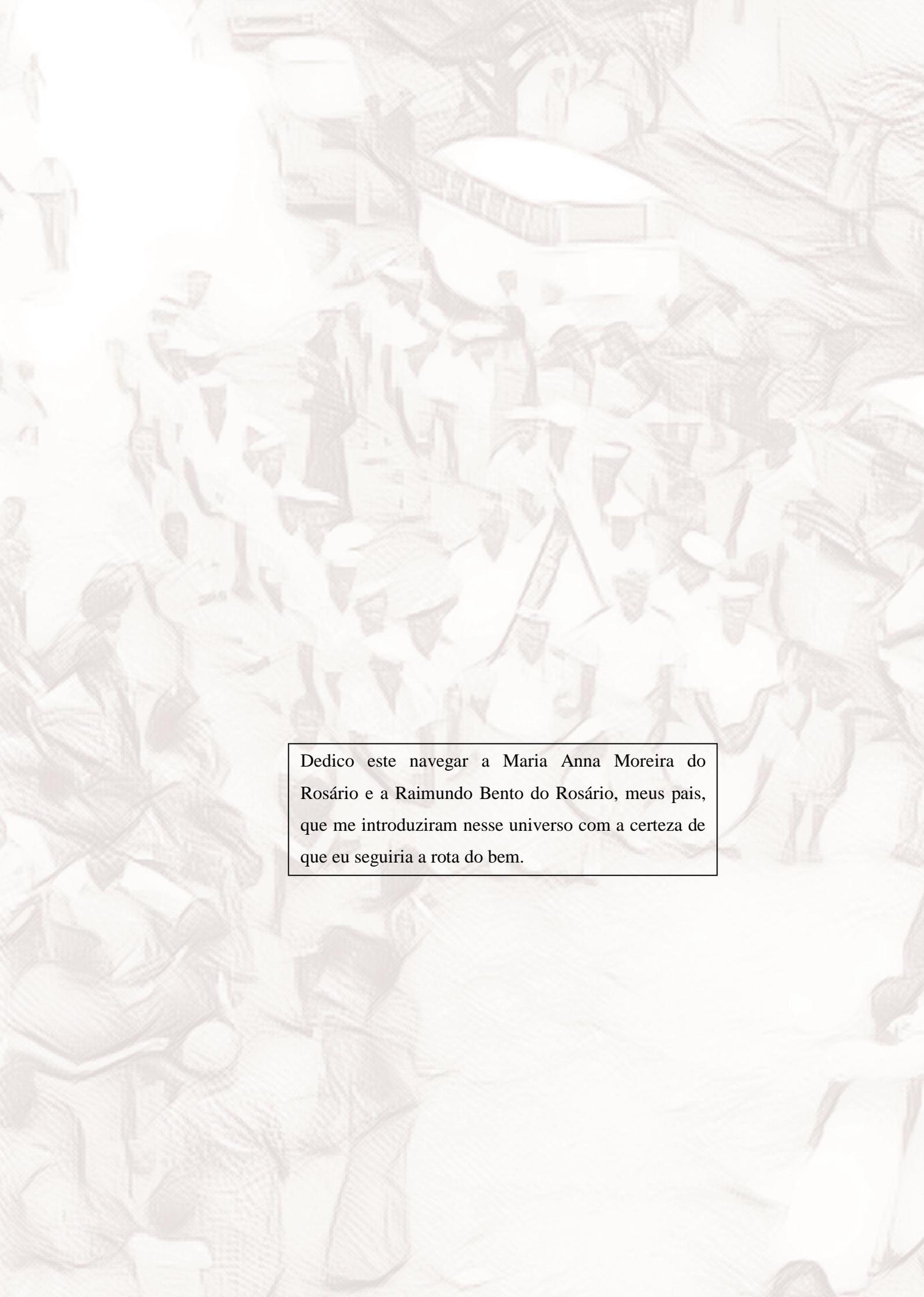
curso. Obrigado Daniela Barros Pontes e Silva, Saulo Pequeno Nogueira Florencio que, mesmo distante, não esqueceu em momento algum de contribuir, sugerindo importantes leituras.

Aos mestres e mestras de todos os grupos de Cheganças, Marujadas e Lutas entre Mouros e Cristãos da Bahia, com quem tive contato durante esse processo de construção. Suas palavras deram uma melhor e maior dimensão do que é ser agente cultural. Conquistamos para todos os grupos o Título de Patrimônio Imaterial da Bahia, num processo lindo de articulação e envolvimento de todos. Obrigado!

Agradecer a *Oxum*, por ter me concedido a honra de suas orientações através da Professora Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus, minha orientadora, que conduziu parte dessa navegação com a sabedoria que só uma filha de *Oxum* conseguiria. Zelosa, paciente e sensível, com o reflexo de seu *Abebé* indicava a direção a seguir.

Agradecer a minha Tia Dodô, que nesta data parte para o mundo de *Orum*, deixando seus ensinamentos para todos os que tiveram a oportunidade de uma vivência com ela, fazendo valer que, mesmo se a travessia for imaginária, chegaremos a um porto seguro.

Saubara, 25 de maio de 2020.



Dedico este navegar a Maria Anna Moreira do Rosário e a Raimundo Bento do Rosário, meus pais, que me introduziram nesse universo com a certeza de que eu seguiria a rota do bem.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira como um grupo da cultura tradicional que oferece elementos que colaboram com a formação da identidade da comunidade de Saubara, por ser constituído das memórias coletivas e individuais das pessoas desse lugar, por fazer referências históricas de como essa Saubara foi importante para Independência da Bahia, demonstrar como a prática milenar da oralidade, o “boca a ouvido”, tem sido um dos principais veículos na preservação dessa manifestação e discutir como a política de patrimonialização, que reconhece as Cheganças e Marujadas como patrimônio imaterial pode colaborar para a sua preservação, sem transferir para o Estado a responsabilidade orgânica de preservação que pertence aos seus fazedores. Busco ainda evidenciar a música como elemento de memória, dando a ela o *status* de elo que dá unidade para os pilares trabalhados. Trazer um novo olhar acerca da religiosidade também constitui esse trabalho, uma vez que todas as retóricas antes existentes apontavam para a fé sob a perspectiva do colonizador.

Palavras chave: Oralidade, Patrimônio, Identidade, Memória, Chegança e Marujada

ABSTRACT

The objective of this work is to present the Chegança dos Marujos Fragata Brasileira as a group of traditional culture that offers elements that collaborate with the formation of the identity of the community of Saubara, for being constituted of the collective and individual memories of the people of that place, for making historical references of how this Saubara was important for Independência da Bahia, to demonstrate how the ancient practice of orality, the “word of mouth”, has been one of the main vehicles in the preservation of this manifestation and to discuss how the patrimonialization policy, which recognizes Cheganças and Marujadas as intangible heritage it can collaborate for its preservation, without transferring to the State the organic responsibility of preservation that belongs to its makers. I also try to highlight music as an element of memory, giving it the status of a link that gives unity to the pillars worked on. Bringing a new perspective on religiosity also constitutes this work, since all the rhetoric that previously existed pointed to faith from the perspective of the colonizer.

Keywords: Orality, Heritage, Identity, Memory, Chegança e Marujada.

Lista de imagens

Foto 1 Chegança de Mouros da cidade de Taperoá, em apresentação na cidade de Jacobina em maio de 2018. Foto: Reinilson do Rosário-----página 35

Foto 2 Luta entre Mouros e Cristão da cidade de Alcobaça, apresentação em janeiro de 2018. Foto: Rosildo do Rosário -----página 37

Foto 3 Marujada de Jacobina apresentação em abril de 2018. Foto: Reinilson do Rosário -----página 38

Foto 4 Chegança Barca Nova Feminina da cidade de Saubara apresentação na cidade de Arembepeem novembro de 2018. Foto: Eliege Santiago-----página 85

Foto 5 Chegança Barca Nova Feminina da cidade de Saubara , apresentação em Saubara em setembro de 2018. Foto: Reinilson do Rosário -----página 86

Foto 6 Chegança Fragata Barca Nova da cidade de Saubara, apresentação em Salvador, em julho de 2016. Foto: Eliege Santiago-----página 88

Foto 7 Chegança Fragata Barca Nova da cidade de Saubara, em setembro de 2018. Foto: Reinilson do Rosário-----página 90

Foto 8 Chegança Fragata Brasileira da cidade de Saubara, apresentação em Saubara, em agosto de 1978. Foto: Ralph Wander-----página 92

Siglas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

IPAC Instituto do Patrimônio Cultural

PCN Parâmetro Curriculares Nacional

SECADI –Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

PDDE Programa Dinheiro Direto na Escola

FNDE-Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNCEB- Fundação Cultural do Estado da Bahia

Uneb Universidade Estadual da Bahia

SEPROMI Secretaria de Promoção da Igualdade Racial

CCPI Centro de Culturas Populares e Identitárias

CONEN Coordenação Nacional de Entidades Negras

APRESENTAÇÃO

O presente relatório traz um aporte de informações a respeito dos grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia. Este último tipo de manifestação não compunha o projeto original, o que submeti para adentrar no curso do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Originalmente, a intenção era falar apenas das Cheganças e Marujadas, porém, com o decorrer do tempo e o contato com algumas comunidades, percebi a necessidade de inclusão do tema das Embaixadas, isso porque, de certa forma, essa manifestação tem uma proximidade com os demais temas.

Darei uma maior atenção para Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, da cidade de Saubara, descrevendo suas histórias, suas ocorrências, como se dá sua organização, como é sua relação com a comunidade, seus rituais, como se relaciona com outras manifestações culturais da comunidade, como é sua indumentária, sua performance, dentre outros aspectos. Isso, na tentativa de vislumbrar como este grupo vem, através dos tempos, mantendo-se como referência cultural e elemento de transformação da identidade e subjetividade da comunidade de Saubara, utilizando-se da oralidade como fundamento para sua transmissão, ainda que a educação formal tenha deixado de lado essa característica.

A metodologia proposta é o trabalho com narrativas dos integrantes do grupo de Chegança, coletadas por meio de entrevistas que privilegiarão, além das histórias de vida, a convivência cotidiana no contexto da manifestação. Será considerada também a minha própria experiência enquanto fazedor de cultura e componente do grupo. Como resultado deste projeto, pretendo apresentar um livro, que poderá ser utilizado como material paradidático no contexto escolar destinado para estudantes das séries iniciais do ensino fundamental da cidade de Saubara e região, para o fortalecimento das ações destinadas ao cumprimento da Lei 11.645/2008.

Algumas questões foram postas e levantadas para nos orientar sobre quais mares navegar. Como é possível um grupo de uma manifestação cultural manter-se resistente ao longo dos tempos, enfrentado as mais diversas investidas de uma camada da sociedade que cada vez mais tenta apagar da história os fatos que revelam quais foram os verdadeiros caminhos que lhes trouxeram até aqui? Como os conhecimentos que são transmitidos através da oralidade mantiveram-se presentes nas comunidades tradicionais e colaboraram para que a

cultura popular se tornasse um elemento de formação identitária? Como a ideia de patrimônio cultural e o processo de patrimonialização das manifestações de natureza imaterial, vêm sendo utilizados para uma tomada de consciência por parte dos agentes culturais detentores e detentoras dos saberes e fazeres tradicionais? Estas são algumas das perguntas que buscarei elucidar com a continuidade do trabalho, caso seja possível encontrar respostas para esses questionamentos, assim conseguirei os objetivos propostos, que são: investigar como o grupo cultural Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, por meio da oralidade, resiste ao tempo, e como tem atuado na formação da identidade das pessoas que vivem em torno do grupo e da comunidade de modo geral; realizar um levantamento das letras das canções da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, buscando compreender como estas podem contribuir com a educação escolar para o cumprimento da Lei 11.654/2008; e, ainda, investigar como o conceito de patrimônio cultural pode contribuir para que as pessoas envolvidas nas mais diversas manifestações culturais possam se reconhecer como agentes protagonistas do processo de formação de suas próprias identidades. Apresentaremos também relatórios de atividades desenvolvidas a partir do grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, que desencadearam o processo de registro dos grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas como Patrimônio Imaterial do Estado da Bahia, além dos resultados do inventário que serviu para embasar o dossiê, peça fundamental para o registro. Uma literatura também específica será visitada para que possamos comparar as nossas experiências com experiências vividas em outras comunidades. Trabalhos como os de Antonio Osmar Gomes, D. Martins de Oliveira, Manuel Quirino, Oneyda Alvarenga, Altimar de Alencar Pimentel e Theo Brandão servirão como base para essa reflexão. O trabalho do professor Nelson Araújo, que no início da década de 1980 coletou importantes dados do grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, será utilizado para que possamos realizar uma análise dessa manifestação nos dias atuais.

INTRODUÇÃO

MEMÓRIA DE UM MARUJO DE PRIMEIRA VIAGEM.

Desde cedo, aos três anos de idade, meu pai, Raimundo Bento do Rosário, me apresentou a esta manifestação. Com ele aprendi as primeiras canções, bem como a tocar o pandeiro da Chegança. Pandeiro que tem uma peculiaridade: não é aquele toque que todo mundo conhece, há um jeito especial para tocar o pandeiro da chegança, a sincronia do riscar e bater o pandeiro faz com que ele seja diferente. O abafar e soltar da pancada faz o seu som ser diferente, seu canto e contra canto conduz a cantiga. É tocado por 30 pessoas simultaneamente, são vários tamanhos e espessuras, que, ao serem tocados conjuntamente, fornecem uma música peculiar.

Tenho na memória os ensaios, toda tarde de domingo, na Rua do Cansação, onde me parece que hoje é a casa da família da finada Dona Izartina. Era uma casa ainda em construção, uma casa de taipa, “casa de barro”, como falamos. Muitas pessoas se reuniam para assistir o ensaio, pois essa era a principal atração nas tarde de domingo. O chão era de areia, e quando dançávamos subia um poeirão, e eu ficava ali encantado em meio a tanta alegria. As pessoas em volta se envolviam a cada momento que parávamos para lembrar a canção.

Minha avó paterna Maria Joana do Rosário era aquela a quem todos ouviam, era a mais velha. Não conheci meu avô Torquato Leandro, já havia falecido quando nasci. Com certeza foi um dos componentes desse grupo outrora. Minha avó tinha na memória todo o repertório, e estava sempre ali pronta para colaborar. Ela fazia os “ensinamentos”, era assim que se chamavam os “*workshops*” antigamente. Antes dos ensaios formais, todos se reuniam em torno dela para ouvir seus relatos, todos queriam saber como meu avô fazia, e o que ele cantava. Assim o grupo foi sendo reerguido.

Não sei bem por qual motivo tivemos que buscar outro lugar para os ensaios, mas, depois de algum tempo, passamos a ensaiar no bar de Zé de Umbu, na rua do lavador e as tardes de domingo continuavam alegres. Era uma grande festa, muita gente vendia amendoim cozido, amendoim torrado, licor, mugunzá, arroz doce, tudo isso para ajudar na confecção das roupas.

O Tempo se passou e tivemos que ir para outro lugar para ensaiar, fomos então para a “biboca” de Codô, ali mesmo na rua do Lavador. Codô era o Comandante da Marujada, um senhor negro, alto, forte, e que tinha na voz e na postura a delicadeza de um comandante: na retaguarda da marujada, não permitia que os marujos destoassem ou bailassem de forma errada. Seu apito trazia o som de finalizar uma encenação. Codô cedeu seu espaço durante um tempo, mas, nesse mesmo período, se desfez da biboca, e tivemos que encontrar outro espaço para os ensaios. Foi então que Seu Vivaldo, filho Seu Satu um dos Marujos, emprestou uma casa que acabara de construir na rua do Taboão, Vivaldo morava em Salvador, e sempre aos finais de semana vinha com a família para Saubara, e as vezes os ensaios não podiam acontecer, foi então que Seu Gonçalo, I gajeiro do grupo, cedeu um casebre que tinha nos fundos de sua casa, era onde ele guardava rede, remo, cofo, candeeiro, seus instrumento de pesca, era um espaço grande, os ensaios aconteceram por lá, até a construção da sede da Chegança.

Numa das apresentações que o grupo fez em Salvador recebemos um cachê, com esse dinheiro decidiu-se, em reunião, comprar um terreno. Encontram o lugar perfeito na Rua chamada Boca da Mata, perto de uma alfaiataria onde os marujos se juntavam para jogar três-sete.¹ Numa manhã de domingo todos se reuniram para iniciar os trabalhos de construção com a limpeza do terreno. Lembro-me bem de Ica, marujo alto, forte, pescador, um dos primeiros que chegava nesses dias, meu pai, João de Iaiá, Grigório, Muca... foi um dia de farra! Para dar início à construção houve também um mutirão para buscar pedra. Todas as pedras usadas para as alvenarias da sede foram tiradas na maré, com marretas e alavancas. Várias manhãs de domingo nessa labuta. Num dia desses de tirada de pedras, quando voltávamos depois de a maré encher, passando por um rego, um peixe se bateu nas raízes do mangue, e foi uma festa, vários tentaram pegar esse peixe e Guga foi o mais ágil.

O grupo recebeu um convite para participar, dos festejos do dia de marinheiro no segundo Distrito Naval em Salvador. Foi um grande alvoroço na cidade. Minha tia trouxe a notícia, porém muitos dos membros não acreditaram, outros ficaram com medo, parecia o episódio narrado por Manoel Quirino:

Em certa ocasião, pelos festejos do dois de julho, João Pacheco, almirante de uma chegança, dirigia-se ao largo da lapinha, como de costume, no intuito de acompanhar os emblemas de nossa emancipação política. Ao chegar à praça de Palácio encontrou uma divisão do exército, estendida em linha, tendo à sua frente o comandante das armas, general Luiz da França Pinto Garcez. João Pacheco, bem persuadido de sua posição de almirante, fez parar o préstito, e, de acordo com as ordenanças em vigor, prestou as homenagens a que tinha direito o general, com

¹Um jogo de baralho muito antigo de que hoje só temos notícias de ser jogado em Saubara.

todas as formalidades do estilo. O general, por sua vez, não se fez esperar, retribuindo ao almirante a continência a que tinha direito, na ocasião. Esta circunstância, de todo imprevista, molestou a vaidade do capitão do porto, oficial da armada, Sr. Leal Ferreira [...] a ponto de procurar vingar-se com o popular João Pacheco, por ter batido a continência do general, num dia de entusiasmo patriótico. (QUIRINO, 1955, p. 65).

Foi preciso que viesse uma carta convite para que alguns acreditassem, e outros criassem coragem para ir ao tal evento. Chegado o dia (se não me falha a memória era 13 de dezembro de 1985), e um ônibus cinza, um carro oficial da Marinha do Brasil, chegou à cidade. Muita gente queria ver se era verdade que o grupo iria mesmo para o quartel da Marinha em Salvador. Antes da apresentação dentro dos festejos da Marinha, fomos à Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, onde o grupo fez a reverência, uma das mais bonitas que já presenciei.

Tive a felicidade e honra de ter sido concebido numa família onde as manifestações culturais tiveram sempre presente. Minha família materna muito envolvida como Samba de Roda e a família paterna com a Marujada. Esse ambiente me proporcionou a possibilidade de uma educação diferenciada, fora dos padrões da escola informal. E ter tido desde cedo contato com esse universo do aprendizado orgânico foi o caminho para agora conseguir ter alcançado a realização de projetos extremamente importantes para a preservação dessas manifestações.

No Grupo Cheganças dos Marujos Fragata Brasileira entrei como marujo, o mais jovem marujo, com apenas 3 anos, e cresci com o grupo. No grupo, uma das maiores alegrias foi quando recebi a notícia de que seria o calafatinho. Deveria ter 9 anos, quando, em um dos ensaios, que acontecia sempre aos sábados, o Contra-Mestre Duca disse: “Vamos ouvir a rezinga² do nosso calafatinho”, e me chamou para perto dele. Ele apitou, os guias iniciaram com os pandeiros, e eu, sem demora, cantei: “*Eu já não posso mais bailar ô mais bailar, mande-me senhora eu sentar, que é para eu puder descansar...*”, eu já sabia toda letra, conhecia o exato momento de cada intervenção na encenação. Sabia quando o piloto cantaria, quando tinha que me reportar ao piloto, ao mestre, ao patrão, como se fala, sabia tudo “de cor e salteado”, e quando cantei: “*Graças aos céus de todo meu coração ainda ontem estava preso e hoje já tô no cordão*”, percebi que tinha conseguido. A partir daquela data eu era o calafatinho e pude com muito orgulho, cantar minha rezinga.

²Rezinga é o efeito de rezingar, uma espécie de reclamação, discordância. O calafatinho reclama que tem trabalhado excessivamente e precisa de descanso. No meio da encenação, é acusado e preso, apela para os oficiais e é solto. De maneira bem alegre, festeja no final.

Ser calafatinho não dura muito tempo. Esse personagem é ocupado sempre por criança, e criança cresce. Eu cresci, e voltei a ser marujo comum. Particpei de algumas apresentações depois, mas dois motivos me fizeram por algum tempo me distanciar do grupo. O primeiro, é que muito rapidamente minha roupa se perdia. O grupo fazia apenas duas apresentações ao ano, e era necessário confeccionar roupa todos os anos. Por um período foi muito difícil para meus pais conseguir confeccionar minha farda (calça, camisa, sapato, chapéu, cinto, meia). Segundo, chegou também a adolescência, e com ela os mais diversos conflitos. Encontrei outros grupos, outras pessoas, que momentaneamente atraíram minha atenção. Mas, de alguma forma, estava sempre envolvido com a marujada. Acompanhava o zelo que minha mãe tinha com a farda de meu pai, o cuidado que meu pai tinha pela espada, a mágica do 4 de agosto, os ensaios... Eu saí da chegança, mas a chegança nunca saiu de mim. O sentimento de pertencimento é mais forte, e ecoa na lição aprendida com a canção: *“Cresce, cresce meu menino para a pátria defender, que o Brasil está jurado, liberdade ou morrer”*.

Nessa transição da juventude para a fase adulta, eu me reencontro novamente com a Chegança, e dessa vez espero que para sempre. Era por volta de 1996, meu pai ocupava o posto de Contra-Mestre, e eu juntei-me novamente ao grupo. Assumi o posto de piloto, função antes ocupada pelo meu pai. Tive momentos fabulosos, pude com meu pai, diversas vezes, cantar a rezinga do contramestre e piloto³ e sentia o orgulho dele em cantar comigo, sentimento que era recíproco. Viver esse grupo tornou-se necessidade vital. Mais concretamente percebi o quanto era dali que havia absorvido ensinamentos, que os momentos mais perigosos da vida pude driblar e sair ileso. Foram mais de dez anos vividos intensamente com meu pai no grupo, quando de repente descobrimos que ele estava doente. Um câncer na garganta forçou sua saída das apresentações do grupo. Desde então, eu assumi sua função e permaneço até os dias de hoje. Seis meses após a descoberta da doença, ele faleceu, e além de assumir a função, assumo também a responsabilidade de criar outros mecanismos para que o grupo permaneça em atividade.

São 41 anos de contínua transformação, aprendizados, crescimento. Sem a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira seria impossível conseguir perceber a vida sob a ótica da necessidade da vivência coletiva, da valorização e preservação da memória, da valorização da família. Foi esse grupo que me mostrou que é possível persistir na travessia e

³Nessa rezinga, o contramestre acusa o piloto de não saber para onde está navegando.

enfrentar com as tempestades, lembrando sempre do ensinamento: é certo chegar a um porto seguro.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRUDUÇÃO

Chegança dos marujos fragata brasileira: Memória de um marujo de primeira viagem.

Capítulo I

1-CULTURA, UMA NOVA VELHA FORMA DE EDUCAR: OS SABERES E FAZERES TRADICIONAIS, PODER PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.--21

Capítulo II

2-ORIGEM DO TERMO CHEGANÇA E SUAS DEFINIÇÕES.-----30

2.1- Cheganças De Mouros.-----35

2.2 Lutas De Mouros E Cristãos Ou Embaixadas.-----37

2.3 Cheganças De Marujos Ou Marujadas -----38

Capítulo III

3-ETNOMÉTODOS PARA A PERPETUAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR-----41

3.1 O lugar da memória na preservação das manifestações da cultura popular-----44

3.1.1 Analogia entre os poemas dos Lusíadas de Camões e a cantigas da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.-----48

3.2- Identidade: Um conceito estruturante na resistência das manifestações da cultura popular.-----60

3.2.1- Os Marotos pés de chumbo-----65

3.3- Música como elemento de memória-----68

Capítulo IV

4-Patrimonialização novos horizontes para uma autoorganização e autoreconhecimento. -----75

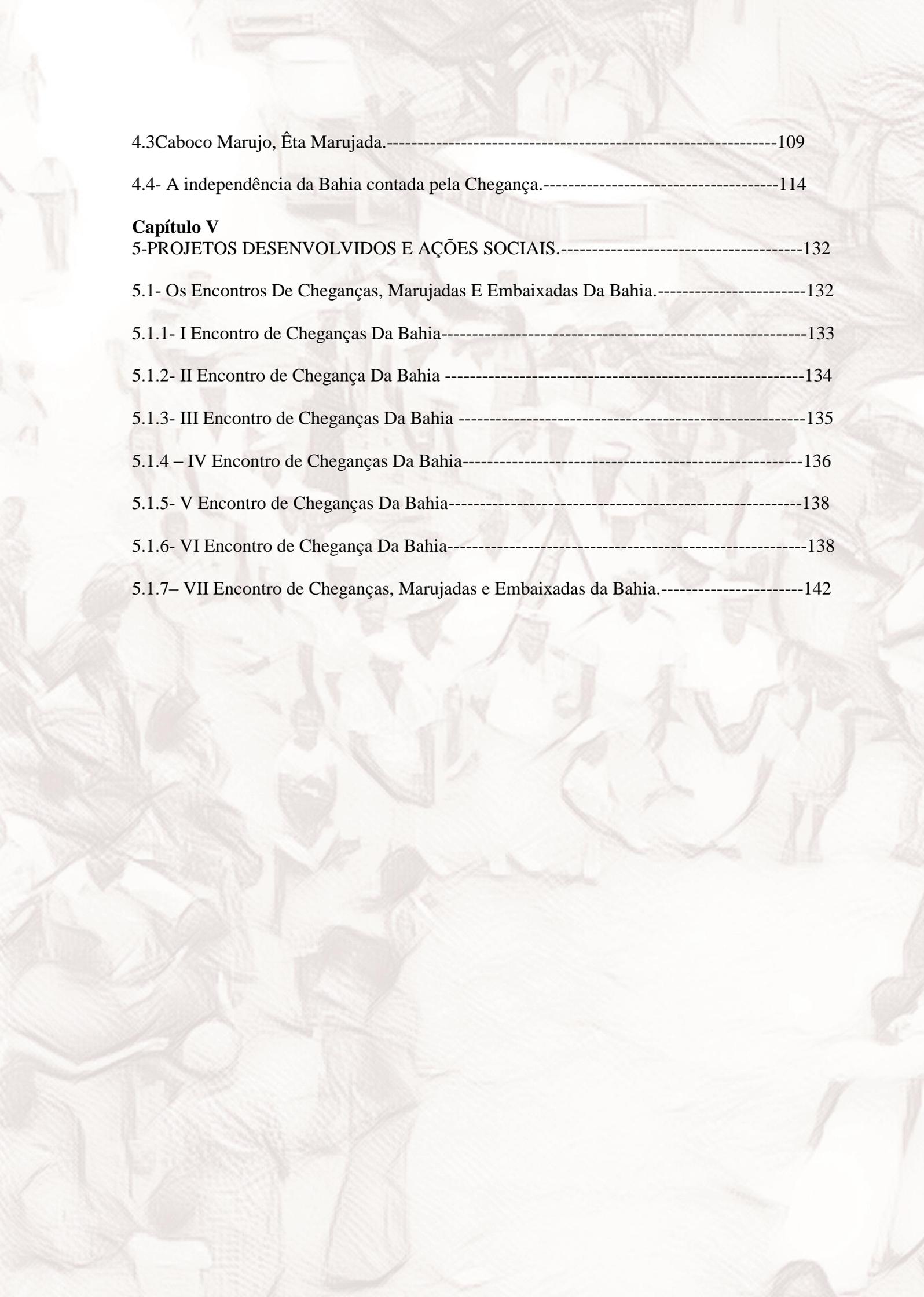
4.1-Os Grupos de Chegança de Saubara -----83

4.1.1- Chegança de Mouros Barca Nova (Feminina) -----84

4.1.2- Chegança de Mouros Fragata Barca Nova(Masculina)-----87

4.1.3- O Grupo Chegança Dos Marujos Fragata Brasileira.-----92

4.2- Saubara o porto seguro onde essa embarcação atraca.-----105



4.3 Caboco Marujo, Êta Marujada.-----	109
4.4- A independência da Bahia contada pela Chegança.-----	114
Capítulo V	
5-PROJETOS DESENVOLVIDOS E AÇÕES SOCIAIS.-----	132
5.1- Os Encontros De Cheganças, Marujadas E Embaixadas Da Bahia.-----	132
5.1.1- I Encontro de Cheganças Da Bahia-----	133
5.1.2- II Encontro de Chegança Da Bahia -----	134
5.1.3- III Encontro de Cheganças Da Bahia -----	135
5.1.4 – IV Encontro de Cheganças Da Bahia-----	136
5.1.5- V Encontro de Cheganças Da Bahia-----	138
5.1.6- VI Encontro de Chegança Da Bahia-----	138
5.1.7– VII Encontro de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia.-----	142

CAPÍTULO I

1- CULTURA, UMA NOVA VELHA FORMA DE EDUCAR: OS SABERES E FAZERES TRADICIONAIS, PODER PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Existe na estrutura social do Brasil, uma questão que merece atenção de quem busca, incansavelmente, defender as “minorias”, de quem defende os interesses dos afrodescendentes e dos povos originários: fazendo essa defesa, inevitavelmente, vai-se deparar com uma corrente que defende, estimula e pratica o “*apartheid* social”, mantendo essas populações como inferiorizadas e submissas. Esse pensar, que perpetua o pensamento eurocêntrico vem, ao longo dos anos, fazendo com que haja uma manutenção de condições sociais precárias para essas minorias, e isso tem sido cruel com a população negra no Brasil. Essa evidente separação, Henrique Cunha Jr. (2013) chama de “racismo antinegro” que produziu uma desqualificação social da população afrodescendente, com suas implicações nos mercados de trabalho, e no acesso aos bens materiais e imateriais para a população negra”. (CUNHA Jr, *apud* GARCIA, 2013, p. 208). O processo de desenvolvimento da formação brasileira com base no capitalismo, tendo como referência o modelo europeu, desenvolveu aqui uma tendência escravocrata que se sustenta desde o período da colonização até os dias atuais. Isso acontece quando ainda somos impedidos de ter as mesmas condições a saúde, a educação, quando as nossas práticas ancestrais ficam a margem das políticas culturais existentes, que concentram grande aporte financeiro na cultura de massa, quando se privilegia uma determinada região em detrimento a outras. Com o processo de colonização para a expansão do capitalismo, veio à necessidade da homogeneização da formação humana, dando a ela um caráter utilitarista, para atender ao crescimento econômico e territorial (SILVA, 2019, p 35).

Hegemonizar o ensino através do currículo vem sendo uma estratégia para a manutenção de concepções que abordam a ideia de existência de raças e de mestiçagem, e isso contribui para a proliferação de uma suposta inferioridade dos afrodescendentes no Brasil. Para que o currículo escolar tenha poder de controle social, é necessário que os significados educacionais que ele expande representem o capital cultural hegemônico na sociedade, ou seja, a cultura da classe dominante (SILVA, 2004, p. 42). Tratar todos e todas como seres que têm uma exclusiva forma de pensar e agir, é não considerar a

diversidade cultural existente entre todos os povos que compõem o país. Essas concepções de inferioridade atingem de forma avassaladora as produções culturais, e principalmente, aquelas produzidas por comunidades tradicionais, cujos indivíduos são obrigados a ingressar na educação formal onde veem seus conhecimentos orgânicos serem destruídos. É nesse cenário de exclusão que vislumbramos a possibilidade de uma educação que valorize os saberes e fazeres de comunidades, onde os saberes ancestrais são praticados e a formação de identidades a partir das experiências de vida das pessoas inseridas nos movimentos socioculturais seja de fato valorizada. Nesse sentido é que Boaventura de Souza Santos, (2002) aponta a necessidade de refletir sobre a permanência de paradigmas dominantes, encaminhamo-nos então, para uma nova forma de pensar subjetivamente sobre o outro. Nesse navegar buscaremos um diálogo com o trabalho de Tomaz Tadeu da Silva (2010), que apresenta uma importante visão sobre o currículo, colocando a necessidade de ampliação desse conceito, para que sejam valorizados os conhecimentos produzidos fora do ambiente formal da educação, para melhor compreender a diáspora africana, e seu legado na construção da identidade do povo brasileiro.

As práticas dos movimentos culturais foram por muito tempo relegadas à luz da ciência moderna, as ditas “narrativas mestras”, que de forma hegemônica sempre tratou o ser humano como sendo as mesmas, e os mesmos, em todos os lugares. É necessário romper e reinventar paradigmas que considerem os indivíduos como seres plurais, constituintes e constituídos de identidades, capazes de recriar suas formas de crescer no mundo, e com o mundo, sem perder de vista suas raízes, seus ensinamentos e aprendizados. Percebemos que ainda nos dias atuais, existem comunidades que alimentam e praticam a transmissão de conhecimentos ancestrais, como forma de preservar suas identidades, garantindo que saberes do passado sejam experienciados por várias gerações. Um dos pilares dessa resistência são os grupos de “Culturas Populares”, que utilizam técnicas ancestrais, como a oralidade, para não se submeterem às investidas massacrantes da modernidade. Apesar de serem também esses seres que vivem e convivem com a suposta modernidade.

Entretanto, resistindo aos processos de dominação e, mais especificamente, aos processos de escolarização do conhecimento, alguns grupos e sociedades denominadas de “Culturas Populares” e “Povos e Comunidades Tradicionais”- especialmente de matriz africana- sustentam seus modos de estar e agir no mundo, preservando tradições ancestrais seculares, trazidas para o Brasil pelas correntes da

escravidão. Dessa maneira, preservam também os processos educativos para o constituir-se humano afastados dos processos de escolarização por meio de práticas que remetem ao cotidiano de suas comunidades-mãe: as sociedades tradicionais africanas, que antecedem a expansão da colonização européia e a escravidão. (SILVA, 2019. p 36).

Mesmo que integrantes de uma determinada comunidade ou grupo tradicional tenham uma aproximação com a escola formal, será no seio de sua ancestralidade que seu processo de formação se iniciará de maneira mais efetiva e afetivamente. Precisamos cada vez mais, e incansavelmente, sugerir práticas que articulem os elementos da cultura popular para serem inseridas no ambiente escolar, a fim de que tenhamos uma educação que favoreça e reconheça os saberes e experiências de fora da escola.

Quem melhor poderia explicar o que aprendeu dentro de um grupo cultural, senão quem lá foi formado? Tendo esse entendimento, lanço-me à tentativa de, embora ter convivido com diversas outras experiências, desenvolver uma narrativa explicativa que possa, em certa medida, colaborar na difusão de um conhecimento outro, ou simplesmente fazer com que pessoas percebam o quanto são importantes as produções realizadas nos mais diferentes ambientes sociais, já que para a etnometodologia todas as ações praticadas pelos indivíduos podem servir como processo investigativo, através de uma pesquisa.

A etnometodologia propicia realizar estudos sobre aquilo que mais dá sentido ao universo do indivíduo, é ter a possibilidade de construir para si uma autoestima necessária para o enfrentamento das adversidades encontradas durante a vida, é buscar sentido naquilo que mais lhe é tocante, o que possibilitou transitar nos diferentes meios, orientando suas tomadas de decisões. Perguntas em relação aos saberes e experiências podem ser feitas a todo momento. Por que as experiências dos indivíduos ficaram sempre num lugar de subtrato? De que lugar vieram os responsáveis por educar na escola? Essas são questões antigas, e ainda tão atuais. A escola, mesmo se dizendo moderna não deixou de ser arcaica, e, assim sendo, cuida de um currículo universalizante, que despreza o ser humano enquanto produtor de seu conhecimento. Para essa conclusão não precisaria citar qualquer teórico, basta apenas olhar um pouco para trás, e logo me lembro de como era ironizado por tentar exemplificar algo da escola com a minha música, com a minha tradição, nunca era possível na escola, ter como exemplo o samba de roda, a marujada, a não ser nos momentos de folclorização (02 de

julho e o dia do folclore). Daí surge para mim uma indagação: esse desprezo pelo saber do indivíduo configura-se num etnométodo? Essa minha dúvida se alicerça em Macedo *et al* (2014), que diz: “para muitos planejadores de currículo, a propósito, a experiência é percebida como um ‘epifenômeno’, uma ausência sem necessidade de justificativas, em alguns casos um mal entendido perigoso”. A escola tardou em reconhecer que as diferenças presentes em seu ambiente precisavam de um tratamento diferenciado. Posta como estava ela, não daria conta de cumprir seu papel de colaboradora na formação dos indivíduos. Desconsiderar, ignorar toda a gama de conhecimento trazida de fora para dentro da escola, pelos indivíduos, era tão perverso quanto qualquer outra forma de discriminação. A necessidade de se criar uma escola receptora dos saberes extraescolares, fez com que o modelo tradicional de currículo fosse posto em cheque, trazendo à tona outra ordem curricular. Era emergencial que não apenas a questão social fosse vista na construção do currículo, demandas outras deveriam fazer parte do currículo educacional para que a escola começasse a dar conta de atender os mais variados aspectos da sociedade, e, exclusivamente, os aspectos étnico-raciais.

Para Tomaz Tadeu (2010) da Silva “a teoria crítica do currículo tinha que levar em conta também as desigualdades educacionais centradas nas relações de gênero, raça e etnia (SILVA, 2010, p.99). Esse pensar transfigura a necessidade de dar a devida importância às formas como os indivíduos aprendem fora da escola, como eles formulam conhecimento em seus locais particulares, como em um grupo de manifestação cultural, por exemplo. O grupo da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira é a manifestação cultural na qual eu aprendi diversas lições, que talvez a escola convencional não daria conta, e da qual participo até hoje, na função de contramestre. A aprendizagem a partir desse grupo vai além da formação social e sentimental, ela se dá na sua dimensão prática. Enquanto o professor tentava, sem muito sucesso, falar de temas como a independência da Bahia, eu já tinha contato com o tema desde muito cedo, tão somente por ser do grupo: *crece, cresce meus meninos para pátria defender, que o Brasil está jurado ou liberdade ou morrer*⁴, cantava isso bem antes de ser forçado a cantar:

Cresce, oh! Filho de minha alma
Para a pátria defender
O Brasil já tem jurado

⁴ Trecho de cantigas do grupo, uma estrofe que aparece em diversas músicas e em diversos ritmos.

Ouvir esse trecho de umas das músicas da chegada era como se todos dali estivessem repassando para mim aquela responsabilidade. Soava-me como algo direto, pois eu era o menino dali. Além disso, abre espaço para outra indagação: quem primeiro cantou esse trecho? Quem ouviu de quem esse trecho? É possível que se tenha uma construção simultânea desse trecho? Uma possibilidade de estudo que a educação formal ignora, e que está ali sendo cantada, declamada por um grupo da comunidade onde crianças, jovens e adultos que compõem o grupo, são os mesmos que estão no ambiente escolar. A instituição não percebe ou não considera que esses conhecimentos trazidos de fora podem servir como elemento potencializador da aprendizagem escolar. Conhecer determinados assuntos através de um grupo cultural pode revelar a natureza pedagógica que a cultura oferece para que o cidadão aprenda.

Para Tomaz Tadeu (2010) esses conhecimentos extracurriculares

mesmo sem ter o objetivo explícito de ensinar, entretanto, é óbvio que elas ensinam alguma coisa, que transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidas como tais são vitais na formação da identidade subjetividade. (SILVA, 2010, p. 140).

A cada momento de ensaio, a cada apresentação, essa canção foi ficando entranhada no meu subconsciente, fazendo com que minha vida fosse a chegada, como se eu e a chegada fossemos algo indissociável. A minha formação enquanto pessoa se deu a partir desta convivência, a permanente participação das ações no grupo me levou a construir a minha identidade, e me trouxe a possibilidade de uma reflexão mais crítica do meu papel como pessoa, também formadora de opinião. Esse entendimento parece dialogar diretamente com o que aponta Josso:

a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas de valores num espaço-tempo que oferece a cada uma oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros (JOSSE 2004, p. 39).

Ser do recôncavo, baiano, saubarense, brasileiro, para mim tem muito mais significado por ter aprendido no grupo cultural do que ter sido forçado a um

⁵ Trecho do hino da Bahia.

aprendizado sem significação. Arrisco-me a interpretar de forma bastante firme, a possibilidade de como, de maneira sutil, tais ensinamentos foram incorporados nesta manifestação, utilizando-se da ludicidade, do canto, da dança, da música, para fazer aprender sobre fatos históricos importantes. Faz-se necessário salientar que a partir desta ótica

identificamos na etnometodologia, por exemplo, fios condutores interessantes para encontrarmos e compreendermos os saberes da experiência, na medida em que essa teoria do social se esmerou em compreendê-los como saberes que, em última instância, organizam e realizam o social, para todos os fins práticos e, a partir dessa condição, instituem ordens culturais. (MACEDO, 2014, p. 1563).

Logo, percebemos a necessidade imediata de mergulhar neste oceano, e buscar saber mais sobre o ser etnometodológico, e construir uma base teórica que venha a colaborar no desenvolvimento do produto final desta pesquisa. Sobre a noção de *etno*, já havia consultado uma literatura e tinha certa aproximação por conta de outras experiências, em ocasião do curso de especialização em Educação Matemática, iniciado e não concluído na Universidade Estadual de Feira de Santana. No decorrer do curso de especialização, pesquisei sobre a etnomatemática, que de acordo com LOPES (2006) é uma “moderna forma de ensino da matemática, que é feita levando em conta o fato de povos de várias partes do mundo desenvolveram métodos próprios de contar, medir e marcar o tempo” (LOPES, 2006, p. 62). Neste momento, descrevi o “jogo de gude” (triângulo) e elaborei questões matemáticas para aplicar em sala de aula.

Como é possível um grupo de uma manifestação cultural manter-se resistente ao longo dos tempos, enfrentado as mais diversas investidas de uma camada da sociedade que cada vez mais tenta apagar da história, os fatos que revelam quais foram os verdadeiros caminhos que lhes trouxeram até aqui? Esse é um questionamento que imagino poder ser melhor investigado se sustentado por uma teoria sociológica que tenha em seus pilares o reconhecimento de que somente quem tem uma relação intrínseca com seu objeto, quem é membro da comunidade pode melhor extrair as respostas de seus pares. Membro aqui é o apresentado por Coulon “no vocabulário etnometodológico a noção de membro não se refere à pertença social, mas, ao domínio da linguagem natural.” (COULON, 1995, p. 47). Para além da possibilidade de uma pesquisa orientada pela Etnometodologia, assegurar uma relação muito intimista entre pesquisador e pesquisado, é possibilitado também que as formas pelas quais isso

aconteça, sejam orientados por etnométodos que possibilitam um processo de negociação entre os elementos constituintes do processo. Esse diálogo é o caminho que possibilita ao sujeito evidenciar, tornar público suas formas de proceder no mundo, tendo como elemento sua inserção nas produções de suas localidades. É como cada indivíduo inserido em movimentos culturais, sobrevive por conta também da existência dessa ou daquela manifestação. Um dado surge como elo recriador desta manifestação: a memória. Apenas foi possível restabelecer o grupo da Chegança Fragata Brasileira por conta da existência de pessoas que tiveram o convívio com outras pessoas participantes de uma formação anterior. A memória se coloca aqui como elemento de sustentação dos fundamentos onde está depositado o poder de resistir, é de onde renasce, revivem individual ou coletivamente expressões desarticuladas com o passar dos tempos. Estamos, portanto, no campo movente da subjetividade. “De uma criação contínua do que nos constitui, o que passa pelo reconhecimento e pela aceitação das referências pessoais, uma escolha que se vocaliza de uma forma que não é neutra, e, por isso mesmo se vê autorizada” (ALVES e NASCIMENTO, 2016, p. 25). Foi o que aconteceu com esse grupo. As crianças do passado se juntaram e coletivamente reativaram o grupo. A memória se apresenta aqui como um instrumento etnometodológico a favor da aprendizagem.

Esses mecanismos usados como construtores de aprendizados são o que entendemos como etnométodos. Neste sentido, entendo que a oralidade dialoga com a etnometodologia, pois “pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias”. (COULON, 1995 p. 30).

As experiências vividas por indivíduos em seus ambientes sociais não formais os levam para uma compreensão de mundo que vai além do projetado na formalidade. O aprendizado adquirido de maneiras diferentes, distantes da racionalidade sistemática, acadêmica, proporciona um conhecimento não estático, dando a esse indivíduo o *status* de intelectual orgânico, produtor de sua própria narrativa. A apropriação desses saberes é o que Silvia Michele Macedo de Sá (2016), chama de etnoaprendizagem,

por mais que aconteça em bacias semânticas socioculturais, em suas diversas formas e manifestações, é no âmbito da irredutibilidade nas experiências do sujeito que aprende. Somente é capaz de narrar seus processos e descrever com propriedade tais encaminhamentos e os resultados atingidos, ou seja, seu aprendizado. (Alves e Nascimento, 2016, p.76).

Os saberes e as experiências configuram-se como aportes extremamente importantes para uma tomada de compreensão e posicionamento que coloca a pessoa no centro das suas próprias ações. A visibilidade que se passa a ter a partir do entendimento de que as vivências individuais e coletivas incubem-se de garantir o protagonismo do indivíduo é imprescindível para uma nova forma de comportamento social, que poderá, de algum modo, refletir de forma ambígua. Da experiência emerge o que há de mais fundamental para as educações experienciais, ou seja, o ponto de vista, as definições das situações, as opiniões. Com isso, em toda experiência surgem políticas de sentido, lutas por significados, daí que a experiência vive relações de poder que implicam em legitimações e deslegitimações, com consequências políticas importantes. (Macedo *et al* 2014). “Em vez de fazer a hipótese, que os atores seguem regras, o interesse da etnometodologia é pôr em evidência os métodos pelos quais os atores ‘utilizam’ essas regras”. A revelar esse seu entendimento Coulon (2018), nos apresenta um novo e surpreendente paradigma, pois coloca não somente a pessoa no centro da discussão, coloca a sua produção da vida em evidência, coloca suas relação sociais coletivas como algo palpável, e com ensinamentos. Buscar entender os sinais que permeiam uma construção sociocultural longe das regras pragmáticas que sempre regeram a criação acadêmica constitui-se num modelo de convívio social com valores de exponencial geométrico.

Desenvolvemos então as nossas maneiras, os nossos métodos para a preservação (a cantiga, a dança, a comida, o vestir, o dar a bênção, o pedir a bênção, sentar em rodas, ouvir os mais velhos, falar para os mais novos, rezar, ofertar, cultivar, reverenciar...), dessas práticas que sutilmente, estratégica e potencialmente, garantiram que até hoje, ainda fosse possível experimentar práticas seculares.

Exu ajuda Olofim na criação do mundo:

Bem no princípio, durante a criação do universo Olofim-Olodumare reuniu os sábios do Orum para que ajudasse no surgimento da vida e no nascimento dos povos sobre a face da terra.

Entretanto, cada um tinha uma ideia diferente para a criação e todos encontravam algum inconveniente nas idéias dos outros, nunca entrando em acordo.

Assim, surgiram muitos obstáculos e problemas para executar a boa obra a que Olofim se propunha.

Então, quando os sábios e o próprio Olofim já acreditavam que era impossível realizar tal tarefa, Exu veio em auxílio de Olofim-Olodume.

Exu disse a Olofim que, para obter sucesso em tão grandiosa obra, era necessário sacrificar cento e um pombos como ebó, Com o sangue dos pombos, se purificariam as diversas anormalidades que perturbam a vontade dos bons espíritos.

Ao ouvi-lo, Olofim estremeceu, porque a vida dos pombos está muito ligada à própria vida. Mesmo assim, pouco depois sentenciou: - Assim seja pelo bem de meus filhos. E pela primeira vez se sacrificaram pombos.

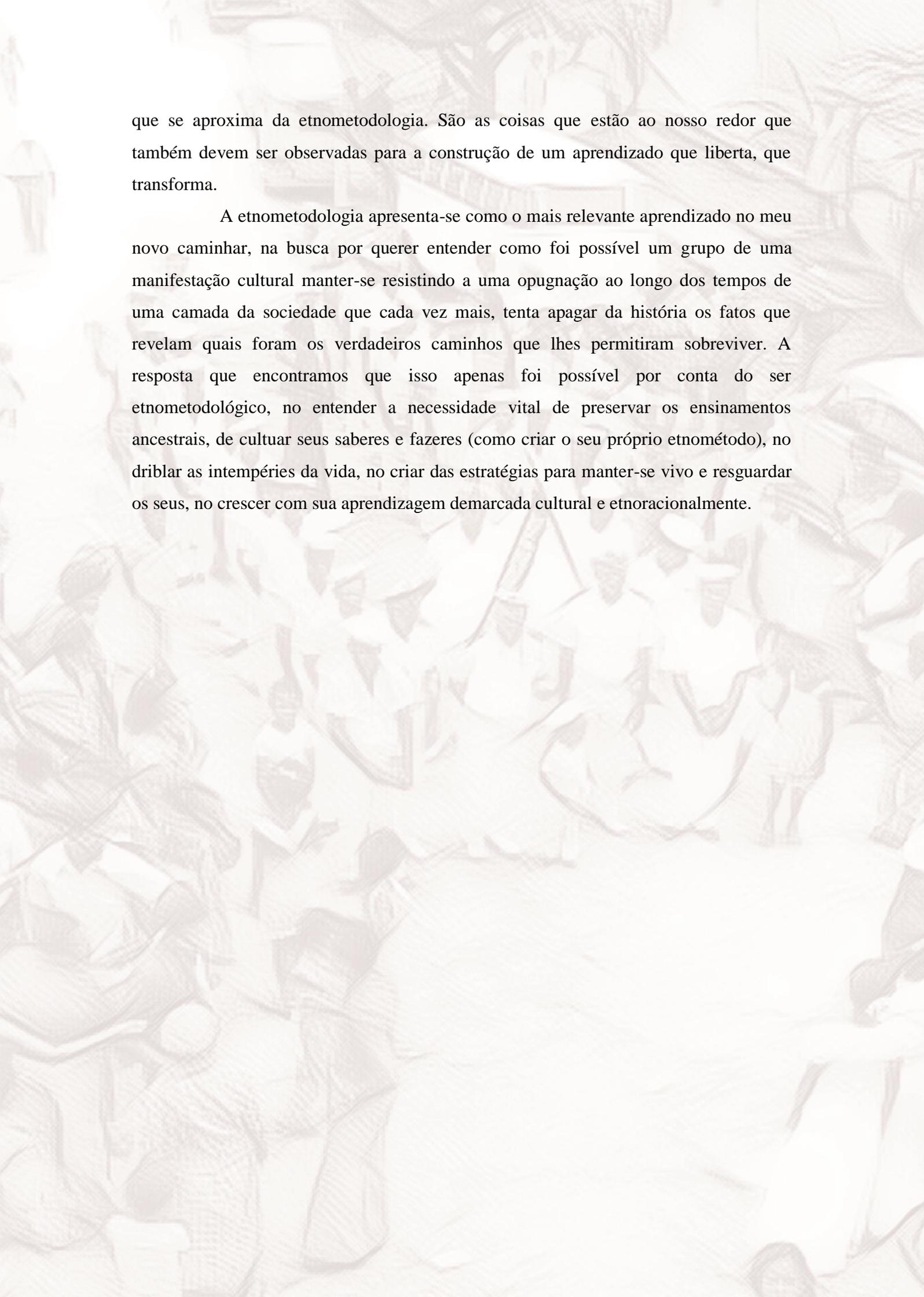
Exu foi guiando Olofim por todos os lugares onde deveria verter o sangue dos pombos, para que tudo fosse purificado e para que seu desejo de criar o mundo fosse cumprido. Quando Olofim realizou tudo o pretendia, convocou Exu e lhe disse: Muito me ajudaste e eu bendigo teus atos por toda a eternidade. Sempre serás reconhecido, Exu, serás louvado sempre antes do começo de qualquer empreitada. (PRANDI, 2001, p.44).

Nessa história encontramos “uma apresentação de outras possibilidades de viver o mundo, para além da ideologia, para além da racionalidade, para além da ciência”. Essa e outras histórias “são histórias vivas, que habitam o cotidiano e o imaginário de muitos brasileiros. São histórias, narrativas, fragmentos culturais que sinalizam outras possibilidades da apresentação, de modos de sentir, agir, pensar, saber... Essa conclusão do conto sobre a criação do mundo apresentada por Prandi (2001) configura-se como um etnométodo porque, a partir da compreensão desse conto, diversos ensinamentos passam a fazer parte de seu repertório de pessoas que convivem em comunidade, onde o saber ancestral é tido como base de sua formação e está ligado intrinsecamente com o seu fazer diário. O aprendizado recorrente desse contato servirá como elemento potencializador das suas concepções e entendimentos o que

Comprometida com as singularidades da condição humana na sua diversidade e diferença [...] é tida como um processo sociocultural legítimo e de direito na admissão da existência de diferentes formas de educar e de aprender, inerentes à condição humana.(MACEDO DE SÁ *apud* ALVES, 2016, p. 75).

É necessário compreender sem diminuir o valor das manifestações culturais das comunidades, para que essas sirvam como elemento da dinamização do aprender, proporcionando o desenvolvimento da capacidade de se manifestar e revelar seus desejos. Levar em consideração tudo aquilo que é produzido durante a vida de um indivíduo é tirar os conhecimentos do senso comum, de um lugar sem valor, para um lugar onde, minimamente, seja valorizado tal qual qualquer outro tipo de produção intelectual.

Quando Paulo Freire (1989) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, de uma forma bastante refinada ele já nos orienta para a percepção de algo



que se aproxima da etnometodologia. São as coisas que estão ao nosso redor que também devem ser observadas para a construção de um aprendizado que liberta, que transforma.

A etnometodologia apresenta-se como o mais relevante aprendizado no meu novo caminhar, na busca por querer entender como foi possível um grupo de uma manifestação cultural manter-se resistindo a uma opugnação ao longo dos tempos de uma camada da sociedade que cada vez mais, tenta apagar da história os fatos que revelam quais foram os verdadeiros caminhos que lhes permitiram sobreviver. A resposta que encontramos que isso apenas foi possível por conta do ser etnometodológico, no entender a necessidade vital de preservar os ensinamentos ancestrais, de cultivar seus saberes e fazeres (como criar o seu próprio etnométodo), no driblar as intempéries da vida, no criar das estratégias para manter-se vivo e resguardar os seus, no crescer com sua aprendizagem demarcada cultural e etnoracialmente.

CAPÍTULO II

2- CHEGANÇA E SUAS DEFINIÇÕES.

O velho lexicógrafo Antonio Morais Silva, em seu Dicionário de Língua Portuguesa, *fac-simile* da segunda edição de 1813, fotografada em 1922, pela “Revista de Língua Portuguesa”, em comemoração ao primeiro centenário da Independência do Brasil, dá ao vocábulo “Chegança” um segundo significado, no plural, de: “Chistes, letrinhas chulas que se cantavam”. Cândido Figueiredo, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, registra o vocábulo como: “dança lasciva do século XVIII”. Mário de Andrade diz que o termo chegança “terá vindo por certo de uma dança não dramática portuguesa que teve grande voga pelo século XVIII e que era tão imodesta em coreografia que a proibiram pelos tempos de pombal” (GOMES 1941, p 16). Para o também lexicógrafo Luís Câmara Cascudo, “chegança” é um auto popular brasileiro do ciclo do natal (1962, p. 204). Chegança “[...] é a versão brasileira, ou melhor, nordestina, das Mouricadas da Península Ibérica e das Danças Mouriscas da Europa” (BRANDÃO, 1976. p, 3). Segundo Manuel Quirino, “chegança” é um auto patriótico-marítimo do ciclo das conquistas portuguesas e filia-se nas Moralidades outro ramo do arremedilho peninsular. (QUIRINO 1955, p 62).

A professora Helitânia dos Santos Pereira⁶ fez algumas anotações acerca do surgimento da palavra chegança e para tanto faz uma análise “da formação de palavras na perspectiva da Morfologia Distribuída, teoria que traz os fenômenos morfológicos não como resultantes de transformações, mas como tema central na teoria gerativa”. E apresenta a definição de *blend*, “exemplos de casos desse processo de formação no português brasileiro”. Para Helitânia, existem duas possibilidades para o surgimento da palavra Chegança “traz-se elementos sobre a história da manifestação cultural *Chegança dos marujos* que evidenciam ser uma junção dos itens *chegar + festança*”. Se levarmos em consideração algumas atividades de grupos de chegança, que fazem suas performances a partir do imaginário de terem sobrevivido depois de inúmeras batalhas e tormentas, e voltam para sua terra onde agradecem e celebram com muita festa, essa teoria seria perfeita para explicar o significado da palavra.

⁶ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPgLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), para a disciplina LETE04 - Tópicos em Sintaxe II, ministrada pela Profª Drª Maria Cristina Figueredo e pelo Prof. Dr. João Paulo Lazzarini Cyrino.

*Graças ao céu/ Ô Maria Virgem Bela 2x⁷
Ainda agora em perigo/ Já estou em salva terra 2x*

O que fazer se não festança depois de se livrar de um perigo?

Outra análise feita pela professora é “possibilidade de formação seria a junção do verbo *chegar* mais o sufixo *-ança*.[...] Por essa perspectiva, seria possível considerar que *chegança* expressa o “ato durativo de chegar”, uma vez que retrata a chegada de marujos após período no mar. (PEREIRA, 2017 p. 3).

A Chegança é uma manifestação cultural realizada, inicialmente, por homens pescadores, e conta a história das batalhas marítimas contra as forças europeias na luta pela independência da Bahia. (SILVA, 2019, p. 146). Essa é uma definição que se aproxima do que é o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira de Saubara, particularmente por fazer alusão aos episódios acontecidos no ano de 1823. Falaremos um pouco mais profundamente desse tema quando tratarmos de maneira mais específica sobre o grupo.

O professor Jarbas Farias em sua canção “Chegança” nos apresenta a mais poética definição do que seja uma chegança. Isso é, para mim, o sentimento mais profundo da representação do que seja hoje uma chegança ou do ser cheganceiro⁸. A Chegança é a profundidade encontrada no interior de cada indivíduo que dela participa; é a pureza do marujo que, incorporado em seu corpo físico, transcende toda e qualquer possibilidade que querer simplesmente encontrar uma definição.

Um barco que é feito de canto/
Seu remo é pandeiro
Seu mar é seu canto/
Navega nas águas da saudade/
Ancestralidade
Um rio e mares para eternidade...

Há uma série de narrativas que apresentam a Chegança como de origem lusitana, e isso fica bastante evidente quando ouvimos algumas canções entoadas por alguns grupos, a exemplo da Chegança de Mouros Flor do Dia de Taperoá:

⁷Musica do Grupo Chegança do Marujos Fragata Brasileira. Trecho da encenação da Barca, depois de sérios problemas na embarcação o calafatinho conserta e todos seguem para um porto seguro.

⁸Termo que vem sendo usado pela para designar uma pessoa que participa de uma chegança.

*...Meus bons marujos vamos a Lisboa
Com o gajeiro acima, já avistou terras boas...*

Ou ainda pelo Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira de Saubara:

*...Gajeiro a vista, gajeiro a vista/
Terra na proa, terra na proa/
Avistamos avis⁹, avistamos avis/
Estamos em Lisboa, estamos em Lisboa...*

Sobre a origem da chegança, apesar das evidentes referências do cancionero popular, em determinados instantes se faz necessário fazer uma interpretação, na busca de encontrar um melhor entendimento sobre o seu surgimento.

Escritas como esta:

Em Portugal era dança no século XVIII, proibida por D. João V em maio de 1745, sob pena de prisão no aljube e no troco. Era extremamente lasciva e sensual, mas se tornara popularíssima e o povo cantava: Já não se dançam cheganças/ que não quer o nosso rei,/ por que lhe diz Frei Gaspar/ que é coisa contra lei [...] Era dança de par solto, “anca contra anca, peneirando-se coxas contra coxas. (CASCUDO, 1962 p.204)

Nos deixa a compreensão de que estamos falando de duas coisas bem diferentes, ou estamos falando de algo que se transformou ao longo dos tempos. Como podemos observar, em nenhum grupo hoje denominado de chegança encontramos essa característica de ser obsceno. O que talvez se aproxime dessa lascividade transcrita por Luiz Câmara Cascudo é a observação de que

o heroísmo, a coragem, os trabalhos cotidianos, a tradição profana, a pátria, a guerra, a história, concorrem vastamente com toda a sua simbólica, desorientando, confundindo, deformando, mascarando, dando mesmo a alguns bailados uma finalidade nova, que não sendo nunca falsa[...], não é mais originária,(ANDRARDE, 1959, p. 25).

Outro importante aspecto a se observar sobre a origem da chegança é a relação indissociável com a diáspora africana. Imaginamos sempre, à primeira vista, que as chamadas “grandes navegações” foram as únicas aventuras marítimas para as terras do ocidente, no entanto, “uma caravela portuguesa era capaz de transportar cerca de 500 cativos, e um pequeno bergantim podia transportar até 200. Nos últimos anos do tráfico, a média de escravos transportados por navios era de 50. (FRAGA, 2009, p, 29). Este massacrante período da história, que marcou a retirada brusca de pessoas do continente africano para o Brasil, serviria como um divisor histórico em suas vidas, porém, as

⁹ Avis, cidade próxima a Lisboa, Portugal.

lembranças trazidas do continente africano seriam como elementos constituintes do território brasileiro. E ao relacionar as navegações no Brasil apenas às navegações portuguesas, fica explícito o pensar que os portugueses opressores, que também dominavam a navegação, e através dela chegaram às nossas terras e as exploraram, provoca uma forma de preconceito contra todos os grupos culturais que têm em seu enredo temas marítimos, como é o caso das Cheganças/Marujadas. Esse preconceito fez com que permanecêssemos por bastante tempo às margens das políticas culturais e sociais.

Foi no transatlântico que a diáspora africana aconteceu. Foi assim que o Brasil recebeu milhares de pessoas que foram em condições sub-humanas para outras terras, e tiveram que adaptar-se, e ao mesmo tempo, produzir novas formas para a manutenção de suas tradições. Logo após o período da colonização, instalou-se no Brasil uma forma de opressão na qual as pessoas não tiveram condições de enfrentar a nova ordem social. Para Hall (2009) o período pós-colonial dissolve a política de resistência, uma vez que “não propõe uma dominação clara, nem tampouco demanda uma clara oposição”. (HALL, 2009 p. 96).

Essa demanda clara de que fala Hall (2009) aparece na forma com que os povos descendentes de africanos encontraram para manterem-se vivos, e com a capacidade de continuar com suas práticas no Brasil. Não foi diferente o que aconteceu com as cheganças, apesar da sua ligação estreita com a cultura ibérica, foram os negros descendentes que assumiram o seu fazer, como maneira de estar inseridos nas atividades em suas comunidades. O ato de ligar imediatamente a chegança à Portugal e Espanha, de maneira naturalizada, é uma forma de invisibilização da participação negra nessa manifestação. Esse pensar permitiu o crescimento de um processo preconceituoso com esses grupos. Kubik(2008), aponta esse preconceito e ao mesmo tempo explicita de maneira bastante nítida que vem da descendência negra africana um dos principais elementos que compõem essa manifestação. É a partir desta consciência que assumimos o nosso papel de povo tradicional, de comunidade tradicional, de afro-brasileiro que ao longo dos tempos teve que se apropriar de todos os modelos impostos e ressignificá-los, para manter viva a sua memória:

O Brasil está repleto de exemplos de reconfiguração cultural. Assim, a porção de elementos da África Ocidental e da África das culturas bantus é diferente de acordo com a região e mesmo com a manifestação em si. Mesmo assim, quando cheguei aqui há mais de 30

anos, espantei-me diversas vezes com o quão pouco se considerava a importância das culturas bantus para os folguedos como congada de São Paulo e de Minas Gerais ou a Marujada na Bahia. Em especial em relação a esta última. Os autores subestimavam a porção africana justamente por acreditarem que essa manifestação representasse unicamente um auto português (em torno do marinheiro). Justo a corporalidade dessas manifestações já indica de onde provem as bases conceituais. (KUBIK, 2008, p, 97).

Para o autor, é o povo negro quem mais contribui para a permanência de tal manifestação. É o seu corpo que, explorado na escravidão outrora, agora é elemento que indica de onde provém sua existência. As Cheganças possuem elementos característicos distintos, que, no momento da interconexão, originam especificidades. As performances do grupo, baseadas em movimentos corpóreos elevados pelos cânticos, criam narrativas que contribuem para o conhecimento do processo histórico vividos em sua dimensão marítima. Entendemos, dessa forma, que os grupos de Cheganças se constituem num espaço de produção do saber/fazer, gerando simultaneamente, conhecimento histórico, expressão artística e manutenção da salvaguarda da cultura local e ancestral. Encontramos em comunidades resquícios dessa influência negra, nas narrativas de pessoas que até hoje transmitem ensinamentos, a partir da consciência da contribuição de povos africanos no meio dessa manifestação. No extremo sul da Bahia, nas cidades de Caravelas, Alcobaça e Prado, encontramos depoimentos que apontam para essa ligação entre essa manifestação e o continente africano: Adilson Santos membro da irmandade de São Benedito, e da Marujada nos disse em entrevista que:

(...) Isso é devoção antiga, isso é tradição “folclórica” pertencente a São Benedito que veio da África, causada pelos negros, São Benedito é quilombola, foi escravo, foi que causou essa marujada[...] por isso botou o nome dos marujos, São Benedito foi marujo e marinheiro”...¹⁰

Mestre Pedro dos Santos também da Irmandade de São Benedito e da Marujada acrescenta dizendo que: “Então Deus vendo que ele tinha muito prestígio de ajudar os pobres aí quando ele morreu virou santo”...¹¹. Para Joãozinho de Oliveira, mestre da Marujada de Alcobaça “a marujada praticamente foi criada no sertão do Prado e de Alcobaça, também através dos negros, entendeu, e isso foi influenciando que através dos negros, os brancos e índios tudo brinca”¹².

¹⁰ Entrevista realizada na cidade de Prado em dia 02 de abril de 2018.

¹¹ Entrevista realizada na cidade de Prado em dia 2 de abril de 2018

¹² Entrevista realizada na cidade de Alcobaça em dia 1 de abril de 2018

Como vemos, as celebrações artísticas as vivências de navegações extrapolam o limite da dominação portuguesa no Brasil. É no fazer da chegada/marujada que os negros encontram uma maneira de permanecer com suas memórias vivas nas terras do além mar.

2.1– Cheganças de Mouros.



Grupo de expressão artístico-cultural, as Cheganças de Mouros apresentam as Lutas de Cristãos e Mouros que acontecem na Europa, Ásia, África e América Latina. Essa apresentação narra uma história, a partir da performance desses grupos, sobre a reconquista de territórios na Península Ibérica, ocupada pelos mouros durante o século V, onde toda a população de mouros era muçulmana, e, por isso mesmo, foi considerada infiel pelos cristãos. Nas Américas, elas ganharam contornos dos portugueses e espanhóis. No Brasil, existe uma singularidade no processo de construção desses grupos: o corpo negro entra em cena. As lutas são performadas nas ruas, apresentando uma narrativa particular sobre as festas europeias, ressaltando o drama das guerras de conquistas, bem como o processo de evangelização. Uma particular tradição se edifica, tendo os indígenas representando os mouros, uma vez que eram considerados

pagãos pela Igreja. Uma das características das Cheganças de Mouros é que os cristãos são marujos e se vestem com roupas iguais às de uma marinha de guerra, e os mouros vestem-se de vermelho e ficam sempre distante dos cristãos. Os cristãos estão sempre dispostos em duas filas (cordão), em alguns grupos encontra-se a figura dos Guias, Pimpão, I e II Gajeiros, Calafatinho, no centro do cordão tem a figura do Mestre, Contra-mestre, Embaixador e General (apesar de não haver essa patente numa marinha), Guardas, Porta –Bandeira. Os Mouros são representados pelo Rei, Príncipe, Guardas e em alguns grupos vemos a figura da Princesa todos sempre vestidos com roupas vermelhas (outros personagens podem aparecer isso também sofre uma influência de cada lugar onde esses grupos são constituídos). A encenação de uma chegada de Mouros acontece quase que inteiramente cantada, acompanhada por ritmos feitos por pandeiros. Todo enredo se inicia quando o Mestre pede para o gajeiro subir no mastro e observar se há alguma outra embarcação a sua procura.

*Mestre: Gajeiro grande subir ao tope
Olhando para sul e olhando para o leste*

*Gajeiro: Já estou em cima meu contra mestre
Olhando para o sul e olhando para o leste*

*Mestre: Olhas e ver se há alguma vela
A nos procurar*

*Gajeiro: Meu contra –mestre á te dou parte
Lá vêm os Mouros teremos combate*

Este é um trecho da Chegança de Mouros Barca Nova da cidade de Saubara a partir desse momento dá-se o encontro da embarcação dos cristãos com a embarcação dos mouros. O Embaixador cristão é enviado pelo general para fazer um desafio ao rei dos Mouros.

*General: Partes Embaixador
Diz aquele pirata
Que no campo o espero
Sem tardar
Para ir prisioneiro
Ou para morte dar. (trecho da Chegança de Mouro Barca Nova de Saubara)*

Como resposta, o Embaixador diz ao general que o Rei Mouro quer encontrar para um duelo. Todo enredo da luta entre os cristãos e mouros acontece em

torno do querer cristão em converter os mouros à religião Católica. Talvez essa não tenha sido a única tônica existente nas lutas, outros interesses podem ter sido também motivo para que houvesse demasiadas batalhas. Gilberto Freyre “lembra que o antagonismo racial, regional ou de classe, como entre Cristãos e Mouros se origina ou se alimenta é quase sempre do antagonismo econômico [...] mas foi pela mística religiosa que o movimento de reconquista se definiu: cristãos contra infiéis”.

Contam as histórias acontecidas nas lutas medievais entre mouros e cristãos, outros grupos contam passagem de acontecimentos durante as lutas de independência da Bahia e outros fazem louvor a santos católicos. Mario de Andrade já apontava que “apesar de terem todos seus elementos importados de costumes ibéricos, são entidades próprias, aqui organizadas e de indiscutível formação brasileira em seu conjunto” (ANDRADE,1939).

2.2-Lutas de Mouros e Cristãos ou Embaixadas.



As Lutas de Mouros e Cristãos são também conhecidas como Embaixadas e acontecem na Bahia exclusivamente no território do extremo sul. Alguns aspectos as diferenciam das Cheganças de Mouros: nessa manifestação há dois grupos, um que representa os mouros “infiéis”, que se vestem todos de vermelho, e os cristãos católicos, que se vestem todos de azul. Nos grupos existentes na Bahia, o que motiva a disputa entre

mouros e cristãos é o roubo da imagem de São Sebastião. Outro aspecto que diferencia é que os mouros chegam sempre numa embarcação para as batalhas. Depois da chegada no porto onde acontece a primeira embaixada, os grupos saem pelas ruas, cada um acompanhado de um grupo musical composto por uma flauta e um tambor. Marcham pelas ruas e em cada encontro uma nova embaixada acontece. As embaixadas são os diálogos que acontecem entre os embaixadores dos mouros e cristãos. Ao se encontrarem, o capitão dos mouros manda um de seus embaixadores desafiar o capitão dos cristãos e esse responde:

Embaixador essas inúteis e fracas ameaças não me fazem amedrontar, é preciso que tu aprendas mais um pouco pra falar, mas o que fazer se não fosse eu reconhecer essas inúteis fracas missão[SIC] de embaixador, agora mesmo faria passar horror, mas volte e diga a seu senhor que dele não tenho medo aqui eu sou rendição.

Depois das embaixadas, que são sempre faladas, os dois grupos se enfrentam lutando com espadas encenando terríveis batalhas.

No imaginário popular, a devoção por São Sebastião é quem sustenta a existência dos grupos. Sebastião serviu ao exército romano e tinha como uma de suas práticas tentar converter soldados do exército ao cristianismo. Descoberta sua prática, ele foi morto a mando do Imperador Maximiniano. As apresentações dessa manifestação acontecem sempre durante a festa de São Sebastião, num drama das guerras de conquistas e evangelização do país, tendo os indígenas representando os mouros, à medida que eram catequizados pelos cristãos, pois os nativos eram considerados pagãos pela igreja. (Bahia Singular e Plural 2003).

2.3- Cheganças de Marujos ou Marujadas



Os estudos feitos por Silvio Romero apontam para a existência das Cheganças de Mouros e as Cheganças de Marujos, o que vai diferenciar cada uma delas é exatamente o enredo transmitido em suas apresentações. Enquanto as Cheganças de Mouros retratariam exclusivamente as lutas entre mouros e cristãos, as Cheganças de Marujos teriam construções performáticas a partir de episódios acontecidos no Brasil. Para Mario de Andrade, as Cheganças de Marujos têm origem na religiosidade.

... Estudando esta dança dramática, as suas manifestações mais primitivas que pude achar, só são rastreáveis nos vilhancicos melodramáticos do século XVIII português, embora alguma coisa da sua técnica e idéias já alvoreça nos dois séculos anteriores, tanto em Portugal, como no Brasil, em procissões católicas e autos semi-religiosos...(ANDRADE,1959. p. 25).

Podemos constatar nos grupos de Marujada existente na Bahia uma estreita ligação com a religiosidade, principalmente se levarmos em consideração que as suas principais aparições são sempre em datas religiosas: natal, festa de reis, festa do Divino e em festas de santos católicos (São Benedito, São Domingos de Gusmão e Santo Antônio). Além de constar em canções alusão a Nossa Senhora do Rosário, mas sobre essa constatação é preciso fazer duas observações: primeiro, as Cheganças de Mouros e as Embaixadas também aqui na Bahia têm suas principais atividades relacionadas às festas religiosas, e, segundo, as Marujadas, apesar de estarem nesse contexto religioso católico, têm mais evidente em suas práticas e narrativas uma proximidade com a religião de matriz africana. Na entrevista feita com Romário dos Santos, um importante

ativista cultural da comunidade de Alcobaça, membro do grupo de Mouros e Cristãos e também ativista religioso católico, ele nos apresentou uma importante narrativa não encontrada em nenhuma outra comunidade:

...Uniu-se a uma tradição antiga a páscoa dos negros ser celebrada na segunda-feira, justamente por que no domingo os brancos faziam sua festa e os negros entravam na igreja para limpar, para cultuar e ali eles começavam a fazer suas batidas, suas danças, e também um pouquinho burlar a igreja no sentido de cultuar seus orixás¹³...

Estabelecer relações foi uma estratégia de sobrevivência para os povos africanos que foram trazidos ao Brasil no período da escravização. Dessa maneira a religião foi um importante aporte para a continuidade de práticas desses povos. A fé cristã foi imposta, mas não absorvida em sua plenitude, mesmo com as práticas dos sacramentos cristãos, o africano resistiu.

A adesão dos africanos era apenas superficial; no máximo decoravam algumas orações para se verem livres dessas imposições. A adoção do catolicismo, principalmente o culto dos santos e santas, dera-se por escolhas feitas pelos próprios africanos de acordo com suas referências religiosas na África. [...] Isso explica, por exemplo, a popularidade de Santo Antonio entre a população negra, tanto escrava quanto liberta[...] Os poderes divinos de Santo Antonio muito lembravam as características dos sacerdotes africanos[...] o escravo africano ou crioulo dotou a religião dos portugueses de ingredientes de tradições religiosas africanas, especialmente música e dança. (FRAGA, 2009. p, 47).

Existem diferenças entre os grupos de Marujada, principalmente no que se diz respeito às indumentárias. Alguns grupos vestem-se com roupas iguais às da marinha brasileira, como é o caso dos grupos das cidades de Jacobina, Saubara, Paratinga, Bom Jesus da Lapa, Lençóis, Andaraí. Os grupos das cidades de Curaçá, Alcobaça, Sítio da Mato e Prado têm como característica calça e camisa brancas enfeitadas com fitas coloridas e os chapéus também enfeitados, bastante coloridos. Algumas delas usam pedaços de espelhos nos chapéus, segundo os integrantes, para que refletido no sol servisse de aviso para outros companheiros. Esses grupos se apresentam sempre dispostos em duas filas, também chamados de cordão, com exceção do grupo de

¹³ Entrevista realizada na cidade de Alcobaça no dia 01 de abril de 2018.

Curaçá, que devido à quantidade de participantes no dia da festa, os dispõem em diversas fileiras.

Os grupos de Cheganças ou Marujadas têm diferentes características nas diferentes comunidades onde aparecem. As cheganças de marujos são representações culturais desenvolvidas dando origem no Brasil a outras manifestações populares, como Fandango, Nau Catarineta, Marujada e Marujos Oneyda Dantas apud (Alvarenga 1976). Todos esses grupos trazem memórias de acontecimentos de grande importância para a compreensão da construção do nosso Estado, por utilizar de elementos de acontecimentos que foram reelaborados por brasileiros. Segundo Alvarenga (1995):

Grande número das nossas danças-dramáticas dividem-se estruturalmente em duas partes bem definidas: um cortejo coreográfico, com que o grupo representador se locomove pelas ruas, ao som de cantos vários habitualmente chamados de cantigas; uma parte dramática, entremeando elementos falados, danças e cantos, geralmente chamada de embaixadas. Entre as peças do cortejo, ou não-dramáticas, figuram tradicionalmente louvações, despedidas e cantos de marcha. Os bailarinos-atores são dirigidos por um chefe, quase sempre denominado Mestre que além de orientar o conjunto, representa, na maioria dos casos, um dos principais papéis (Alvarenga 1955 p, 9.).

Os estudos que estamos fazendo sobre esta manifestação nos orientam para a compreensão que, de fato, as Cheganças de Marujos/ Marujadas em cada comunidade que estão inseridas elementos próprios são colocados como complementos. Esses elementos fazem parte daquilo é de cada indivíduo ali integrante ou de uma característica do lugar, ou, ainda, um acontecimento histórico que marca aquela comunidade.

CAPÍTULO III

1- ETNOMÉTODOS PARA A PERPETUAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR.

O tema oralidade é talvez o que mais faça sentido quando se trata de uma manifestação cultural, seja ela qual for. A forma encontrada para a continuidade de práticas ancestrais, em terras ocidentais, tem origem na oralidade, e essa é, sem sobra de dúvida, a porção mais africana encontrada nos grupos de manifestações populares. Portanto, é importante fazer uma análise do que é a oralidade nas comunidades tradicionais africanas, e como essa oralidade chega e se finca no Brasil, e como tem sido ela o elemento mais eficaz na existência de práticas culturais.

Quando falamos da tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são* memórias vivas da África (HAMPATÊ BÂ, 2010). Esse ensinamento parece ter sido aprendido nas outras bandas do Atlântico, o espírito dos povos africanos é vivido de forma intensa, e o seu legado é cultuado na sua forma mais sublime. A oralidade que vem fornecendo a condição de resistir e de existir das comunidades e manifestações tradicionais, cultura de ouvir os mais velhos, de ter paciência para escutar e transmitir o que se ensinou, é a tecnologia mais avançada na manutenção das tradições.

Eu aprendi porque quando eu comecei a sair na Chegança eu me apaixonei pela Chegança. Tinha um professor em casa, então eu sentava com ele, pai o que é isso, ele me dizia, pai o que é aquilo, ele me dizia, pai o que aquilo outro ele me dizia... De forma que eu aprendi, porque meu pai me ensinou e tinha curiosidade de aprender... (GUMES e ROSÁRIO, 2014, p. 97).

Este depoimento de Edmundo Passos de Jesus, Mestre da Chegança de Mouros Fragata Barca Nova de Saubara, ilustra o poder da oralidade para a sobrevivência de uma tradição, esse pensar encontra apoio na tradição africana de ensinar e perpetuar seu ensinamento. A tradição situa-se no oral. Há um enorme esforço

de vários setores da sociedade para encontrar resposta sobre como proporcionar a formação cultural na contemporaneidade. Grupos tradicionais como as Cheganças, por exemplo, vêm sobrevivendo ao longo dos tempos por conseguirem encontrar suas próprias maneiras de atuar.

A oralidade para os povos africanos é usada como fonte de sabedoria, um *silitigui* tem o poder de fazer leitura dos mais variados fenômenos da natureza, e com isso conduzir expedições e batalhas transmitindo seus conhecimentos exclusivamente pelo uso da oralidade, como Patê Puollo em sua missão, pois para eles, a configuração das coisas em determinados momentos – chave da existência possuía um significado preciso, que sabiam decifrar. “Esteja à escuta”, dizia-se na velha África. “Tudo fala, tudo é palavra, tudo procura se nos comunicar um conhecimento...” (HAMPATÊ BÂ, 2013. p. 27).

Em países ocidentais, como é o caso do Brasil, ao se tratar da questão da oralidade, fatalmente cairemos na armadilha de colocar a tradição oral *versus* a tradição escrita. Isto se configura numa interessante e relevante questão, sem perder de vista que a tradição escrita é privilegiada pelas normatizações eurocêntricas que orientam a sociedade constituída no ocidente. Mas, tendo em vista que as culturas de tradição oral são tão ou mais seculares que as culturas de base escrita, não se pode reduzir ou hierarquizar uma cultura sobre a outra. Tampouco se pode generalizar que todas as sociedades de tradição oral sejam, pela prática da oralidade, homogêneas. (SILVA, FLORENCIO, PEDERIVA, 2019, p.52). Argumentando contra a tentativa de dar à escrita um status de superioridade à tradição oral, temos a orientação que:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro do homem. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal qual ele mesmo narra. (HAMPATÊ BÂ, 2010, p. 168).

O pensar é o saber em sua primeira constituição, é preparação para a fala, e falar é o saber materializado pela oralidade, assim também se constitui o aprendizado de comunidades tradicionais, prezando pelo conhecimento ancestral que foi transmitido de geração em geração. E esses conhecimentos têm valores, pois, nas sociedades orais, não

apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. (HAMPATÊ BÂ, 2010).

Vivemos numa sociedade onde há possibilidade de utilização de inúmeros meios tecnológicos para as práticas de transmissão dos conhecimentos tradicionais, mas mesmo valendo-se desses novos aparatos, a oralidade estará presente como elemento principal, e é talvez por compreender que qualquer prática de transmissão de conhecimento passa pelo pensar, pelo falar que

importante é atentar-se ao que não está sendo dito, é considerar os silêncios e esquecimentos. Assim, a história oral possibilita vislumbrar novos horizontes para a escrita da história, ao dar voz àqueles e àquelas que, por tanto tempo, foram silenciados/as e invisibilizados/as da história dita oficial. (ALMEIDA, 2017. p 45).

Este pensar vislumbra a possibilidade que recorreremos às outras tecnologias para a transmissão de saberes e fazeres não é uma opinião consensual, mas há membros de grupos culturais tradicionais que reivindicam o uso de outros meios mais modernos, por assim dizer, para ensinar seus ritos:

Então nós precisamos em termos de associação promover oficinas de canto, tocar pandeiros, oficina até de confecção do pandeiro, de hoje em dia a gente compra nossos pandeiros em quanto à gente pode fazer nosso próprio pandeiro, já é uma coisa que eu tava pensando em falar com você, de nós produzimos nossos próprios instrumentos. Levar essa metodologia a todos que queiram entrar que a gente quando entra na marujada a gente aprende uns com os outros. As coisas vão mudando, vão se moldando levar esse conhecimento para quem queira e para quem se identificar com a cultura da Marujada eu acredito que nós temos que possibilitar um meio de aprendizado mais e organizado mais atual. Há 50 anos a gente passava essa oralidade de um jeito hoje à gente pode passar essa mesma oralidade de uma forma diferente hoje já tem a escrita já tem os meios de comunicação. Digitalizar poder fazer qualquer outra coisa é até mais rápido esse retorno, mais rápido porque você tem que aprender cantar digamos 50 músicas em média que é a marujada tem simplesmente passando e cantando no ouvido dele. Inclusive isso por um motivo uma maneira é um observação e nem só eu fiz, mas com outros até os marujos fizeram, "tem gente que ainda canta errado" talvez essa pessoa canta errada ainda não conseguiu ouvir a palavra certa o falar certo então né o conhecimento de forma mais rápida para ele pegar usando os meios mais atuais.¹⁴

¹⁴ Depoimento de Roque Antonio da Silva, 50 anos. Entrevista realizada em sua residência em Saubara-BA, no dia 14 de outubro de 2019.

Roque Antonio da Silva tem 50 anos de idade, já foi mestre da filarmônica São Domingos da cidade de Saubara, professor graduado em pedagogia, pescador, e desde 2006, participa do grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, sendo o II gajeiro¹⁵. Para ele é necessário que o grupo se aproprie de novas maneiras de lidar com a transmissão, uma evidente preocupação com a existência do grupo. Há uma atenção para que ocorra um aprendizado mais acelerado, isso parece uma nova ordem, imposta por uma sociedade cada vez mais sedenta de resultados imediatos, e os grupos culturais sofrem também essa influência do imediatismo. Entendo que isso não é dos problemas o mais grave, parece possível uma convivência harmoniosa entre saberes tradicionais e novas tecnologias, desde que os métodos não inferiorizem os ritos, ou estaríamos novamente sofrendo com a hegemonização das culturas. Observo a necessidade de uma mediação constante, para que sempre haja a possibilidade de uma revisão das práticas, que seja possível os grupos se retroalimentarem tendo na memória a condição de não perder de vista sua verdadeira história.

3.1- O lugar da memória na preservação das manifestações da cultura popular

Desde muito cedo, ouvia dizer que muitas pessoas que vieram para ajudar a fundar o Brasil só trouxeram as suas memórias. Essa afirmação me intrigava, ficava a pensar como trazer coisas na memória, no pensamento? “É na cabeça que guardamos nossa força”, dizem os mais velhos. Fui crescendo e juntando esses pensares, e para mim não foi difícil concluir os ensinamentos por trás deles: precisamos conservar as nossas lembranças e fazer com que elas sirvam para o nosso próprio crescimento.

Falar de memória é, sobretudo, falar de uma capacidade inerente ao ser humano, a capacidade de preservação de ensinamentos do passado e tudo o que está diretamente ligado a eles. As lembranças que temos de acontecimentos do passado são possíveis devido à capacidade da nossa memória, que “remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419). Como uma manifestação popular existe e resiste ainda nos dias atuais, se não pela preservação de memórias, com esforços de muitos que buscam e entendem a necessidade da manutenção daquilo que aprenderam através da transmissão oral?

¹⁵ Gajeiro é o marujo que fica no alto do mastro da embarcação, sua função é informar quando a embarcação aproxima-se de terras firmes.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), um dos primeiros intelectuais a falar sobre memória, há uma divisão onde são apresentados dois grupos: Memória Individual e Memória Coletiva. Esse primeiro, seria a memória vista a partir somente da ótica de uma pessoa, essa pessoa guarda o passado em torno de si; já a memória coletiva seria composta por lembranças, recordações distribuídas dentro de uma comunidade, grande ou pequena, em que as imagens coletadas tratam de uma memória externa ou no social.

Na entrevista feita com Luan Moreira de Castro, membro dos grupos Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, ele apresenta a sua mais distante memória desse grupo:

Eu lembro, eu parado na porta vendo a chegança descendo, depois da missa e minha avó no meio, as músicas, os pandeiros as músicas me chamou atenção, (sic) [...] espontaneamente de espontânea vontade, são lembranças guardadas, lembranças minhas, porque é uma coisa que eu vi no meu ponto de vista é, eu estava parado na frente da minha casa, vendo a chegança descer aquilo ali eu com meus próprios olhos, ninguém me contou, ou seja, é uma lembrança minha individual, sim...ou seja é uma lembrança minha, é como falei depende do ponto de vista eu quando era criança eu não tinha noção das coisas, então é um ponto de vista, da pessoa, tipo o que ela capta naquela lembrança, se você estivesse na mesma posição ali vendo aquela coisa você poderia tirar mais detalhes daquele momento do que eu, você captou mais detalhe e eu menos detalhes ou seja isso faz com que a lembrança seja minha por captei menos detalhe justamente isso.¹⁶

A narrativa feita por Luan parece concordar com o pensar de Maurice Halbwachs sobre a memória individual. Com uma dose interpretativa, o ser individual da memória está no campo visual que cada indivíduo tem no momento que acontece cada cena. É o ponto de vista que orienta a sua lembrança, mesmo estando cercado de diversos outros atores, o lugar de onde eu estou determina aquilo que vai ser guardado na memória.

Imaginar a existência secular de uma manifestação cultural, e no caso particular do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, perpassa por compreender que só é possível exatamente porque conseguimos contar as suas histórias sem mesmo estarmos lá em sua criação, os ensinamentos ainda ali perpetuados são executáveis à luz da continuidade desses fazeres, a partir de uma memória que nos é

¹⁶ Depoimento de Luan Moreira de Castro. Entrevista realizada na Sede da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, em Saubara – BA, no dia 16 de outubro de 2019.

contada. Para Maurice Halbwachs “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2003, p. 30). Os mais diversos grupos de manifestações culturais passam por longos períodos desativados, alguns deixam de existir por inúmeros fatores, como falta de apoio financeiro, falta de interesse da própria comunidade, falta de espaço físico para suas atividades, falecimento das pessoas mais idosas, dentre outros muitos aspectos. Aqueles que ressurgem para dar continuidade em suas comunidades, vivem na busca incansável de superar todas essas adversidades citadas, mas, o que de fato lhes permite retomar suas ações é a capacidade de lembrar, são esses *flashs* deixados na memória que as faz entender:

“A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente[...] Por que é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9).

O Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, como muitos outros, por um longo período (não sei precisar quanto tempo) ficou desativado, e só foi possível reativá-lo porque as crianças do passado se juntaram para reavivar o grupo. Fizeram diversos encontros para lembrar as histórias que ouviram de seus pais e avós, e foi naquele momento que os ensaios foram retomados.

Percebemos assim o poder da memória, que orienta para a reconstrução de um novo momento, sendo assim:

A memória instala a lembrança no sagrado, [...] a memória emerge de um grupo que ela une, [...] há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é por natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993, p. 9).

Existe a possibilidade de visitar o passado trazendo dele dados para a reativação de atividades no presente, a memória para nós, de manifestações populares, é o instrumento crucial para que nos mantenhamos resistentes às tribulações impostas no mundo moderno, onde as memórias se desfazem como bolhas de sabão ao vento, o dia-dia passa tão rápido e periodicamente se move, se desfia, se modifica repentinamente, são muitas as informações produzidas e compartilhadas, há uma enorme transitoriedade que não nos permite perceber o quão é saboroso experimentar os detalhes da existência

humana. Vivemos, parece que exclusivamente, com a possibilidade do que é imediatista. Para Mariana Jantsch Souza (2014), a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, como instrumento atuante na reconfiguração das identidades na medida em que permite que o sujeito se apodere das imagens do passado para consolidar uma nova posição identitária.

A memória humana é onde ainda residem resquícios do passado, onde ainda podemos encontrar fundamentos que orientam produções ancestrais nos dias atuais. Como então garantir que tudo aquilo que trazíamos na memória servisse de base, alicerce para outras gerações? Parece só ter sido possível devido à nossa capacidade de guardarmos na memória os nossos sentimentos, de acessarmos locais e/ou objetos que favoreceram o ato de lembrar. Imaginamos que quando as pessoas decidiram reativar o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, ao recorrerem às suas lembranças, essas lembranças podem ter causado várias sensações, alegria, tristeza, saudade, nostalgia. É possível fazer o exercício de rememorar a partir da utilização de diversos elementos: Esses elementos são definidos por (NORA, 1997) citado por (HORTA, 2008) como: “lugares de memória locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo (2008).” Esses lugares configuram elementos que suscitam uma ativação da memória capaz de produzir efeitos que potencializam o ato de lembrar. A rua do Lavador, por exemplo, foi o lugar escolhido para dar início ao processo de reestruturação do grupo, porque ali naquela região as pessoas encontravam as inspirações necessárias para produzir, pois segundo Maria de Lourdes Pereiras Horta:

Estes “lugares”, ou “suportes” da memória coletiva funcionam como “detonadores” de uma sequência de imagens, ideias, sensações, sentimentos e vivências individuais e de grupo, num processo de “revivenciamento”, ou de “reconhecimento”, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de “pertença” de “identidade”, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas vivências. (HORTA *apud* SILVA, 2008, p. 111).

O resultado do compartilhamento dessas convivências permitidas pelo acesso aos lugares de memórias se fortalece nos dias atuais, porque também é possível encontrarmos na materialidade dos lugares de memórias (fotos, vídeos, cd's, livros),

aportes capazes de também contribuir para o enriquecimento e potencialização de um grupo Cultural:

Memórias é o que fortalece a gente, porque são as pessoas que direta ou indiretamente contribuiu para hoje nós estamos fazendo parte do grupo (*sic*), por exemplo, eu só vi pelas fotos, quando Zinoel e Duca participavam eu só vi pelas fotos, por essas fotos que eu tive o conhecimento deles na Marujada, tanto que quando eles participavam eu estava menor não acompanhei, mas segundo os relatos e pude perceber pelas fotos que eram elegantes, pessoas que não tinha muita formação, mas nas suas expressões lúdicas fazia com tantos esmeros que passaram uma elegância, passava um brilho. Então essas memórias é que fortalece e fortaleceu. Seu Carlos é elegante na frente e cantava, e então essas pessoas teve uma participação muito grande na nossa formação, para a gente se espelhar né nessas pessoas que tem para fazer igual ou semelhante, para tentar chegar na perfeição, eles faziam com tanta perfeição, e como eu falei no início eles emocionavam as pessoas, então essa elegância e essa postura é que a gente tenta retratar hoje né é a postura, na dança e a forma de cantar, é o amor que tem pela coisa então essa memória significa muito para mim, se espelhar nessas pessoas e ter essa memória viva na nossa cabeça, desses homens que passou pela Fragata Brasileira, Chegança dos Mouros da Barca Nova, a um certo ponto mostrar e se apresentar desse jeito que eles passavam, é tão essa memória perdura, se não estivéssemos e você sabe a memória do seu pai saudoso, você hoje não fosse o homem que você é. Eu se não estivesse a memória do meu sogro, do meu pai, talvez não fosse o homem que sou hoje, se eu não valorizasse isso, então eu não me vejo sem essas memórias, e sem fazer parte dessas memórias isso aí é o que fortalece a gente a buscar sempre esse caminho, porque quando eu digo essas pessoas sim teve participação (*SIC*), é visto por outras pessoas visto por nós até pequeno, visto através de foto e de relatos como se prostravam e se apresentaram então isso fortalece mais a gente essas memórias que a gente também não pode perder.¹⁷

Roque Antonio da Silva é membro do grupo da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira e traz uma interessante narrativa acerca da utilização da fotografia. Ele encontra na foto o incentivo que faltava para participar do grupo, na fotografia, está o que faltava para sua tomada de consciência de pertencimento, como ele diz, a memória fortalece. A memória também atua como aporte da construção da identidade favorecendo com que o indivíduo tenha um referencial fora de si, capaz de fazê-lo compreender o que o faz constituir-se enquanto pessoa, agente de seu próprio saber e de sua realidade. Para Mary Del Priore (2008),

¹⁷Depoimento de Roque Antonio da Silva, 50 anos. Entrevista realizada em sua residência em Saubara-BA, no dia 14 de outubro de 2019.

a fotografia também nos incentiva a adivinhar aquilo que está fora do cenário fotografado [...] e uma das qualidades da imagem fotográfica reside precisamente neste poder de evocação, no fato de que ela pode suscitar, naquele que observa o desejo de conhecer mais, de imaginar, de reconstruir interiormente, a partir da visão de um destes momentos, o conjunto de uma vida”. (DEL PRIORE apud SILVA, 2008. p. 94).

É a faculdade da memória, o ato de lembrar juntamente com as práticas coletivas que também sustentam e proporcionam a existência, e a preservação de Manifestações da Cultura Popular, o tempo não venceu a memória, e foi por meio dela que foi possível garantir que futuras gerações tivessem acesso ao conhecimento do passado. É nesse contexto que a memória atua como instrumento de favorecimento para a existência e manutenção de uma manifestação da cultura popular, e no caso particular e especial, do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.

3.1.1-Analogia entre o poema *Os Lusíadas*, de Camões, e a cantoria da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.

Existem inúmeras possibilidades de se falar de Chegança, uma delas é fazer correlações com as histórias acontecidas no Brasil e, inevitavelmente, fazer a mesma correlação com episódios oriundos das chamadas “Grandes Navegações”. Tendo essa segunda hipótese como inspiração para falar de Chegança, vou tentar aqui fazê-lo utilizando-me do canto produzido por Luis de Camões, em *Os Lusíadas*, onde ele procurou exaltar a bravura lusitana nas supostas descobertas mar a fora. Dando ouvido ao apelo do povo português, contou, de forma poética, acontecimentos que ocorreram durante tal período. N’*Os Lusíadas* ele perpetua batalhas, conquistas, naufrágios, derrotas, contrabando, alegrias e vários outros acontecimentos. Sua forma de escrever talvez não tenha alcançado o povão, que, por sua vez, buscou fazer o seu entendimento de maneira mais próxima, e com um vocabulário menos rebuscado. Como muitas das histórias brasileiras são entrelaçadas com a vinda dos portugueses para cá, é de se compreender que possivelmente muitas coisas foram contadas e cantadas por acontecerem aqui.

Fazendo a leitura do Canto nono na estrofe 9, o poeta Camões relata uma certa confusão resultada em prisão de pessoas (marinheiro) supostamente que vão à cidade para vender pedraria:

Porem não tardou muito que voando

*Hum rumor não soasse, com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Forão sentidos vir-se da cidade
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns que ás não vierão
A vender pedraria que trouxerão
(CAMÕES,1944, p. 283)*

Algumas das cantigas da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira são chamadas de rezingas, retratam episódios que acontecem dentro da embarcação e são vividos por diversos personagens do grupo. É uma espécie de denúncia, reclamação, um resmungar. No grupo temos quatro rezingas uma delas é a do Guarda Marinha.

Personagens: Guarda Marinha¹⁸, Ourives¹⁹, General²⁰, Contramestre²¹, I e II Gajeiros²²

Nessa rezinga o Guarda-marinha, depois de desembarcar em terra brasileira, lança-se a querer vender ouro e prata. Todo esse enredo é dado através de cantos ritmados pelo pandeiro com uma pequena parte sendo apenas falado. Depois do canto de cada personagem a marujada repete em coro o mesmo canto.

Guarda Marinha:

*Ora Deus bela menina 2x
Eu de Lisboa cheguei 2x
Eu trago pratas bem finas 2x
E ouro no singular 2x
Cheguem os senhores ourives 2x
Para seus preços venha dá. 2x*

MARUJADA (coro) I

*Ora Deus bela menina 2x
Eu de Lisboa cheguei 2x
Eu trago pratas bem finas 2x
E ouro no singular 2x
Cheguem os senhores ourives 2x
Para seus preços venha dar. 2x*

Ourives:

¹⁸ O guarda-marinha é o responsável por proteger as riquezas (ouro, prata), em alguns grupos o tecido(peça) aparece como essa riqueza.

¹⁹ O ourives é o marujo especialista em ouro, é responsável por assegurar a autenticidade das jóias.

²⁰ O General é um dos oficiais da Marujada. Um fato curioso. Não existe a figura de general da marinha. Uma das narrativas de sua aparição é que a marinha solicita do exército o seu melhor combatente para ajudar nas batalhas, e um general foi escolhido.

²¹ Contramestre é aquele que comanda a proa da embarcação, o responsável por indica a direção para navegar.

²² Os gajeiros são os marujos responsáveis em verificar a condição climática, ficam sempre no alto do mastro de onde também é possível ver aproximação de inimigos.

Dou-te vinte mil cruzado 2x
Pelo ouro fino real 2x
Se não quiser me vender 2x
Vou dar parte ao general 2x

MARUJADA (coro) II

Dou-te vinte mil cruzados 2x
Pelo ouro fino real 2x
Se não quiser me vender 2x
Vou dar parte ao general 2x

Guarda Marinha:

Ora Deus bela menina 2x
Eu de Lisboa cheguei 2x
Eu trago pratas bem finas 2x
E ouro no singular 2x
Cheguem os senhores ourives 2x
Para seus preços venha dar. 2x

MARUJADA (coro) I

Ourives:

Salve vossa excelência 2x
Meu tenente general 2x
Olhe que o Guarda Marinha 2x
Tá vendendo ouro por arte 2x

MARUJADA (coro) III

Salve vossa excelência 2x
Meu tenente general 2x
Olhe que o Guarda Marinha 2x
Tá vendendo ouro por arte 2x

Ourives:

Salve vossa excelência 2x
Parte eu já estou lhe dando 2x
Olhe que o Guarda Marinha 2x
Tá vendendo contrabando 2x

MARUJADA (coro) IV

Salve vossa excelência 2x
Parte eu já estou lhe dando 2x
Olhe que o Guarda Marinha 2x
Tá vendendo contrabando 2x

Depois do diálogo entre o Guarda-Marinha e o Ourives que culmina na denúncia feita pelo ourives ao General é feito por esse uma averiguação da situação

que, se sentindo ofendido com a resposta dada pelo guarda Marinha, determina sua prisão. Esse trecho da rezinga é falado sem o uso dos pandeiros.

General: falando.

*Vem-te cá Guarda Marinha 2x
Me diz por que razão tu vendes contrabando dentro dessa embarcação?.*

Guarda Marinha: falando.

Salve vossa excelência meu tenente general que não uso de tal vereda de vender contrabando desta embarcação sem ordem de vosso rei.

General: falando.

Você não sabe que dessa nau eu sou o chefe de divisão?

Guarda Marinha: falando.

Parece não ter política nem tão pouca educação, ajoelha em meus pés venha me pedir perdão, pelo falso que me levanta dentro dessa embarcação

General: falando.

Que atrevida resposta senhores oficiais me deu esse guarda marinha. I e II gajeiro prenda esse guarda marinha.

Neste momento os gajeiros prendem o guarda-marinha simbolicamente, amarrando seus braços como se fosse uma algema. Depois da prisão, o guarda-marinha sai pedindo a todos que possuem uma patente (mestre, contra mestre, piloto, calafatinho, I e II guias) na marujada para que o solte e não consegue:

Guarda-Marinha

Ai de mim Mestre Piloto?

Piloto

Tô de férias

Guarda-Marinha

Aí de mim Calafatinho?

Calafatinho

Quando eu estava preso você não me soltou.

Guarda-Marinha

Ai de mim Contra- Mestre?

Contra- Mestre

Quem te prendeu que te solte.

Guarda-Marinha

Aí de mim Comandante?

Comandante

Não tenho nada haver com isso

Guarda-Marinha

Aí de mim General?

General

Vá pagar sua culpa.

Depois de implorar por ajuda a todos os oficiais, sem sucesso, com a última fala do general é retomado o canto onde vai acontecer a condenação feita pelo contramestre, e em seguida, o lamento do guarda-marinha. Nesse trecho, o som dos pandeiros é novamente incorporado na encenação.

Contramestre:

*Com as tuas próprias 2x
Mãos o trabalho procurou 2x
Chora agora sem remédio 2x
Bem feito quem te mandou 2x*

MARUJADA (coro) V

*Com as tuas próprias 2x
Mãos o trabalho procurou 2x
Chora agora sem remédio 2x
Bem feito quem te mandou 2x*

Neste momento é mudado o toque do pandeiro o ritmo de lamento acompanha o rezingar do guarda-marinha.

Guarda Marinha:

*Deixa-me viver em duras penas
Já que a sorte me condena
Ai de mim um triste amante
Chorando as minhas grandes dores
E não me venha lembrar
Saudade dos meus amores*

MARUJADA (coro) VI

*Deixa-me viver em duras penas
Já que a sorte me condena
Ai de mim um triste amante
Chorando as minhas grandes dores
E não me venha lembrar
Saudade dos meus amores*

Comovido com o lamento do Guarda-Marinha, o comandante toma a iniciativa e o solta, com a esperança de que não se cometa mais erros dentro da

embarcação. Novamente é mudado a forma de tocar o pandeiro, a marcha de fogo dá ritmo para essa parte da rezinga.

Comandante

*Meu guarda-marinha te tenho compaixão 2x
Não me venda contrabando dentro dessa embarcação2x*

MARUJADA (coro) VII

*Meu guarda-marinha te tenho compaixão 2x
Não me venda contrabando dentro dessa embarcação2x*

Guarda-Marinha.

*Não charas menina de ver a minha prisão 2x
Eu já estou livre dos ferros bailando nesse cordão 2x*

MARUJADA (coro)VIII

*Não charas menina de ver a minha prisão 2x
Eu já estou livre dos ferros bailando nesse cordão 2x*

Já no Canto sexto, na estrofe 70, Camões apresenta uma outra inusitada representação que também podemos facilmente fazer uma analogia com outra rezinga do grupo.

*Mas neste passo, assipromptos estando
Eis o mestre, que olhando os ares anda
O apito toca: acórdão despertando
Os marinheiros de hua e outra banda
E porque o vento vinha refrescando
Os traquetes das gáveas tomar manda
Alerta disse estai. Que o vento cresce
Dáquella nuvem negra que aparece (CAMÕES, 1944, p. 214)*

Nesse verso é relatado sobre uma possível tempestade que se aproxima da embarcação. No Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira há algo parecido, e inicia-se através do diálogo entre os gajeiros, o mestre e o comandante.

Personagens: Contramestre, Comandante²³, I e II Gajeiros, Padre Capelão²⁴, Calafatinho²⁵, e I e II Guias²⁶. O comandante e o Contramestre, com dúvida sobre o

²³ O Comandante também chamado de Capitão Patrão é o oficial responsável pelos marujos, comanda orienta a disposição de cada um deles em seus lugares, motivando o canto e a dança.

²⁴ Padre Capelão uma de suas atribuições dar o sacramento da unção, aos feridos nos combates é manter a fé entre os marujos.

²⁵ O Calafatinho é um marujo necessariamente uma criança que tem a atribuição de calafetar(consertar) os danos sofridos pela embarcação, apenas uma criança chega aos lugares mais estreitos de uma embarcação.

tempo, solicitam que os gajeiros observem sobre a possibilidade de seguir viagem ou atracar em algum porto e esperar a tempestade passar. O ritmo é dado pelo pandeiro que muda de ritmo diversas vezes durante a encenação:

Comandante Falando.

Vamos ouvir no I Gajeiro

I Gajeiro.

*Ô meu comandante,
Olhe que tormenta,
Lá é vem uma nuvem,
Que traz muito vento.*

Marujada coro I (repete)

Comandante – Falando.

Meu Contramestre, o I gajeiro ta dizendo que vem muito vento por aí.

Contramestre – Falando.

Comandante eu tanto tempo viajando conheço tudo de mar. Vamos seguir viagem.

I Gajeiro.

*Ô meu comandante,
O que havemos de fazer
Chamar por Maria
Pra ela nos valer*

Marujada Coro II (repete)

Comandante

*Ô Virgem Maria
Manda seus anjos rainha
Nesse mar de angustia
No céu as estrelas guiam*

Marujada coro III (repete)

O contramestre não acredita nas palavras do I gajeiro.

Contramestre Falando.

Vamos ouvir nosso II Gajeiro.

²⁶ Os guias são os dois primeiros marujos do cardão, tem a responsabilidade de junto com o Contra-Mestre iniciar o canto e o bailado.

II Gajeiro

*Ô meu contramestre
Lá vejo um luzir
Estrela o norte
Para nós seguir*

Marujada coro IV (repete)

Comandante – Falando

*Ô contramestre o I Gajeiro falou disse que aí, vem uma nuvem que
traz muito vento*

Contramestre – Falando

*Então você não ouviu o meu II Gajeiro, Meu II gajeiro disse que a
noite tem luz, aí um luzir que é pra nós seguir, vamos continuar ouvir
o nosso II gajeiro.*

Percebendo que errou na previsão, o II gajeiro atribui a culpa ao contramestre, que é acusado de beber durante a viagem.

II Gajeiro.

*Ô meu contramestre,
Eu bem lhe dizia,
Que ferrasse a gávea,
Em quanto era dia.*

Marujada coro V (repete)

Contramestre

*Em quanto era dia
Eu nada quis fazer
De certos cuidados
Eu quis me arrepender*

Marujada coro VI (repete)

O comandante agora acusa o contramestre e dá empurrões. O contramestre, totalmente embriagado, pede a Padre Capelão que reze pela tripulação que se encontra a deriva.

Comandante

*Esse contramestre
É um beberrão*

*É causa da derrota
Desta embarcação*

Marujada coro VII (repete)

Contramestre

*Senhor Padre Capelão
Nos botai sua benção
Olhe que nós estamos perdidos
Dentro dessa embarcação*

Marujada coro VIII (repete)

Padre Capelão

*O queres, meus bons marujos
Filho do Meu coração
Chamemos pela Mãe de Deus
Que nos é a Salvação*

Marujada coro IX (repete)

Neste momento é formada a barca, os marujos ficam uns de costa para o outro, deixando as pernas afastadas para permitir que o calafatinho faça o conserto da embarcação. No ritmo do pandeiro, o comandante inicia uma perseguição contra o contramestre, que tenta fugir ficando do lado oposto da barca. Num determinado momento o contramestre se descuida e é pego. Depois de pego, o contramestre toma a iniciativa e orienta os calafatinhos para o conserto da Barca. Toda essa parte da encenação é falada, acompanhado ritmo marcha de fogo.

Comandante.

Meu contramestre!!

Contramestre

Ai, ai Senhor!

Comandante.

Se a gente se “anaufragar” a culpa sua meu contramestre

Contramestre

Foi não Senhor o Gajeiro me enganou.

Nesse momento o contramestre se descuida e é alcançado pelo comandante.

Comandante.

Peguei Senhor agora vai resolver.

O contramestre chama os calafatinhos para ajudarem a resolver o problema da embarcação. Os calafatinhos usam um martelo, e para representar como se estivesse trabalhando, um vai batendo com o martelo na barriga dos marujos e o outro passa por debaixo da perna dos marujos

Contramestre

Calafatinhos vamos consertar essa embarcação. Calafatinho!!

Calafatinho

Ai, ai Senhor!!

Contramestre

Para que lado tá o vento Calafatinho?

Calafatinho

Pro norte Senhor

Contramestre

Consertou Calafatinho?

Calafatinho

Sim Senhor!!

Quando a barca é consertada os marujos começam a fazer um movimento como se fosse ferrar (baixar) as gáveas. Usando um lenço, eles vão em dupla, dançando e cantando da frente até o fundo (um movimento muito parecido com o das quadrilhas juninas) ao ritmo do pandeiro. Quando eles voltam para seu lugar de origem, muda o ritmo dos pandeiros e cantam felizes por terem se salvado:

Guias.

Ferra, ferra ferra eu já to ferrando.

Marujada X coro (repete)

Meu contramestre mande chegar a escota

Marujada X coro (repete)

Meu Comandante mande chegar a escota.

Marujada X coro (repete)

Meu General mande Chegar a escota.

Marujada X coro (repete)

Ao som do apito do contramestre, muda-se o ritmo do pandeiro e canta-se para agradecer:

Guias

*Graças aos céus
Ô Maria Virgem Bela
Ainda agora no Perigo
E já estou em Salva Terra*

Marujada XI coro (repete)

*Levanta os panos que o vento vem chegando
A procura de Saubara vamos todos navegando*

Marujada XII coro (repete)

No Canto Quinto, estrofe 24, Camões cita uma passagem em um marinheiro, possivelmente o gajeiro, que depois de momentos de muitos ventos e tempestade, vê terra firme em sua frente:

*Mas já o planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes, apressada,
Agora meio rosto agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada,
Quando da atherea gávea hum marinheiro
Pronptoco a vista “terra terra”brada
Salta no bordo alvoroçada a gente
Cos olhos no horizonte do oriente
(CAMÕES, 1944, p.174)*

Esses versos de Camões aparecem no Grupo Chegança Fragata Brasileira num canto que fazemos sempre que saímos às ruas, ao nos aproximarmos de um lugar pré-determinado para fazer uma apresentação e quando vemos esse lugar, cantamos simbolicamente para dizer que está perto, ou quando numa apresentação num cortejo, e se aproxima o final.

Guias

*Gajeiro a vista
Terra na proa
Avistamos aves
Estamos em Lisboa*

Marujada XII coro (repete)

Guias

*Meu Contra-Mestre
Terra na Proa
Avistamos
Estamos em Lisboa*

Marujada XII coro (repete)

Guias

*Mestre Piloto
Terra na Proa
Avistamos
Estamos em Lisboa*

Marujada XII coro (repete)

Guias

*Meu General
Terra na Proa
Avistamos
Estamos em Lisboa*

Outros estudos talvez possam orientar para outras construções a partir dessa ótica, são inúmeros grupos que têm cantigas parecidas e vão possibilitar outras analogias, mas tenho certeza que somente um cheganceiro nato consiga encontrar uma relação entre *Os Lusíadas* de Luis de Camões, e as letras das músicas da Chegança. Importante salientar que essa relação ainda pode ser feita com canções de outros grupos, mas aqui tentamos buscar entrar no nosso universo, e demonstrar nossa concepção de que é possível que se aprenda, que se tenha contato com a mais variada literatura, e,

ainda assim, os nossos conhecimentos aprendidos nas comunidades nos permitam navegar num universo ainda mais amplo.

3.2-Identidade: um conceito estruturante na resistência das manifestações da cultura popular

Como conhecimentos que são transmitidos através da oralidade mantiveram-se presentes nas comunidades tradicionais, e colaboraram para que a cultura popular se apresentasse como elemento de formação de identidade? Entendendo cultura popular como uma estrutura de robustez empregada pelos povos que sempre foram menos favorecidos, mas isso não significa que, sendo construída e constituída majoritariamente desse setor da sociedade, teria menos valor que outro tipo de cultura, a exemplo da cultura das ditas elites. Sigo o pensar de Denys Cuche (1999) quando afirma que “as culturas populares devem ao esforço de resistência das classes populares à dominação cultural”.(CUCHE, 1999, p. 149). Não estamos num constante confronto com a sociedade, é justamente nesse momento do não confronto que assumimos o lugar de uma cultura autônoma.

A questão sobre a construção da identidade é que indago e busco respostas em diversas leituras. Na tentativa de uma elucidação a essas minhas inquietações, apresentarei argumentos que possam encaminhar para um entendimento da minha indagação. Importante registrar que identidade é um tema de bastante envergadura que ainda não teve um consenso mesmo dentro das ciências sociais. Dizendo isso, exponho que não tenho a intenção de conceituar identidade, mas sim, expor uma ideia de como uma manifestação cultural, em nosso caso, a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, pode ser um aporte na formação da identidade para pessoas que compõem o grupo, e quiçá da comunidade onde ela está presente e atua.

Para embasar essa discussão aproveito as definições de identidade apresentadas por Sturt Hall, (2006) a partir das concepções de: sujeito iluminista, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. (HALL, 2006, p. 10). As definições apresentadas nesta obra nos orientam a confrontá-las com o olhar bastante atento e fazermos as devidas observações que possam contribuir para encontrar as respostas que buscamos. Imediatamente pela descrição feita por Stuart Hall (2006), sobre o sujeito iluminista, “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão” podemos assegurar que este indivíduo não seria compatível com a convivência social

num grupo como a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, pois esse grupo preza pela emoção plena, para quem se doa por inteiro, quem coloca o coração a serviço de um navegar imaginário, repleto de sentimentos, desejos que só são completos se forem compartilhados. Ninguém permanecerá o mesmo depois de ser tomado pela experiência de ser *cheganceiro*. É comum em comunidades como a nossa encontrarmos depoimentos, principalmente feitos pelas pessoas mais velhas, dizendo que as coisas de hoje em dia deveriam acontecer exatamente como eram no passado. Não podemos mudar nada no grupo, a roupa deve ser igual, o comportamento no grupo deve ser como era antigamente, há uma exigência para que características sejam mantidas como em tempos pretéritos. Lembro-me perfeitamente que para participar dos ensaios do grupo todos os homens tinham que estar de calça, e não se podia usar chapéu, aqueles que por costume o usassem, no exato momento dos ensaios, tinha que retirá-lo, para isso existiam inúmeros ganchos nas paredes, onde era possível deixá-los. Embora esses pareçam nos pareçam unificadores, eles nos demonstram como é dinâmico um grupo cultural, como ele se transforma; e se transformando promove uma metamorfose nos indivíduos que os compõem. Esse sujeito “idêntico” que Hall (2006) aponta, dá lugar para o surgimento de um indivíduo constituído de uma identidade construída justamente pela falta de autonomia do egocentrismo desse sujeito. É a vida fora de um grupo cultural, que vivida de outras maneiras, com outras regras, que possibilita um permanente diálogo entre a vida cotidiana dos indivíduos, e as regras impostas para que ele integre um determinado grupo cultural, e as mais diversas influências sociais, contribuem para a tomada de uma consciência coletiva, e formadora de identidade, é o seu íntimo e o mundo exterior dando a condição para que um novo sujeito que Stuart Hall(2006) chamaria de sujeito sociológico:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e mundo político. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006 p. 11).

Vemos nos dias atuais um descontrole por parte da população, não se tem mais um zelo para se manter as narrativas que ainda só são possíveis pelas janelas da

memória, há uma fluidez tão veloz na produção de informações que não há tempo para experimentar a diversidade, a pluralidade, o indivíduo vem se tornando cada vez mais sujeito hegemônico, o distancia da possibilidade de uma convivência coletiva. “Isso nos impõe uma revisão dos modos pelos quais vivemos e nos relacionamos, e da forma como representamos a nós mesmos e às nossas sociedades” (JESUS, 2010 p. 17), onde o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006). Esse comportamento traz à luz temporal o sujeito pós-moderno, que segundo Hall (2006) é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, ou permanente.

Resistir às novidades, resistir à cultura de massa tem sido o maior desafio de grupos tradicionais, como as marujadas de Saubara. De modo geral, seguimos contrariando as piores previsões de que teríamos desaparecido e, ainda, acreditando que são esses conhecimentos da cultura tradicional que mantêm vivo esse nosso imenso país. Ser referência cultural é também constatar a sua perenidade. Ao tentar conversas informais e exploratórias com os herdeiros das cheganças, identificar a origem da manifestação, a fonte de aprendizagem e outras referências, não é raro mapear mais de 100 anos de existência dos grupos de marujos. Até o momento são poucas as fontes encontradas sobre os caminhos percorridos por essa tradição, até se firmar no meio cultural brasileiro. “*Na cidade de Taperoá a Chegança chegou há 265 anos*” afirma o Senhor Brás Pimentel, que tem 80 anos, e é hoje o mestre da Chegança de Mouros de Taperoá, conhecido como Mestre Brás. Nesse caso, especificamente, é fácil ter a percepção da contribuição que essa manifestação tem trazido para a construção da identidade da comunidade. A louvação dos marujos aos seus padroeiros, nas festividades religiosas de cada município é uma importante marca identitária para essas localidades. Não somente os sujeitos envolvidos diretamente com a tradição, ou seja, os detentores do saber, responsáveis pela encenação. Toda a comunidade aguarda, a cada ano, “a saída das Cheganças” ou “os marujos”. A louvação ao padroeiro, assim como o seu desfile pelas ruas das cidades, entoando cânticos que contam e cantam amores, rezingas entre marujos – supostamente embarcados – e, curiosamente, fatos relacionados às lutas entre Mouros e Cristãos, ou pela independência da Bahia, conforme registros históricos já citados. Os grupos de marujos são uma referência cultural importante para o calendário das mais diversas comunidades do estado da Bahia, cujas celebrações vêm contribuindo ao longo dos tempos para a construção da identidade das pessoas e da comunidade onde elas estão inseridas.

Imaginemos um barco que sai de um porto para navegar, e um determinado instante o seu capitão dá ordem de “ferrar as gáveas”, e que seja lançada a âncora ao mar, e de repente uma tempestade fizesse esse barco fazer movimentos bruscos por conta dos ventos, que o mar sacudisse esse barco de um lado para outro, para cima e para baixo. A água invade o barco, alguns utensílios são perdidos durante a tempestade, mas com todo esse movimento o barco resistisse, e ao vir a “calmaria” todos percebessem que estávamos ali no mesmo lugar ancorado. Assim é um ser pós-moderno: como um barco sacudido pelo vento, e o ser, e o fazer uma determinada manifestação cultural é essa corrente que não se rompe, nos permite experimentar, viver as mais diferentes aventuras e “conscientemente reconhecemos um valor que nos torna seres definidos historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006). Essa corrente é o que nos mantém firmes no propósito da preservação. Essa corrente é a identidade construída dentro de uma manifestação cultural, a corrente é a própria manifestação, que, diferentemente do que pensam alguns cientistas, aqui privilegiamos uma unificação social a partir da convivência, aproximando-se mais do pensar de Moscovici, diferentemente do “coletivo” de Durkheim, designa o aspecto dinâmico e a bilateralidade no processo de constituição das representações sociais (XAVIER, 2002, p. 22).

A identidade de um grupo se dá pelos seus códigos imateriais e símbolos materiais que se deslocam fluidamente no tempo e no espaço, construindo novas identidades. Dessa forma, a Chegança revela a expressão de um território pesqueiro, bem como a vida em alto mar. Revela também a condição celebrativa de uma comunidade que entende o comemorar como parte essencial de sua existência (SANTOS, 2011). A identidade é entendida como um conjunto de repertório de ação, de língua e de cultura, que permite a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele. Isso não depende somente do seu nascimento ou das escolhas realizadas pelas pessoas, pois, no campo político das relações de poder, os grupos podem fornecer identidade aos indivíduos, a identidade é construída não de forma unilateral.

Uma relação dialógica entre cultura e educação pode ser o caminho de favorecimento para a construção de identidade. Imagino que se as manifestações da cultura popular compuserem o cotidiano das escolas das comunidades, esta ação terá um importante papel no fortalecimento das Manifestações Culturais e das identidades

locais. O aproveitamento do ambiente escolar como espaço onde as culturas populares através das manifestações possam ser inseridas como elementos constituintes do currículo escolar trariam para a sociedade resultados surpreendentes, esse é um apelo que vem sendo feito ao longo dos anos em nosso país, várias foram as investidas para que a escola de fato se torne este ambiente de colaboração, para que cultura e educação caminhem juntas, no fortalecimento das identidades. Destaco três importantes momentos de tentativas de implementação de ações de valorização das culturas populares nas escolas formais. Em 1996, quando houve a reforma nas leis da educação (LDB 9394/96), foram lançados os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) dentre eles o volume 10 tratou do tema Pluralidade Cultural. Entre os seus objetivos um versava sobre: “Valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira” (PCN vol. 10, p. 59).

Uma ideia com uma intencionalidade bastante profunda, fazer com que a cultura fosse trabalhada em sala de aula, de maneira transversal. Na minha avaliação, as escolas (pelo menos as que conheço) não deram muita importância ao tema, dentre os motivos acredito por que não houve um aprendizado do tema transversalidade. A criação da lei 10.639/03 que tratava da obrigatoriedade da presença da temática História e Culturas Afro-brasileira e Africana nas instituições de ensino, nas redes particulares e públicas do país, e a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI tinha como uma de suas tarefas a promoção da equidade, valorização da diversidade e inclusão em âmbito nacional e desenvolveu o projeto Mais Cultura nas Escolas, que teve sua regulamentação oficial a partir da Resolução PDDE/FNDE nº 30 de 03/08/2012, e pelas complementações advindas da Resolução PDDE/FNDE nº 04 de 31/03/2014 e da Resolução PDDE/FNDE nº 05 de 31/03/2014. Uma particularidade apresentada neste programa é que para serem desenvolvidas as ações propostas nos projetos, deveriam ser firmadas parcerias entre as escolas, associações e grupos que tivessem dentre suas atividades trabalhos com questões culturais. Uma proposta interessante possibilitou que mestres e mestradas da cultura popular adentrassem nas escolas para realizar atividades culturais e transmitirem seus conhecimentos para estudantes da escola formal.

Em Saubara foram aprovados 5 projetos no programa, dentre eles o da parceria formada entre o Centro Educacional Manoel Castro e a Associação Chegança Fragata Brasileira. O projeto tinha diversas ações previstas: realização de palestras,

oficinas, vivências, apresentações, mostra de vídeo, confecções de indumentárias. O projeto aconteceu durante o ano de 2015 e 2016 e os resultados foram interessantes. Vimos crescer na comunidade educacional um interesse pela manifestação, um grupo de meninas foi formado no âmbito da escola, elas participaram de atividades na comunidade e algumas delas se incorporaram no grupo de adultos. Vemos como uma interação entre escola e comunidade pode refletir numa tomada de consciência sobre a importância da preservação de um bem cultural, e quando se pensa em preservar uma manifestação é porque temos conosco o sentimento de pertencimento.

3.2.1 Maroto pé-de-chumbo

Algumas das histórias da política brasileira também podemos encontrar em uma das canções da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, como é o caso da “noite das garrafadas” episódio que aconteceu no século XIX no período do primeiro reinado datado de 1822 a 1831.

Depois de outorgada a primeira constituição brasileira, em 1824, somente em maio de 1826 a Câmara dos Deputados iniciou os trabalhos legislativos no Brasil, e até o ano de 1829, na primeira fase da legislatura, houve uma tentativa de dar ao império recém criado o status de que suas instituições estariam organizadas. No período de 1829 a 1831 o império protagonizou um acordo político entre o poder executivo e o legislativo. O que Chico Castro chamou de uma “paz armada entre a cora e o parlamento” (CASTRO, 2013 p. 154). Após o 7 de setembro de 1822 e o 2 de julho de 1823, datas que marcam a história como a independência do Brasil, e Independência da Bahia, respectivamente, o país continuou sendo governado por D. Pedro, monarca português, ou seja, a independência não se deu por completo. A constituição da Câmara dos Deputados foi um elemento que, de certa forma, começou a incomodar a monarquia, que a partir de 1826 passou a ser “fiscalizada”. A tentativa de manter a câmara dos deputados numa postura harmoniosa com a realeza, não resultou em bons frutos para D. Pedro, e o ano de 1829 deu início a uma grande crise econômica no Brasil. “Esse acordo consentido entre o Executivo e o Legislativo nunca deu a D. Pedro a tranquilidade necessária na hora das votações e nem a certeza de que projetos do governo passariam sem sobressaltos pela câmara” (CASTRO, 2013, p.154).

O curto primeiro reinado foi também marcado pela má gestão do então Imperador D. Pedro I. Seus atos como administrador do Brasil duraram até o dia 7 de abril de 1831, tendo iniciado no dia 7 de setembro de 1822. Quatro foram as razões que levaram a D. Pedro abdicar do trono de Imperador: os inúmeros escândalos da sua vida privada e sua inclinação para atender aos interesses dos portugueses, em detrimento dos interesses dos brasileiros, as formas encontradas para que Portugal reconhecesse a independência do Brasil, e a onerosa guerra com a Argentina pelo controle da província Cisplatina, atual Uruguai. Para atender aquilo que propomos com o nosso estudo daremos uma ênfase maior no que indicamos como quarta razão: o desgaste político que deu início à revolta de populares no Rio de Janeiro. D. Pedro tentou alterar a constituição de 1824 para que ele tivesse mais poderes e o parlamento brasileiro fosse enfraquecido, o que seria um grande golpe na política brasileira. Um de seus fiéis confessores, o Frei Antônio da Arrábida foi contra a atitude que tomaria o monarca português e lhe aconselhou: “Queime, Senhor, o papel que contiver este quesito, que só de pensando se julgaria crime. (...) Ele nos arrastaria à mais espantosa ruína” (GOMES, 2010. p. 301). D. Pedro parece ter ouvido o seu conselheiro, porém, não escapou das previsões. A queda do rei Carlos X na França trouxe para o Brasil um ambiente desfavorável a D. Pedro, pois assumira na França, Luiz Felipe, que tinha pensamento contrário ao absolutismo real. Em meio a uma série de eventos que abalaram o seu governo D. Pedro decidiu fazer uma viagem para Minas Gerais, que teve início no dia 30 de dezembro de 1830, com a pretensão de que receberia por parte dos mineiros a mesma receptividade que acontecerá em 1822 um dia antes da proclamação da independência. Mas, o que ele encontrou foi um ambiente hostil, e ao invés dos sinos tocarem saudando sua chegada, ouviu-se segundo Chico Castro:...”repetidos e solenes dobrar dos sinos das igrejas, numa homenagem póstuma ao jornalista Líbero Badaró” (CASTRO, 2013. p. 174), assassinado por organizar uma manifestação para comemorar a troca no trono francês, segundo um jornal da época por mando do próprio imperador.

Como consequência do discurso feito por D. Pedro em Ouro Preto, no Rio de Janeiro, antes mesmo de seu retorno, já havia um ambiente de confronto entre brasileiros e os *pés-de-chumbo* (apelido dado aos estrangeiros apoiadores do imperador). “Dando vivas ao patricio, a *portuguesada* atacava as casas daqueles que não acendiam luminárias nem manifestavam alegria pelo retorno de D. Pedro” (Idem, p. 175). Aos 11 de março de 1831, quase 90 dias depois da partida, o imperador não foi bem recebido pelos brasileiros, entretanto, os portugueses apoiadores do imperante,

organizaram uma manifestação que tinha como grito de guerra: “o imperador sem trambolho”, ou seja, sem o parlamento (GOMES, 2010. p. 302).

A Noite das Garrafadas como ficou conhecida, foi um dos confrontos que aconteceram entre os dias 11 e 14 de março de 1831. Na noite do dia 11 de março de 1831, os portugueses colocaram luminárias em suas casas, acenderam fogueiras (acender grandes fogueiras era uma costume europeu, era sinal de muita alegria), dançaram, cantaram saudando a comitiva de D. Pedro que voltava da viagem que fez para Minas Gerais. Na noite do dia 13 de março de 1831 os brasileiros dos mais variados bairros da cidade tomou conta das ruas do Rio de Janeiro protestando contra as condições precárias em que viviam e, insatisfeitos com a política atual, apagaram as fogueiras (para os portugueses era um sacrilégio a uma tradição antiga dos aldeões da Metrópole), quebraram luminárias das casas dos portugueses e travaram um sangrento confronto com os portugueses.

Interessa-nos compreender quão é importante a manutenção da memória de pessoas que outrora já buscavam seus direitos, e lutaram dando seu sangue para que nos dias atuais, de forma lúdica e prazerosa, continuemos a reivindicar por melhores dias. “Cacos de garrafas atiradas pelos portugueses da sacada de suas casas caíram como chuva nos brasileiros. Em apenas uma residência, na Rua da Quitanda, foram encontrados mais de 300 fundos de garrafas quebradas” (CASTRO, 2013. p. 177).

A razão ou circunstâncias que podemos observar para que no Grupo Chegança Fragata Brasileira haja uma alusão a um movimento acontecido no Rio de Janeiro, uma vez que na Bahia os movimentos de brasileiros/baianos para a expulsão de portugueses e outros estrangeiros aconteceram nove anos antes do que é hoje conhecido como o dia da independência da Bahia, o 02 de julho de 1823, (sobre esse tema trataremos no próximo capítulo) é que, segundo Chico Castro, “os efeitos da noite das garrafadas, assim como em Minas Gerais, provocaram na Bahia a elevação dos ânimos, levando muitos cidadãos a praticarem atos de rebeldia,(...) Expulsaram portugueses que se achavam nos batalhões, destituíram dos altos cargos alguns civis ligados a grupos de antigos remanescentes da cidade antes de 1823” (CASTRO, 2013. p. 185).

Com certeza na Bahia fizemos isso com mais graça e sagacidade, além de chamá-los de pés-de-chumbo acrescentamos os termos “*maroto e calcanhar de frigideira*”.

Quem deu a liberdade de casar com a brasileira 2x

Fora maroto fora, fora maroto daqui 2x

Brasileira não quer mais maroto no Brasil 2x

Música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira

Imaginamos um grupo de homens e mulheres, em coro uníssono pelas ruas cantado com grito de guerra “brasileira no quer mais maroto no Brasil”. Esse é o espírito que carregamos quando, ainda hoje, cantamos e dançamos pelas ruas das cidades. Nas nossas apresentações, essa é uma música que cantamos com empolgação e força, quando há uma intervenção externa, algo ou alguém que tentar interferir na nossa dinâmica, um símbolo que é identificado apenas por quem é do grupo é preciso ter essa vivência para perceber as minúcias trazidas pela história, e pelas histórias de vida das pessoas envolvidas. Não é de se estranhar que pelo recôncavo também houve repetição de uma expressão parecida em momentos de tensão política. Um boato da possível independência do Brasil chega ao recôncavo, e as cidades de Santo Amaro, Cachoeira, Maragogipe e São Francisco do Conde, em junho de 1822, antecedem o ato político do 07 de setembro do mesmo ano, e por aqui D. Pedro é reconhecido como Imperador, e assim rompem-se os laços com Portugal. Na cidade de Cachoeira quando esse boato foi propagado “as pessoas saíram de suas casas, deixaram as suas atividades e foram para as ruas manifestar a alegria com abraços e vivas. Repicaram os sinos da igreja de Nossa Senhora do Rosário, Matriz da Vila e do Convento do Carmo. As pessoas e os sinos silenciaram logo que soldados portugueses armados ocuparam as ruas e o porto. A resposta veio em seguida nas vozes que gritavam das casas iluminadas: “*Morra tudo quanto for maroto*”. Como vemos, crescia no Brasil o espírito por se tornar uma nação livre de Portugal. Os brasileiros não querem mais maroto no Brasil, assim, para que não se esqueçam, nós da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira ainda hoje cantamos para os marotos atuais, queremos um país livre onde possamos preservar e cultivar nossa ancestralidade.

3.3 Música como elemento de memória

Falar de música é falar de vida, de dinâmica, de movimento, de transe, é falar de transformação. “Saubara pode ser considerada, em muitos aspectos, o coração do Recôncavo” (Araújo, 1986, p. 93). Se o recôncavo fosse um corpo, teria como coração Saubara, e o sangue que seria bombeado por esse coração seria sem sombra de

dúvida, a música: tambores, pandeiros, violas, atabaques, as palmas, as vozes, o corpo. O mesmo pensamento pode-se atribuir ao Recôncavo. Se a Bahia fosse um corpo, o recôncavo seria o coração, e o sangue bombeado desse coração seria a música: do Samba de Roda, do Candomblé, das Caretas, afoxés, Marujadas, do Maculelê, da Burrinha, da Boa Morte, da Capoeira, do Nego Fugido, Caretas do mingau etc. A construção social desses lugares só se consolidou, imagino, porque, permeando toda a construção, estavam ali as pessoas com seus corpos, ora gemendo de dor, ora festejando, ora guerreando. Música e dança seguem juntas na produção das manifestações tradicionais. Dançar é a utilização do corpo para expressar os sentimentos experimentados quando estamos envolvidos nas práticas culturais, é o corpo negro que, numa apropriação harmônica da musicalidade, revela as formas mais profundas para a compreensão de toda a historicidade que envolve esse lugar.

Importante pensar como os primórdios, há milhões de anos, usavam o som, como foi importante criar o som e depois dar sentido para esses sons. Criar sons, repetir esses sons é dar significado ao novo experimento, é se identificar com aquilo que é produzido por nós mesmos, é assim nas manifestações culturais, que para Katharina Döring (2016) esta na “dimensão poética, histórica e semântica, profundo conhecimento dos cantos, seus significados ancestrais, suas metáforas e entrelinhas para o momento apropriado, assim revelando um baú de tesouro poético-musicais que contam a história e sabedoria do seu povo” (DÖRING, 2016. p. 9).

*A derrota do pau verde
É o seco encostado
Botei fogo no pau seco (ô colega)
Lá vai o verde queimado
Chula cantada nas Rodas de Samba do Recôncavo*

Você é “pau seco” ou “pau verde”? É no trabalho diário, no ouvir, no contato do machado com a madeira, é na inspiração da labuta que a música é construída, e serve para ensinar, e fica na memória de gerações o seu aprendizado. O que é o samba para o recôncavo? O que é o samba sem as palmas? As palmas são as mãos que, num encontro fabuloso, produzem o som que orienta, que cadencia. Para um samba, precisaríamos apenas do corpo ecoado sua sonoridade, com os pés arrastando no chão dando ritmo, as mãos batendo uma na outra dando harmonia, e no requebrar da cintura, mostrando sua intensidade. No som das palmas no samba, as experiências de vida transformam-se em música, e revelam que homens e mulheres conseguiram significar suas histórias.

*Minha Santa Madalena
Rio Preto tá tomado
Morre o homem deixa a fama
Ouça meu palavreado
Samba chula cantado nas rodas de Samba do Recôncavo.*

Ao cantar uma chula, expressamos uma realidade que somente quem é membro desse universo consegue identificar: “não vá pelo caminho do Rio Preto, está cercado pelo inimigo, se você for pode perder a vida, e apenas teremos você na lembrança, ouça que eu te digo”.

*Eu vi conversa de homem
Eu vi grito de rapaz
Eu vi conversa de homem
É assim que homem faz.
Relativo cantado nas Rodas de Samba do Recôncavo.*

Ao entender o sinal, agradece e reconhece o valor dos seus iguais, que estão sempre nos orientando. Esse diálogo, apresentado em forma de canto, foi uma das formas encontradas por negros e negras para sobreviver no período em que era difícil falar diretamente. A música aqui se apresenta como um elemento de sobrevivência. É dessa maneira que se constrói a memória coletiva, perpassando pelo sentido, pelos sonhos, indo além de meramente um simples lapso mental. Desde o início da formação do Brasil, nos deparamos com a utilização da música, foi assim que os padres jesuítas introduziram por aqui a fé cristã, utilizando-se de elementos como dança, canto e técnicas do teatro. Tudo isso, orquestrado, resultou no início de inúmeras festas populares, dentre elas estão as cheganças. Uma colonização feita à base da fé, do fogo e da festa. (Marujada. Bahia Singular e Plural. TVE. 2000). Uma fé externa e imposta, muita guerra e extermínio, e a festa foi a maneira encontrada para resistir e sobreviver. Foi possível recriar modelos tendo a música como fundamento, usando a música era possível se comunicar de modo que quem era de determinado grupo compreendia. Ir para igreja, era muitas vezes, a única possibilidade de, mesmo cantando para santos católicos (São Domingos de Gusmão, São Benedito, São Braz, São Bartolomeu, São Sebastião etc.), reverenciar outras entidades religiosas proibidas. Em Prado, cidade do extremo sul da Bahia, a Marujada festeja São Benedito. A festa é realizada sempre na segunda-feira após o Domingo de Páscoa. “A marujada é aquilo que Jesus Cristo deixou para São Benedito, Jesus Cristo deu pra ele, disse pra ele, São Benedito você é preto nagô então você vai ficar com isso, ele gosta desse negócio de samba dessas coisas...”

Esse depoimento foi dado por Antonio Gomes de Azevedo para o documentário Marujada -Bahia Singular e Plural, produzido pela TVE no ano 2000, e traduz o entendimento das pessoas sobre como se produziram tais manifestações culturais. O sincretismo atuou de forma a garantir que essas produções fossem mantidas, e, ainda hoje, é possível, em Prado, conviver com essa manifestação.

A música é um lugar onde é possível ativar a memória, e também onde reside a memória. Quem não lembra de algo que aprendeu a partir de uma música? Para Pierre Nora, “a memória se enraíza no concreto, no espaço no gesto, na imagem, no objeto”. (NORA, 1993, p. 12). Compreendemos o quanto é importante a música para a sobrevivência das manifestações culturais, como é indispensável para qualquer manifestação a presença da música, que com o corpo, ou saindo do próprio corpo, vai materializar saberes, vai perpetuar fazeres, e assim garantir a transgeracionalidade dos conhecimentos e saberes. É necessária a compreensão de que, nas culturas de matriz africana, ou naquelas em que o povo negro alimenta sua existência, é um ato pecaminoso dissociar música, canto e dança. Esses elementos configuram-se num tripé que sustenta toda construção a musicalidade. É urgente a prática de afeição à música, entender que a manifestação musical é o sustentáculo das artes, que não tem tempo definido, que não precisa necessariamente de métrica e compasso.

É recorrente que os grupos culturais passem por momentos de enfraquecimento e muitos deles desaparecem, nossa experiência com o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, nos dá essa dimensão, beirando o seu último suspiro, o grupo foi ressuscitado por conta da memória e dá memória musical.

Essas músicas quando eu entrei na Chegança eu ouvi dizer que tinha livro, esse livro se apanhava nas mãos de Dedé. Codó mais Zinoel eles foram puxando aquilo, puxando aquelas coisas pela boca de alguém e foram assinando também, não sei se ainda estão assinado, e foram completando as coisas. E aí ficamos homens com boa memória quer dizer que seguiu as músicas parecendo que elas foram feitas hoje, mas elas foi do tempo que fundou Chegança, que não foi no nosso tempo. E dizem que ela tinha papel, quem tinha o documento dela, era a velha Dominga, eu acho, que passou para Codó, Duca que era neto, sobrinho e daí prá cá, nós canta sabemos o que vai cantar. As músicas faz parte da tradição, as músicas você vê que é uma coisa diferente de tudo, então, acho aquilo uma coisa “impossível” como é que eles fundaram tudo e nós vem conservando aquilo que ele fundou e nós vem conservando até hoje, e essa conservação é feito pelo amor e pelo gosto,

*passando de filho pra pai, de pai pra neto, nas memórias das pessoas*²⁷.

Nesse depoimento, Vovô Pedro²⁸ nos ajuda a compreender a força que a memória tem e como essa memória é potencializada com a utilização da música, e como a música é um meio onde as pessoas encontram fundamentos para conseguir manter vivas as tradições locais. A musicalidade permitiu que o grupo voltasse novamente às atividades, a música internalizada pelas pessoas, e ancorada na oralidade que é uma das capacidades de transmitir conhecimento, potencializou o grupo e fez com que ele revivesse e chegasse até os dias atuais. Para Charles Murray (2008) “a oralidade característica inerente ao ato musical, seja no aspecto da criação, da execução ou da preservação dos seus códigos” (MURRAY apud SILVA, 2008, p. 106). Foi pela música que tudo se reconstituiu, e por estar na memória e transmitido “boca ouvido” é possível hoje, conviver com a manifestação.

*Tinha por escrito aquela música então quando retornou pegou aquela ata velha e foi que deu continuidade de novo, tinha gente que ainda tava ainda no auge ainda (vivos) como Duca, Delau esse povo, então já sabia e já sabia os toque como era isso tudo tava gravado na mente.(Fernando Barbosa)*²⁹

Além do próprio corpo, a utilização de instrumentos musicais e a forma peculiar com que eles são tocados, também fazem parte dessa reunião de elementos musicais que compõem o universo do grupo. Os pandeiros de vários tamanhos emitem afinações variadas, permitindo que a melodia das canções, o ritmo e harmonia atinjam a altura, intensidade e timbre perfeitos, que complementam a voz, dando assim ao grupo a possibilidade da utilização do corpo que, no movimento imaginário do mar, transforma-se num ambiente que nos conduz à concepção do que representa o ser cheganço.

Aquele movimento da Chegança é pela música, se for uma música de saltar você tem que pular, se for uma música de levar o remo você tem que remar, se for uma música lenta você tem que ser lento, aquela música mesmo de bailar do calafatinho e guarda Marinha aquilo é muito bonito quando o calafatinho dá aquele salto assim que vai lá ele tá preso hoje ta

²⁷ Entrevista realizada na casa do entrevistado no dia 23 de fevereiro de 2020.

²⁸ Membro fundador do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, sempre teve função de marujo.

²⁹ Membro do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Já foi Padre Capelão, segundo gajeiro e atualmente é o primeiro guia. Entrevista realizada no dia 23 de fevereiro de 2020.

no cordão aí já sabe que é bonito demais. Assim também na hora da espada, “rastou” a espada você vai lá, vem cá, vem cá vai lá, na hora de rodar a Chegança a rua toda a Chegança tem que rodar, pra mostrar o povo que é bonito. O movimento da maré.³⁰

Domingão,³¹ em seu depoimento expõe seu entendimento sobre a função do corpo, e o quanto o corpo é revelador da música na manifestação e como o universo imaginário do mar está presente e para quem tem a sensibilidade é possível ouvir a mar nos movimentos que fazemos. Essa visão é a mesma do método de educação musical apresentado pelo pedagogo musical Jaques- Dalcroze que “propõe o rompimento da dicotomia corpo-mente, estabelecendo relações entre estes dois através de uma educação musical baseada na audição do corpo”. (MONTEIRO, 2011. p. 31).

Na atualidade enfrentamos um problema para a manutenção das manifestações culturais. Por ter em seu histórico a transmissão feita pela oralidade, nos deparamos com uma juventude que cada vez mais interage com as tecnologias modernas, entendemos que é necessário acompanhar essa revolução e transformar os nossos etnométodos. Como educador, acho possível uma educação musical a partir de saberes e fazeres tradicionais da musicalidade orgânica existente em cada lugar, produzidas por agentes culturais pertencentes às manifestações culturais. Não subestimando o poder da aculturação, é possível sim que elementos outros sejam introduzidos, porém, é extremamente oportuno que os conhecimentos musicais produzidos pelas comunidades sejam prioritariamente usados num ambiente de aprendizado. Perguntado sobre sua opinião do ensino da Chegança nas escolas, Domingão disse:

Eu acho um negócio bom, mas só que a Chegança eles nunca faz igual a principal, tem diferença. Eu acho bom tudo vem do principio do mundo, se amanhã depois um morrer ou qualquer um morrer já fica eles novo para representar a Chegança aqueles quer aqueles que não quer... Eu acho que a Chegança não acaba por que ta botando as crianças para aprender, na hora que um “véio” morrer vem um novo. Agora o que você tem que fazer é botar tudo no papel que a Chegança tem, pra eles aprender o que a Chegança tem, pra não fazer besteira.³²

Em seu depoimento, além de a importância da transmissão, mesmo que aconteça na educação formal, ele também orienta que tudo seja colocado no papel, ou seja, a

³⁰Entrevista realizada na casa do entrevistado no dia 22 de fevereiro de 2020.

³¹Domingos Vieira participou durante muito anos da do Grupo Chegança Fragata Brasileira, deixando de atuar no grupo devido a um problema de saúde. Foi marujo e porta bandeira.

³²Entrevista realizada na cidade de Saubara no dia 22 de fevereiro de 2020

necessidade de se registrar as canções em outras mídias, para se fazer o mais próximo possível da realidade.

A escola pode ser uma aliada na preservação de uma manifestação cultural, desde que seja aplicada uma metodologia de educação musical que considere a possibilidade de manter entre suas estratégias a utilização da música produzida na comunidade em que os estudantes estão inseridos e que reconheça a habilidade musical dos envolvidos, fugindo da postura hegemônica que tem imperado, que reforça a ideia do bom e do ruim. Para Howard Gardner (1995) “o aprendizado se dá através de diversas inteligências entre elas a musical que pode ser treinada e desenvolvida a partir de fatores como oportunidade e experiências que pode ser influenciada pela escola”. (GARDNER, 1995, p. 45).

As manifestações culturais apresentam-se como um interessante elo que pode proporcionar um aprendizado mais eficaz, principalmente aquelas manifestações em que a música é elemento primordial: o Samba de Roda, a Capoeira, a Marujada dentre outras, que fazem parte constante da vida de crianças e adolescentes, por serem produzidas nas comunidades onde elas nascem e crescem.

*Cresce meus meninos
Para pátria defender
Que o Brasil está jurado
Liberdade ou morrer
Trecho de uma música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira*

*Cresce, ô filho de minha alma
Para a pátria defender
O Brasil já tem jurado
Independência, independência ou morrer
Trecho do Hino da Bahia*

Esses trechos oportunizam uma discussão sobre umas das datas mais emblemáticas na Bahia, o 2 de julho. É possível uma investigação sobre como surgiu esse canto se Ladislau dos Santos Titára³³ que participou das lutas para independência da Bahia ouviu aqui em Saubara e depois adaptou para o hino, ou se depois da guerra, as pessoas daqui ouviram e adaptaram para a Chegança. Esse fragmento da canção ativa a memória sobre um episódio histórico, ao mesmo tempo preserva as informações que podem ser acessadas sempre que for mantido contato com ela. Em manifestações

³³Militar, historiador e poeta brasileiro. Destacou-se nas campanhas pela independência do Brasil na Bahia e por ter escrito depois a obra *Paraguaçu: Epopeia da Guerra da Independência na Bahia*.

culturais com características musicais, se aprende cantado e canta-se aprendendo, isso não está longe do que propôs Zoltán Kodály

em sua concepção, ser musicalmente alfabetizado inclui o apropriar-se da música com capacidade de pensar, ouvir, expressar, ler e escrever...O cidadão, a partir da vivência musical, deve ser capaz de escrever o que canta e cantar o que lê. (KODÁLY *apud* MONTEIRO, 2011. p. 57).

Uma pedagogia que é reforçada com o pensamento de que podemos sim levar em consideração a importância de tudo que é organicamente produzido pelas comunidades, o mundo em torno da instituição escola. No livro “A importância do ato de ler”, Paulo Freire (1989) revela que precisamos ter “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita” (FREIRE, 1989. p. 9). Um mundo pode ser construído a partir da experiência musical, uma nova história pode ser escrita a partir de uma vivência com a música, a música pode trazer reflexões que saiam das quatro paredes, e pode oferecer outras diversas leituras. Sendo um lugar de memória, a música pode funcionar como propulsor que dinamiza a compreensão que o sujeito pode ter de si e do mundo que o envolve.

CAPÍTULO IV

1- PATRIMONIALIZAÇÃO: NOVOS HORIZONTES PARA UMA AUTOORGANIZAÇÃO E AUTORECONHECIMENTO.

Numa turma do nono ano do Centro Educacional Municipal de Acupe, Santo Amaro –Bahia, iniciei um trabalho sobre Patrimônio. Pensamos em fazer um panorama geral sobre o tema apresentando o que difere o Patrimônio Material do Imaterial, dando uma atenção maior para o Patrimônio Imaterial, e aproximando-nos mais do Samba de Roda, que é um Patrimônio Imaterial muito presente na comunidade. O Samba de Roda foi inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressões em 2004 (IPAHN, 2006. p. 11). No primeiro contato com a turma para falar deste assunto fiz a seguinte pergunta: o que é patrimônio? Foi uníssono “herança” e continuamente ainda ouvimos: é aquilo que herdamos de nossos pais, avós, parentes. Ao presenciar tais respostas observamos que ao tratar de patrimônio estamos falando das histórias daquelas pessoas, com aquilo que elas se identificam, com aquilo que elas lembram. Outro aspecto a ser considerado é que as respostas vinham sempre acompanhadas de exemplos como casa, roupa, uma jóia, dentre outros. O conceito de patrimônio extremamente ligado à ideia de propriedade, sempre carregado do desejo de preservação deixando-os distante da comercialização, toda herança deve ser guardada de uma forma especial. Para os alunos o patrimônio é algo que deve ser protegido, que é carregado de um sentimento de pertencimento.

O Brasil tem hoje uma série de bases legais no que diz respeito à conservação e preservação do patrimônio cultural e órgãos que têm a responsabilidade de gerenciar as políticas de patrimônio, mas tenho a impressão de que nada disso poderá ser bem sucedido sem que haja uma participação real e efetiva dos que desse patrimônio fazem parte, e mais especificamente no que tange ao Patrimônio Imaterial.

O primeiro órgão federal de proteção ao patrimônio – a Inspeção dos Monumentos Nacionais – foi criada em 1934, no Museu Histórico Nacional, por iniciativa de Gustavo Barroso. Essa inspeção atuou sobretudo na restauração de monumentos da cidade de Ouro Preto, considerada desde 1933 a principal relíquia do passado nacional a ser preservada (OLIVEIRA, 2008, p. 114). Os primeiros passos dados para a formalização de repartições federais para os cuidados com o patrimônio pareceram reforçar a ideia de que apenas as edificações teriam o status de ser capazes de

representar a história da cultura no Brasil. Esse pensamento é a base que alimenta, até os dias de hoje, conceitos generalizados do que é ser um patrimônio. Segundo Lúcia Lippi Oliveira, antecedendo a criação do órgão federal, alguns estados, como Minas (1926), Bahia (1927) e Pernambuco (1928) já haviam criado seus órgãos de proteção ao Patrimônio. Mesmo os pensares da política de Patrimônio de “pedra e cal” tiveram ao longo de sua construção diversos embates jurídicos:

Tamanha era a capacidade de estruturação de discursos demolidores e contrários a essas ideias conservacionistas pelo tombamento, que na fase de criação do DL 25/37, o próprio Rodrigo de Melo Franco levou de dez a quinze anos defendendo, nas barras dos tribunais, a constitucionalidade do tombamento (QUEIROZ, 2016. p. 54).

Por recomendação do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, nos anos de 1934 e 1945 na era Vargas, Mário de Andrade elaborou o anteprojeto para a criação de um serviço nacional para a proteção do Patrimônio Cultural brasileiro, essas são as primeiras discussões para a o surgimento SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado pela lei nº 378 de janeiro de 1937, e pelo decreto – lei nº 25, de 30 de novembro também desde ano. Já no anteprojeto elaborado por Mário de Andrade, ele apontava uma visão bastante ampla sobre o que seria o Patrimônio Cultural Brasileiro, listando assim oito categorias a serem pertencentes a esse Patrimônio: a arte arqueológica, a ameríndia, a popular, a histórica, a arte erudita nacional e estrangeira, as artes aplicadas nacionais e estrangeiras (Oliveira, 2008, p.118). Chama-me atenção a arte popular posta neste documento como sendo importante a ser preservada, já na década de 30. E nos dias atuais ainda vivenciamos diversas lutas para o reconhecimento da importância dos saberes e fazeres populares. E quando há esse reconhecimento, o trato dado pelos órgãos governamentais não é, em alguns aspectos, o mesmo dado a um bem de outra natureza.

A pretensão de Mário de Andrade se contrapunha à de Rodrigo. Enquanto o primeiro se preocupava com preservação das culturas populares, do folclore, artes, etc., o segundo defendia a construção de um Brasil que reafirmasse uma herança europeia-portuguesa- e, em contrapartida, negar uma possível “herança indígena”, buscando constituir a fisionomia do Brasil sem regionalismos no âmbito das relações internacionais. (CHUVA, 2003, p. 316 *apud* QUEIROZ, 2016 p. 58).

Se o anteprojeto de criação do SPHAN foi de Mário de Andrade, coube a Rodrigo Melo Franco Andrade a sua versão final, algo que trouxe para este serviço outra característica, segundo Lúcia Lippi Oliveira:

esse primeiro momento da política de preservação do Patrimônio brasileiro orientou-se por uma concepção de política cultural – mais tarde chamada de “pedra e cal” – executada, principalmente, pelo estatuto do tombamento[...]. Tombamento, portanto, significa inscrever em um dos quatro livros do Tombo: Livro de Belas- Artes, Livro Histórico, Livro Arqueológico Etnográfico, e Livro Paisagístico. (OLIVEIRA, 2008. p. 120).

Para Mário de Andrade, o resgate das tradições prescrito pelo discurso modernista e de Estado da época, não deveria recuperar apenas as raízes elitistas, reconhecidas nos monumentos arquitetônicos de século XVIII, mas era imprescindível conhecer o “centro vivo da tradição”, os folguedos, os costumes, as músicas, as danças, as receitas culinárias, etc. (ALENCAR, 2010. p. 68).

Foram inúmeras fases e transformações no que diz respeito às políticas sobre patrimônio no Brasil. Várias fases ficaram marcadas a todo o momento pela polarização entre duas correntes de pensadores. Com o passar dos tempos, a tentativa frustrada de Mário de Andrade, que em outrora não foi colocada em prática, foi ganhando espaço, e hoje vemos uma postura mais próxima daquilo que ele imaginara. Digo mais próxima porque ainda há que se avançar no que se refere à proteção do patrimônio imaterial, temas como: a proteção dos direitos intelectuais dos detentores³⁴, proteção dos direitos autorais contrapondo a ideia de domínio público, a participação dos detentores como atores no processo de patrimonialização, o aumento no financiamento do patrimônio imaterial, repatriação de acervo, etc. Tudo isso precisa ser colocado de maneira mais incisiva para que, de verdade, possamos nos aproximar do ideal.

A Constituição de 1988 no Brasil é vista como o momento da retomada da democratização do país e também é tida no meio de estudiosos e apreciadores da política de patrimônio como o marco simbólico para uma nova era com novos

³⁴ Denominação dada às pessoas que integram comunidade, grupos, segmentos e coletividade que possuem relação direta com a dinâmica de produção e reprodução de determinado bem cultural imaterial e/ou de seus bens culturais associados, para as quais a prática cultural possui valor referencial por ser expressão da história e da vida de uma comunidade ou grupo, de seu modo de ver e interpretar o mundo, ou seja, sua parte constituinte da memória e identidade. Os detentores possuem conhecimentos específicos sobre esses bens culturais e são os principais responsáveis pela sua transmissão para futuras gerações, pela continuidade das práticas dos valores simbólicas a ela associados ao longo do tempo. (IPHAN, 2017. p. 11)

horizontes. A constituição traz em seu corpo dois artigos que fazem referência à produção cultural de comunidades e saberes ora esquecidos nas práticas anteriores.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.³⁵

Esses pontos da Constituição possibilitam que a pluralidade étnica e social brasileira tenha um amparo legal, assim como todas as reivindicações dos movimentos negros e indígenas. As produções da cultura popular passam a integrar o Patrimônio Cultural do Brasil, devendo, tais quais as edificações, ser valorizadas. Como a publicação da Constituição de 1988, outros mecanismos foram possíveis de serem desenvolvidos para cumprimento da lei, o decreto presidencial nº 3551, de 04 de agosto de 2000, é um desses:

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

- I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

³⁵ Constituição Federal de 1988.

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo. (Decreto 3551/2000).

Com a institucionalização para o registro dos bens de natureza imaterial, a partir do decreto abriu-se uma possibilidade para que manifestações da cultura popular passassem a ser reconhecidas como Patrimônio Cultural do Brasil. No contexto nacional, o IPHAN³⁶ é o órgão federal que tem a responsabilidade de desenvolver as políticas de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro e no âmbito do Patrimônio Imaterial já foram registrados uma série de bens, dentre estes: A Roda de Capoeira e Ofício dos Mestre de Capoeira de abrangência nacional, a Arte Kusiwa-Pintura Corporal e Arte Gráfica Waiãpi no Amapá, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, e o Ofício das Baianas de Acarajé na Bahia, o Modo de Fazer Viola de Cocho no Mato Grosso do Sul, o Jongo no Sudeste, o Ofício de Sineiro e o Toque dos Sinos em Minas Gerais, o Fandango Caiçara no Paraná.

Na Bahia, o histórico da política de preservação do Patrimônio cultural tem raízes que antecedem o DL 25/37. No ano de 1927, o Governador do Estado da Bahia, Francisco M. Góis Calmon, mediante as leis estaduais 2031 e 2032 de 08 de agosto, regulamentadas pelo Decreto 5.339, de 06 de dezembro do mesmo ano, organizou a defesa do acervo histórico e artístico do Estado e criou a Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais anexa à Diretoria do Arquivo Público e Museu Nacional (QUEROIZ, 2016). Como vemos na descrição, tratava-se de um órgão que seguia uma tendência daquela época, privilegiando os monumentos edificados, sem nenhuma referência às culturas populares.

O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, criado em 13 de setembro de 1967, como FPACBa – Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (atualmente denominado IPAC), é uma autarquia vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia - SECULT, cuja missão é atuar de forma integrada e em

³⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

articulação com a sociedade, na salvaguarda dos bens tangíveis e intangíveis e no fomento de ações culturais para o fortalecimento das identidades no estado da Bahia (IPAC, 2014.). Criado desde a década de 60, o IPAC só passou a atuar no que diz respeito ao reconhecimento de bens imateriais em 2006, a partir do Decreto nº 10.039 DE 03 DE JULHO DE 2006, que regulamenta a Lei nº 8.895, de 16 de dezembro de 2003, que instituiu normas de proteção e estímulo à preservação do patrimônio cultural do Estado da Bahia e criou a Comissão de Espaços.

Art. 1º - O Estado da Bahia protegerá o patrimônio cultural existente em seu território, por meio dos seguintes institutos:

- I - Tombamento;
- II - Inventário para a Preservação;
- III - Espaço Preservado;
- IV - Registro Especial do Patrimônio Imaterial.

Parágrafo único - O patrimônio cultural, para fins de preservação, é constituído pelos bens culturais cuja proteção seja de interesse público, pelo seu reconhecimento social no conjunto das tradições.

Art. 5º - Serão mantidos no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC, autarquia vinculada à Secretaria da Cultura e Turismo, os seguintes livros de inscrição do patrimônio cultural, que poderão ter vários volumes, e cuja inviolabilidade e segurança ficará sob a responsabilidade do mencionado Instituto:

- I - Livro do Tombamento dos Bens Imóveis;
- II - Livro do Tombamento dos Bens Móveis;
- III - Livro do Inventário para a Preservação dos Bens Imóveis e Conjuntos;
- IV - Livro do Inventário para a Preservação dos Bens Móveis e Coleções;
- V - Livro dos Espaços Preservados;
- VI - Livro do Registro Especial dos Saberes e Modas de Fazer;
- VII - Livro do Registro Especial dos Eventos e Celebrações;
- VIII - Livro do Registro Especial das Expressões Lúdicas e Artísticas;
- IX - Livro do Registro Especial dos Espaços destinados a Práticas Culturais Coletivas.

Parágrafo único - Os livros relacionados neste artigo poderão ser paulatinamente substituídos por bancos de dados.

Art. 6º - A abertura dos processos de Tombamento e Inventário para a Preservação, por ato do Diretor Geral do IPAC, após instrução sumária, deferindo proposta apresentada por qualquer pessoa, ou de ofício, assegura ao bem, até o ato de inscrição, o mesmo regime dos bens protegidos.³⁷ (Lei nº 8.895, de 16 de dezembro de 2003).

³⁷<http://www.ipac.ba.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/DECRETO1003906.pdf> acesso 08/04/2019

A partir da promulgação do decreto nº 10.039/2006, houve o primeiro processo de reconhecimento de um bem imaterial, a Capoeira foi reconhecida a partir Decreto nº 10.309/2006. Outros registros foram feitos, e já é mais de uma dezena de bens registrados no Estado da Bahia.

Acompanhando toda a movimentação acerca dos Registros Especiais de eventos, celebrações, saberes, modos e fazeres, fizemos uma mobilização para discutirmos a viabilidade de Registro das Cheganças e Marujadas no Livro Especial de Expressões Lúdicas e Artísticas. Esta ideia surge num momento em que o grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira vive talvez sua melhor época, onde foi possível abrir uma discussão sobre o processo de patrimonialização dos grupos da Bahia, quando foi possível criar um ambiente de diálogo com os mais diversos grupos espalhados pelo estado da Bahia. No dia 02 de agosto de 2013, em Saubara, na ocasião da realização do I Encontro de Cheganças da Bahia fizemos a primeira reunião, e uma das pautas dessa reunião era a deliberação de encaminhamento para o IPAC do pedido de registro das Cheganças e Marujadas como Patrimônio Cultural do Estado. O diálogo foi bastante intenso e proveitoso, com presença de lideranças dos grupos, de representantes de universidades públicas, representantes do IPHAN, políticos e pesquisadores, foi aprovado que a Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira encaminharia para o IPAC o pedido de registro especial. Foi então que no dia 13 de setembro desde mesmo ano foi encaminhado o ofício nº 08/2013, para o então Diretor, o Sr. Frederico A. R. C. Mendonça. No dia 15 de janeiro de 2015 foi publicado no diário oficial do Estado da Bahia a notificação pública de abertura do Processo de Registro Especial como Patrimônio Imaterial das Cheganças e Marujadas do Estado da Bahia nº 0607130030671/2013, datado de 14 de setembro de 2014, ou seja, um ano após termos encaminhado o pedido é que o processo foi aberto. A morosidade com que é tratado o tema tem o poder de fazer desistir, mas este sentimento fez parte de nossas vontades. Foram cinco anos de trabalhos intensos, diversas atividades foram desenvolvidas com o intuito de manter as pessoas envolvidas. Realizamos diversas atividades: os encontros estaduais foram importantes (apresento relatórios a abaixo) para mantermos foco no processo, realizamos encontros territoriais (baixo sul, extremo sul, piemontês de diamantina, região metropolitana), registramos áudio em CD de cinco grupos, realizamos pelo menos dez reuniões com lideranças. No final do ano de 2017, começamos a fazer o inventário dos grupos existentes na Bahia. Foram doze meses de

visitas a comunidades, fizemos um levantamento de informações dos grupos, fotografamos em logo, fizemos um vídeo documentário desses grupos. Como dados do inventário, temos a informação de que existem hoje em atividade vinte grupos espalhados em oito territórios de identidade e quinze localidades diferentes, e foi possível ainda descobrir que em vinte e seis outras localidades um dia já houve grupos dessa manifestação. Obviamente, acreditamos que é possível encontrar alguns grupos ativos que não conseguimos atingir neste levantamento, assim como também outras muitas comunidades onde estes já existiram. No dia 11 de fevereiro de 2019, sob o decreto nº 18.905, as Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia foram reconhecidas como Patrimônio Imaterial do Estado.

Pessoalmente falando, para mim foi uma vitória, não só para a Fragata Brasileira, mas para todas as Marujadas, esse registro, porque com esse registro vai viabilizar muitas outras coisas; com esse registro muitas outras Marujadas que estavam desativadas vão começar a se reestruturar, então cresce essa cultura, essa manifestação cultural vai crescendo cada dia, porque têm cidades aí que a gente nem imagina tinha uma Marujada, essa mesmo daqui segundo Mouro, foi uma daqui de perto que existia que veio fazer uma apresentação aqui e daí criou a nossa aqui, e essa que a gente é oriunda será que não existe hoje? Será que não tem algum remanescente por lá? Então com esse registro tem 20 grupos em atividades, mas deve ter mais. Então possivelmente a gente vai poder resgatar ou reativar muitas que estão inativas. Então esse registro foi uma vitória [...], então vamos agora colher os frutos dessa vitória, saber aproveitar nesse mundo, tem que saber ser visto, mas que precisamos estar sempre em evidência sim [...] nesse ponto tem que ser no sim, a gente precisa expandir agora, nós não podemos mais pensar só na Fragata Brasileira nós temos que pensar coletivo, pensar nas Marujadas, Chegança e Embaixadas, tem que pensar grande agora.³⁸

Esse depoimento feito por Roque Antonio da Silva, que é um membro do grupo de Saubara, demonstra que para os cheganceiros o que importa de verdade nesse reconhecimento é a possibilidade que tivemos e podemos ter de agregar valores a partir desde processo. Ter conseguido encontrar pessoas de outros lugares fazedores de uma mesma cultura, trocar experiências, ter novos aprendizados é o importante e necessário. É nesse balanço da maré que navegamos, tentando trazer novos atores, novos grupos. Espalhamos a notícia de que existem ainda grupos dessa manifestação que resistem, e isso já traz resultados. Grupos que haviam sido desarticulados voltaram a reunir-se, retomaram a jornada de ensaios, e já estão ativos novamente.

³⁸ Entrevista realizada na cidade de Saubara, no dia 17 de outubro de 2019.

Por entender que é também relevante perceber a existência das Cheganças em diferentes territórios do estado da Bahia e que foram espalhadas, difundidas por meio da oralidade, por compreender que parte da sua singular dramaturgia, musicalidade própria, merecedora de estudos aprofundados, e ainda pelo eminente risco de desaparecimento – devido a fatores como falta de apoios institucionais, falta de fomento, falta de compreensão das novas tecnologias em torno do processo cultural que vem acontecendo ao longo dos tempos – o que buscamos pela via do ser Patrimônio é ser reconhecidos pelo estado inserindo-nos nas políticas culturais existente. Precisamos nos reinventar, e entendemos que a patrimonialização, se de nada servir, pelo menos juntou pessoas que, sem esse processo, talvez fosse impossível que se encontrassem.

4.1- Os grupos de cheganças de Saubara

Como em todas as comunidades em que tive a oportunidade de pesquisar sobre as Cheganças, em Saubara também não encontramos registros que deem conta de uma data precisa para o surgimento desses grupos. O que temos são narrativas que trazem evidências da secularidade dessa manifestação. São depoimentos que foram trazidos até os dias atuais, pelas memórias coletivas das comunidades e, especificamente por descendentes, que ainda mantêm as atividades dos grupos permanentemente ativas. Em Saubara existem três grupos ativos: a Chegança de Mouros Fragata Barca Nova – masculina, Chegança de Mouros Barca Nova – feminina e o grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Os grupos de Mouros têm as mesmas características nas suas apresentações, o que os diferencia é justamente a questão do gênero na formação do grupo. E o grupo Chegança Fragata Brasileira traz consigo apropriações de episódios regionais em suas encenações.

4.1.1- Chegança de Mouros Barca Nova – feminina

Nesse contexto de ebulição cultural, situa-se a Chegança. Mestra Aurelita Rocha³⁹ entende a Chegança como uma escola, ela afirma:

³⁹ Aurelita Rocha é a mestra do Grupo Chegança Barca Nova – Feminina de Saubara

Ninguém nasce sabendo. Todo mundo que entra num grupo desse (...) não entra sabendo. Ela vai aprender ali dentro. É uma escola aquilo ali! Essas meninas quando entram, entram sem saber nada. Bate no pandeiro errado e não sabe cantar. Mas, por ver a gente cantar, por ver a gente fazer, elas aprendem. Estamos ensinando. É uma escola!

40

As Cheganças e Marujadas são grupos que integram o universo das experiências do brincar. Possuem peculiaridades de um espaço de saberes e fazeres pesqueiros, apresentados nas performances dos grupos de manifestações populares. A experiência do aprender é coletiva e holística. Nascida em 1991, a Chegança de Mouros Barca Nova Feminina, tem 50 componentes de variadas idades.

As mestras ensinam os toques no pandeiro, a performance do bailado e todo o movimento corporal desenvolvido durante a brincadeira. Além disso, aprende-se também o canto. Contudo, concomitantemente ao ensino das mestras, existe mais um caminho de aprendizado: a observação.

É no observar/perceber que as marujas aprendem as coreografias e toques no pandeiro. O saber a partir da observação é um método tradicional em comunidades descendentes de africanos e indígenas, espaço onde o conhecimento é transmitido oralmente, e o olhar/observar é considerado importante instrumento no aprendizado. Significa uma transgressão nos padrões instituídos como único formato da produção de saberes. A partir de instrumentos musicais e de um vestuário peculiar, o corpo ganha movimento, e logo se constitui em uma cena de teatro a céu aberto. O ritual da Chegança Barca Nova Feminina começa com os ensaios. O aviso segue de boca a boca. A mestra Aurelita aguarda a chegada das companheiras de atividade. É ela quem vai ajustar os movimentos, ensinar a tocar pandeiro, ensinar as músicas e ensinar o bailado.

Contudo, muitas meninas que já aprenderam também ensinam aquelas que estão chegando, mesmo se for mais velha. Segundo Ketelen Rosário de Jesus, de 14 anos, quem a ensinou a tocar o pandeiro foi a irmã mais nova, de 13 anos. Ela nos conta: “ela entrou primeiro do que eu, aí quando ela entrou, eu entrei também porque minha vó chamou. Eu gostei(...) Ensino um bocado, lá na escola as meninas me pedem”⁴¹.

⁴⁰Entrevista realizada na cidade de Saubara em 14 de abril de 2018

⁴¹Entrevista realizada na cidade de Saubara em 26 de abril de 2018.



Existe uma hierarquia funcional onde cada título confere uma atribuição específica para ser desempenhada. A general coordena o “navio”, entoando as músicas, direcionando o movimento a ser executado, gerenciando o início e o término de cada ato. A contra-mestra e as marujas que tocam o pandeiro. Nesta Chegança existe ainda a família real de mouros, é uma representação do rei, suas filhas e a guarda-real. Outras personagens aparecem no desenrolar da performance, são elas: gajeiro grande, calafatinho, imediato, comandante, pipão e general.



A Chegança feminina conta uma história de luta. Durante todo o cortejo, é cantada uma história do cotidiano de quem vivia ou vive no mar. O cotidiano de uma comunidade que vive com o mar em torno da sua vida, nas mais diversas dimensões da vida pesqueira. Contudo, a Chegança carrega a marca da guerra em seus cantos.

O vestuário carrega as cores do mar: azul e branco. As marujas chamam de fardamento, assim como em um campo de guerra, as marujas incorporam o sentido da função da marinha, e assumem conceitos inerentes ao serviço militar. As marujas se vestem com camisas brancas com atalhos azuis e listras brancas, além de fitas azuis e brancas penduradas na bata, entre um peito e o outro. Saias brancas, na altura dos joelhos, subindo um pouco mais na coxa quando a maruja é mais nova. Meia calça branca e sapato preto compõem a lista de indumentárias. A vestimenta das oficiais se diferencia das marujas pelos detalhes dourados, tanto na camisa quanto na boina.

A cabeça é enfeitada com boinas azuis. Geralmente é usado um coque no cabelo, para o posicionamento da boina. Atualmente, com a aceitação dos cabelos crespos e *blackpower*, as marujas usam o cabelo solto.

Segundo a Mestra Aurelita Rocha, “o instrumento é o pandeiro e o ‘gogó’”! Nessa afirmação, percebemos que a mestra percebe a voz como instrumento musical. Os pandeiros se constituem como uma das principais simbologias da Chegança feminina. No interior da Chegança feminina, a hierarquia independe da idade biológica. Vê-se então, a aplicabilidade de uma hierarquia baseada nas experiências acumuladas ao longo do tempo de participação, contudo, não se trata de uma regra fixa. As regras são constituídas seguindo o fluxo, e as conjunturas presentes naquele momento. Podemos ver em alguns momentos, adolescentes e até crianças ensinando toques de pandeiro, para as mais velhas, biologicamente falando.

A Chegança constitui espaços de aprendizagem, a partir da transmissão do conhecimento oral, como também da experiência estética. Contam também com a observação, mas é de boca a ouvido que se aprendem as músicas e os toques. As marujas são mulheres que adentraram as veredas da transgressão, ao lançarem-se em empreendimentos que tradicionalmente são feitos por homens. E nesse universo masculino, as marujas aparecem como movimento de mulheres, ocupando o espaço da rua com cânticos, bailados e belezas, nos ensinando a história de seus/suas ancestrais, delas mesmas, e de toda comunidade pesqueira de Saubara.

4.1.2-Chegança De Mouros Fragata Barca Nova – Masculino

Não se sabe bem ao certo, mas encontramos na comunidade de Saubara narrativas de que a Chegança Barca Nova Masculina foi a pioneira no município, e a partir desse grupo foram formadas a Fragata Brasileira e a Barca Nova Feminina. Nelson Araújo (1986) anotou o seguinte sobre esse grupo: “a Chegança de Mouros de Saubara é, do gênero, uma das menos “contaminadas” entre as existentes na Bahia, pouco tendo admitido, na sua estrutura dramática e nos seus cantos, que não seja específico dessa criação brasileira de raízes ibéricas”. (ARAÚJO, 1986 p. 98). Edmundo Passos de Jesus, conhecido como Mouro, é, atualmente, um dos mais antigos guardadores dessa memória no município. São os relatos de Mouro que permitem refazer possíveis caminhos dessa brincadeira até que ela se fixasse em Saubara, às margens da Baía de Todos os Santos, e como ela vem se mantendo viva e ativa nas celebrações dedicadas ao padroeiro da cidade, São Domingos de Gusmão, todo dia 4 de agosto:

foi passado de pai pra filho, de pai pra filho, de pai pra filho, tanto que, meu tio Caetano, que era irmão da minha avó, ele era o contramestre e ele me falava dos antigos que faleceram que eram mesmo da Chegança, então ela é muito antiga mesmo, a única coisa mesmo que eu tenho de oficial é que ela veio de Mar Grande, havia uma relação, naquela época uma relação de amizade muito forte com os pescadores da ilha com os pescadores de Saubara e numa dessas conversas o pescador vinha de lá pra cá e ia pra lá, essa Chegança existia lá em Mar Grande, lá... aquela coisa de 150, 200 anos atrás, e aí Saubara.... eles foram lá, foram de canoa, remando, no remo, trouxeram a Chegança pra aqui, fizeram uma primeira apresentação aqui em Saubara e o saubarense amou a Chegança, o que eles fizeram⁴²



⁴²Entrevista realizada na cidade de Saubara em 15 de abril de 2018.

Edmundo Passos de Jesus “Mestre Mouro”⁴³ nasceu em Saubara, dia 07 de março de 1952 e lidera a Barca Nova Masculina há 40 anos. O momento da iniciação dele foi casual, mas a relação com a tradição na família foi fator decisivo para que dedicação e o comprometimento fossem crescendo com o tempo. O amor pela Chegança é uma herança do pai, que faleceu cheganceiro aos 82 anos. Ele conta que saiu a primeira vez quando o Bahia foi jogar em Saubara pela primeira vez. O pai e seus dois irmãos estavam no cordão. A cidade em grande festa. Ele acompanhou a Chegança a partir dessa data e foi quando aprendeu a gostar de Chegança:

[...] eu tinha o maior amor em sair em Chegança... o meu amor era tão grande, mas era principalmente porque meu pai estava ali dentro, então eu tinha aquela alegria muito grande de estar ao lado dele, fazendo aquele grupo folclórico, que eu via que dava uma satisfação. Eu, quando amanhecia o dia de domingo, que era o dia da nossa saída, dia 4 de agosto, que o dia clareava, meu pai já estava sentado numa cadeira com a roupa dele, ele mesmo arrumando as divisas, era botando cada enfeite em seu devido lugar, então aquilo realmente mostrava o amor que ele tinha.⁴⁴

A Barca Nova é a encenação de uma desavença entre oficiais de uma marinha de guerra portuguesa e oficiais turcos, como se fosse um encontro entre embarcações de países inimigos em alto mar. Sobre a origem desse tipo de manifestação, como as cheganças e marujadas, ele se lembra de um senhor, seu Castro, já falecido, que lhe contava sobre “as questões dos mouros” que se soma ao que o pai lhe explicava sobre o texto que estava sendo falado:

(...) basicamente, quando meu pai me falou da Chegança, me contou como se deu o encontro entre a fragata e os mouros, né, houve uma cerração muito forte, por acidente a barca, com esses marujos, invadiu a marca das 200 mil milhas náuticas da Turquia. Isso fez com que houvesse uma disputa muito grande, aquela rivalidade e que acabou gerando um duelo entre os mouros da Turquia e os marujos da fragata.⁴⁵

⁴³Edmundo Passos de Jesus conhecido como Mouro é o Mestre do Grupos Chegança de Mouros Fragata Barca Nova

⁴⁴Entrevista realizada na cidade de Saubara em 15 de abril de 2018.

⁴⁵ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 15 de abril de 2018

E essa narrativa permanece viva nos mais diversos cantos do solo baiano, graças à força desse povo que enfrenta as mais diversas dificuldades para manter vivas as suas tradições. Seu Mouro conta que nunca teve acesso a apoios formais e recursos financeiros. Essa sempre foi uma dificuldade presente, segundo ele. Mas, ao mesmo tempo, havia uma dedicação maior:

(...) a dificuldade financeira existia, mas o amor das pessoas pelo grupo era maior, imagine, naquela época, pra botar uma Chegança na rua... quando eu fiz a minha parte eu tive que ir pra rua pedir esmola, entendeu? Djalma, Tom de rosinha e um rapaz chamado Pepito, falecido. Nós saímos de casa em casa pra ir buscando cada centavo e ir juntando aquele dinheiro e comprar a indumentária, que foi uma calça de colégio, não sei se lembra, aquelas calças azuis, que era de colegial, dois bolsos na frente, era a mais barata que tinha, a calça branca era quase o dinheiro que a gente tinha, e aí nós chegamos na loja, eu e meu pai e lá tinha essas calças azuis, aí eu me lembrei que a marinha também vestia azul, ih, rapaz, pra ir pra rua tem que ser blusa branca, que já tá pronta e as calças azuis, e nós saímos com as calças azuis. [...] Então... era difícil, a dificuldade para conseguir a indumentária, mas a quantidade de pessoas que participava dava aquela influência⁴⁶

São essas lembranças de Edmundo Passos de Jesus que garantem a presença viva da Chegança Barca Nova Masculina nas festas dedicadas a São Domingos de Gusmão. Devidamente caracterizados como marujos e oficiais de alta patente, a participação dos mouros com suas bombachas, bata e capa em vermelho reluzente, desfilam pelas ruas da pequena Saubara todo dia 4 de agosto.

Concentram-se na Rua da Rocinha, onde reside a maioria das componentes do grupo, e partem para a Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão. A música de saída é a Marcha de Fogo:

*Viva o Divino São Domingos⁴⁷
E a nau que navegamos (2x)
Prepara a toda marujada
Do primeiro ao derradeiro
Ou vamos vê aonde mora
São Domingos padroeiro
Alegres todas as flores (2x)
Com prazer vamos cantar*

Viva nosso padroeiro

⁴⁶ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 15 de abril de 2018

⁴⁷ Conforme orientação religiosa, a palavra “Divino” é usada para referenciar Deus, tal qual na Chegança Fragata Brasileira, também pesquisada, é cantado “Viva o Divino Sacramento”. Ainda nesta pesquisa, na música Virgem do Rosário, é cantado “Ao Divino Sacramento”.

*Louvores, já
São Domingos de Gusmão
Louvores, já
Foi quem nos deu a primazia
Louvores, já
Para brincar neste cordão
Louvores já*



Depois de receber a bênção e agradecer, saem da Igreja e descem a colina cantando. Nesse momento, as músicas são escolhidas aleatoriamente, podem variar de um ano para o outro. Quando param, começa o “Combate”, que é a apresentação da “questão”, são as cenas que compõem a “luta”. O combate é, justamente, o desenrolar da história.

*Moça baiana chegue à janela (2x)
Vem vê os marujos oh meu bem que já vão pra guerra (2x)*

Mouro testemunha a falta de atenção do poder público local às manifestações culturais. Segundo ele nunca houve um apoio sistemático, mas havia algum apoio à indumentária, em momentos anteriores.

A administração pública de Saubara, eu até tenho que dizer o seguinte, no que tange à questão... isso nós temos que frizar, no que tange à questão cultural, pelo menos daquela que eu faço parte, só piorou. Teve alguns momentos, com alguns prefeitos que passaram, por exemplo, a Barca Nova teve ajuda de três administrações, que não foi uma gigante ajuda, mas pelo menos a nível de indumentária nós tivemos [...] então eu acho o seguinte, é uma coisa triste, porque eles falam muito em tirar a juventude do mundo errado e o folclore é uma parcela importante disso, mas no entanto, ninguém

faz nada, ninguém move um dedo pra buscar uma forma de tirar, eu diria o seguinte, você tem um grupo com 30 componentes, imagine se um poder público chegasse e dissesse assim, olhe, eu vou tirar aqui do orçamento da cultura, eu vou tirar aqui X valor pra dar de incentivo às pessoas pra ficarem ali juntas ensaiando, fazendo tudo direitinho, será que ela não estaria melhor? Estaria, claro. Mas as pessoas... é aquela história, cultura parece não dar retorno e os homens só se preocupam com o retorno, mas é isso mesmo. Tivemos melhores momentos, mas esperamos que vá melhorando daqui pra frente.⁴⁸

Como líder do grupo, o senhor Mouro relata que, nos anos mais recentes, tem enfrentado dificuldades com a motivação das pessoas para o engajamento no grupo: “o cara que bagunçava muito a gente não permitia, hoje eu tô querendo procurar os quatro bagunceiros e não acho”, diz. Ele atribui boa parcela disso aos interesses atuais.

Eu tinha 60 componentes, mas porque eu tinha 60 componentes? Porque naquele tempo não tinha televisão, se tinha, não tinha em todas as casas, naquele tempo não tinha essa diversão, não tinha celular, não tinha internet, não tinha facebook, aí as pessoas não tinham o que fazer, aí você chegava num lugar: bora ensaiar a Chegança!⁴⁹

Mas é perceptível o desejo do seu Mouro por uma retomada. E essa perseverança vem, justamente, do envolvimento que ele tem. Mouro relata que no primeiro grupo que saiu, o comprimento do cordão era tão extenso que os de trás não conseguiam ouvir qual a música que estava sendo “puxada”, o que dava um descompasso... “aí tinha que ficar uma pessoa no meio pra apanhar do meio e levar pra lá, pra não ter problema, então era uma marujada gigantesca”, lembra. Atualmente, para respeitar os critérios do interesse em aprender os toques do pandeiro, as falas e as músicas, critérios fundamentais para o ingresso no grupo junto com o pacto do bom comportamento, Mouro agregou ao seu cordão sete componentes de fora de Saubara e algumas crianças... “(...) seria bom terem uma Chegança de criança [...] mas eu tenho criança pra complementar o número de pessoas porque o pessoal tá a fim mesmo é de ficar olhando pro celular, os jovens”, complementa.

Ao longo do tempo, o texto da encenação, as músicas, o ritmo dos pandeiros têm sido mantidos. No entanto, o mestre cheganceiro sentiu necessidade de fazer ajustes no modo como as palavras são pronunciadas:

Por exemplo, a palavra é Inglaterra, eles falavam Ingalaterra, então o falajar daquela época era uma coisa assim, meio complicada, além disso... e

⁴⁸ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 15 de abril de 2018

⁴⁹ Idem

a gente vai tendo que ir mudando as coisas, porque o folclore é antigo, mas não precisa também ser... aquilo era pro pessoal daquela época, cem, cento e vinte, cento e trintas anos atrás, eram praticamente analfabetos. E a gente aos poucos vai, conversando com um, ouviu uma música lá no lavador, gostei daquela música, mas achei que aquela frase não foi legal, eu aí fico com a música e troco a frase, de repente, o pessoal do lavador vê uma frase bonita cá na Chegança da Barca Nova e acha que tem alguma coisa pra mudar que fica legal e aí...⁵⁰

Quanto às vestimentas, embora sofram pequenas alterações como a cor das calças ou o modelo da camisa dos marujos, a identificação relacionada a um pelotão da marinha é mantida. O mesmo acontece com os representantes da corte real da Turquia.

4.1.3-Chegança dos Marujos Fragata Brasileira



A Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, é aquela em que eu aprendi e da qual participo até hoje na função de contramestre. Esse grupo se aproxima mais de uma marinha de guerra brasileira que teve função de proteger as terras baianas no período em que aconteceram as lutas de independência da Bahia.

O grupo “Chegança dos Marujos Fragata Brasileira”, segundo relatos dos mais antigos, tem por volta de 80 anos, acreditamos que tem mais de 100, mesmo tendo sido um dos mais importantes movimentos culturais da cidade de Saubara, ficou durante muito tempo desativado, existe uma série de narrativas que apontam entre 24 e 27 anos. Nunca houve participação efetiva de mulheres (entendendo efetiva aqui como

⁵⁰ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 15 de abril de 2018.

participação nas apresentações no grupo), isso devido ao fato de que passado não havia mulheres nas forças armadas, um cenário que vem sendo mudado em várias comunidades, onde surgem grupos femininos. As mulheres na Fragata Brasileira assumem o papel de colaboradoras na organização das atividades que são desenvolvidas pelo grupo. Em 2013, logo após a realização do I Encontro de Cheganças e Marujadas da Bahia, um grupo de mulheres (filhas, irmãs, esposas, primas) resolveu fazer uma versão feminina do grupo, ensaiaram por alguns dias, mas a ideia não seguiu devido a uma série de fatores.

O grupo Fragata Brasileira, atualmente é composto por 38 membros efetivos, aqueles que estão sempre atuando, são cinco oficiais (contramestre, comandante, general, piloto e guarda marinha), um porta-bandeira, um padre capelão e trinta e um marujos. Dentre os marujos, há destaque para o primeiro e segundo guias, primeiro e segundo gajeiros, ourives e calafatinho. A formação é feita com duas filas (cordão) compostas pelos marujos e no centro do cordão ficam os oficiais, porta-bandeira, e padre capelão. No comando da Marujada fica o contramestre, que junto com os guias têm a responsabilidade de iniciar os cantos e conduzir o bailado.

Algumas cantigas da “Chegança” contam a história de uma marinha de guerra genuinamente brasileira que participa da guerra de independência da Bahia, e pode ser verificado em algumas canções “*Vamos companheiros / Vamos lá chegar /Leva essa bandeira /Lá em Pirajá*”.

Pirajá é o local onde aconteceu a última batalha que resultou na expulsão definitiva de holandeses e portugueses de terras brasileiras. Há quem diga que aqui na Bahia de fato aconteceu a Independência do Brasil. E no imaginário das pessoas de Saubara foi possível reproduzir este momento histórico, ludicamente através da Marujada.

Em um trecho de outra canção é possível compreender as razões da localização da igreja de São Domingos em Saubara:

*“Glorioso São Domingos /
Traz a frente para o mar /
Pra socorrer todo aquele /
Que por seu nome chamar”.*

Dizem que a Igreja de São Domingos foi erguida lá, no “alto da freguesia”, de onde era possível ver toda a movimentação dos inimigos que, possivelmente atacariam

idades importantes naquela época. Saubara era uma das portas de entrada para o recôncavo e, portanto, sua localização era muito estratégica, protegendo a Baía de Todos os Santos contra os invasores.

Há cantigas que relatam também acontecimentos que se passam dentro das embarcações, que diferem as Cheganças de Marujos de algumas Cheganças de Mouros. A inexistência de qualquer episódio que trata das lutas entre Mouros e Cristãos, nas Cheganças de Marujos é evidência de que esta manifestação é reelaborada no Brasil, a partir de experiências vividas nas travessias marítimas e fluviais. Ainda que encontremos nas Cheganças de Mouros canções também existentes nas Cheganças de Marujos, a guerra seja ela de que nível for, é sempre uma das razões para a criação e existência das Cheganças como elas são hoje. Em todos os grupos de Mouros ou de Marujos encontraremos uma cantiga nesses termos.

*Moças baianas
Cheguem às janelas
Venham ver os Marujos
Oras meu bem
Que vão pra guerra.*

Toda a história é contada através de canções que são acompanhadas por uma orquestra de pandeiros tradicionais, feitos com aro de madeira de jenipapo, chocalho feito com lata de alumínio e encourados com couro de bode. São cerca de 35 cantigas entoadas em sete ritmos diferentes, basicamente esses ritmos tem apenas três denominações: Passeio é a forma mais lenta em que são tocados os pandeiros, e como o nome já aponta esse ritmo conduz um movimento de caminhar lento um “passeio”, a macha é um ritmo intermediário, sua maioria apenas é executado quando o grupo está parado, nesse ritmo fica mais evidente na expressão corporal o movimento do mar, o terceiro ritmo, denominado de marcha de fogo, é o mais frenético, e é executado quando o grupo está parado, mas a sua principal característica é dar a possibilidade o deslocamento do grupo, é nesse ritmo onde a dança é mais evidente, devido ao bailado que é executado.

As cantigas desse grupo são as mesmas cantadas ao longo dos anos, não são criadas novas canções. O que temos é um repertório de identidade contínua, que sofre modificações devido à forma de transmissão oral, algo que é muito comum em manifestações tradicionais. O corpo e a dança são elementos fundamentais para a sintonia e execução das encenações. Todo movimento corpóreo lembra o movimento

das ondas do mar, o movimento que é feito pela embarcação. É impossível dissociar canto, dança e música. É assim que viajamos por um mar ora revolto, ora em calmaria, que nos leva e traz depois de uma travessia também imaginária.

Este grupo tem como um de seus fundamentos apresentar-se na comunidade de Saubara pelo menos duas vezes no ano. Primeiro, no dia 06 de janeiro, na festa de Reis, e depois, no dia 04 de agosto, na festa do padroeiro da cidade, São Domingos de Gusmão. Importante salientar que desde a sua reestruturação, em 1978, sua aparição nos festejos foram ininterruptas. Em outras ocasiões é possível ver o grupo se apresentando na comunidade, como na festa de Santo Antonio, de São Pedro, Festa da Santa Cruz, e depois de 1989, quando Saubara foi elevada à categoria de município, inúmeras vezes a convite dos representantes políticos local o grupo também se fez presente principalmente para os festejos de aniversário de emancipação política

Não temos informações de quando o grupo foi criado, porém Angélica Maria da Silva (2007), em sua dissertação de mestrado realizado na Universidade Estadual da Bahia, colheu o seguinte depoimento: “segundo depoimento de “seu” Alfredo de Jesus, o seu pai, Ângelo Cristóvão de Jesus, foi mestre da Fragata Brasileira. Nasceu em 19-11-1893 e faleceu em 1973 aos 80 anos” (SILVA, 2007. p.58). Uma análise rápida deste depoimento nos remete a alguém que nasceu no final do século XIX e participou do grupo, talvez na terceira década do século XX, isso daria uns 89 anos. Se pensarmos qualquer formação do grupo anterior a esse período, teríamos com certeza um grupo centenário. O que temos hoje de dados concretos é que a partir de 1977, houve uma iniciativa de reconstituição do grupo, e que em 04 de agosto de 1978, a formação que existe hoje fez sua primeira apresentação, como relata o Professor Nelson Araújo:

a fragata brasileira de Saubara, denominação formal da marujada, velho brinquedo saubarense que por mais de vinte anos permaneceu inativo e reviveu em 1978, graças aos esforços dos moradores que ainda retinham a lembrança das suas “rezingas”, numa exemplar mobilização sem a ingerência de estranhos à comunidade (ARAUJO, 1986. p. 97).

Desde então, são 41 anos de atividades ininterruptas, tendo havido, pelo menos uma apresentação, no dia 04 de agosto. Esse novo momento vivido pela Chegança Fragata Brasileira vem sendo marcado por vários episódios, desde a proibição de entrar na igreja a inusitados convites para participar de atividades festivas em terreiros de candomblé. Neste intervalo de tempo, realizamos várias apresentações em

comunidades circunvizinhas, como Santo Amaro, Cachoeira, Maragogipe, Salvador, Acupe, Cabuçu, Itapema, Cruz das Almas, São Tiago do Iguape, Cairu, cidades distantes como Taperoá, Jacobina, Bom Jesus da Lapa e Paratinga, em outros estados, como São Paulo e Pernambuco, em Brasília e até em Lisboa, Portugal.

A retomada do grupo aconteceu a partir do momento em que as crianças e jovens do passado reuniram-se para recordar a Chegança. Eles decidiram juntar-se para colher informações acerca do grupo e proporcionar o seu ressurgimento. Nesse momento entra em ação a mulher, as esposas, filhas e mães, que tiveram um importante papel de ajudar a lembrar das canções, dos ritmos. Elas ajudaram a decidir como seria a roupa, pensaram em cada detalhe das roupas, pois queriam fazer uma distinção do outro grupo que existia, em outro bairro. Foi um longo ano de trabalho e de muito esforço para colocar o grupo na rua. Enfim chega agosto de 1978 e o grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira ressurgiu e fez a sua primeira aparição. Já em 1979, aquelas pessoas envolvidas decidiram constituir o grupo em uma associação jurídica. Fizeram ata de fundação, mas não conseguiram registrar nesta ocasião. Saubara era distrito de Santo Amaro, e havia uma maior dependência administrativa, de modo que eles não conseguiram fazer o registro. Mas as ideias das mesas diretoras do grupo foram levadas a sério, e a cada três anos uma nova eleição era feita e uma nova diretoria assumia os trabalhos. Somente em 2008 foi criado o estatuto da entidade, e juntamente com a ata de fundação datada de 1979, e a ata de eleição daquele ano é que foi feito o devido registro em cartório da associação. O grupo tem uma sede própria, situada na rua Boca da Mata, 05. O terreno onde está localizada a sede da associação foi adquirido através de um recurso que o grupo ganhou quando fez uma de suas apresentações em Salvador, no início da década de 80. Depois da compra do terreno, foram feitos inúmeros mutirões. Foram os próprios marujos que construíram a sede. No meio dos integrantes tinha pedreiros, carpinteiros e todos contribuíram de certa forma. As pedras utilizadas na alvenaria foram tiradas da maré, as madeiras, os próprios integrantes tiraram no mato, para o concreto as mulheres catavam pedras miúdas e traziam na cabeça, o espaço foi construído sobre um terreno de 5,5m x 11m num total de 60,5m², tendo apenas um banheiro. O ano de 1983 foi de muito trabalho para essas pessoas que viram seu sonho sendo realizado. Em 04 de agosto de 1984 a sede foi inaugurada. Esta permaneceu durante 30 anos da mesma forma, desde sua construção. Servia de espaço para as mais diversas atividades, de sala de aula, a festas de aniversários, casamentos, batizados. Lá também se fazia uma discoteca, que servia para conseguir recursos para a manutenção

da mesma. Somente no ano de 2014, numa imitação dos fazeres do passado, o grupo atual resolveu fazer uma reforma na sede, onde foi construído um pavimento superior, dando assim uma maior possibilidade de uso ao espaço. Hoje é possível encontrar uma exposição permanente de fotografias do grupo além de possibilitar que a comunidade em geral utilize o espaço de maneira mais adequada.

Há uma estreita relação dessa manifestação com outras manifestações da cidade como o Bumba-Meu-Boi, Burrinha, Caretas, Caretas no Mingau, Termo de Reis, Reisado, Samba de Roda, dentre outras. Isso ocorre porque muitas das pessoas que integram a Chegança também participam de outros grupos culturais, e o espaço tem também essa característica de agregar outras manifestações, pois as pessoas usam para fazer suas reuniões, ensaios e festas. Numa parceria com a Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia, a sede da Chegança passou também a ser chamada de Casa do Samba, proporcionando assim que muitas ações do samba de roda fossem desenvolvidas no espaço e pela Chegança (associação).

Uma das lideranças importante de se destacar neste grupo foi a minha tia Joselita Moreira da Cruz Silva – Tia Zelita/Jelita. Faleceu no dia 24 de março de 2016, ano em que completaria 80 anos, boa parte deles dedicados ao grupo Chegança Fragata Brasileira.

Os momentos mais importantes da vida de Dona Zelita se confundem com os da Marujada. Ainda jovem, vivia em Salvador e trabalhava em casas de família. Em uma das visitas a Saubara, para ver a sua própria família, assistiu a saída da Chegança na Festa do Padroeiro.

Decidiu que ia levar “a brincadeira” para Salvador. E assim Zelita o fez, mesmo contra a vontade da mãe. Tinha amigos influentes como Gilberto Sena e Nelson Araújo que puderam ajudar. Se houvesse na época a função de produtora cultural, empresária ou promotor cultural, um desses, provavelmente seria o “cargo” dessa mulher visionária.

Não foi fácil. Ela, mulher, negra e analfabeta, sofreu todo tipo de preconceito. Preconceito que veio dos que supostamente, eram os seus e poderiam estar lado a lado com ela. “Eu fui muito criticada. Diziam que com tanto homem na Saubara, nenhum tinha tirado a marujada daqui. Aí eu disse, está bem! E continuei fazendo o que eu achava que devia fazer. Aí, Eurico, disse, você pode levar a Chegança lá de cima, a de cá de baixo, não. Aí, arrumei tudo e fomos. A primeira vez, levei no Pelourinho, a segunda vez no Campo Grande, a terceira vez também e a 4ª vez levei na marinha, no dia 13 de dezembro”.

O grupo não cobrava cachê, mas, quando havia possibilidade, pedia em troca itens necessários à própria manifestação. “Fiz passeio para comprar calçado, fiz passeio para comprar roupa, fiz passeio, comprou aquele terreno”.

Zelita conta que os Marujos não queriam ir para Salvador, com medo da Marinha. “Aí, eu acertei com Cid Teixeira, que foi na marinha

comigo, para pegar o papel, porque sem o papel, eles não viriam, aí ele bateu o papel, eu não me lembro do nome do almirante”.

As primeiras articulações devem ter acontecido no começo da década de 80, como mostram os recortes de jornal na época [ver álbum de recordações ao final da publicação], que inclusive traziam a previsão de que aquele grupo “não duraria mais 20 anos”.

[...]

Essa inspiração está personificada na figura de Dona Zelita que, recentemente, foi reconhecida pelo grupo como madrinha da Fragata Brasileira. Foi uma conquista dela. E como boa madrinha, não poupa conselhos: “O poder público contribui muito pouco. Agora está sendo formada Chegança mirim e outra Chegança feminina. Tomara que a chegança mirim vá em frente, porque é outra forma deles terem amor, e já tem alguns meninos na chegança de adultos. E eu espero que não acabe, porque eu adoro essa brincadeira, você não sabe como eu sou apaixonada. Eu queria que os jovens se interessassem, para aprenderem, para não acabar, porque Rosildo está nessa chegança desde os três anos de idade e hoje ele luta tanto para essa marujada, porque é apaixonado por ela também”. (GUMES e ROSÁRIO, 2015, p. 59).

Uma observação é necessário ser feita sobre a vida de Zelita e a Chegança Fragata Brasileira. Primeiro, a ressalva de que o grupo desde a década de 80, já havia externado e publicado sua importância para a manifestação, dando desde então para ela o título de madrinha. Como podemos ver, Nelson Araújo já nos apresenta esta designação: ... Estrutura que é um modelo para a defesa da cultura popular. Duca, o presidente; Zelita, a “madrinha”; Zinoel, o General; Betinho; o Padre Capelão. Quem não os conhecem em Saubara... (AUTOR, 1986, p. 97). Posso assegurar que não houve uma sequer apresentação que Zelita não estivesse sempre ali, vestida de branco, e orientando que mares seguir. O que seria da Marujada de Saubara, se não fosse a participação de Zelita, como Exu abriu os caminhos, dando ao grupo a visibilidade que hoje desfruta.

Ao se aproximar o mês de agosto, o grupo já começa sua mobilização. Todos os sábados do mês de julho há reuniões para a realização dos ensaios. É algo que já está dentro da ritualística, não é necessário avisar sobre esta atividade. O contramestre é o responsável por conduzir os ensaios, fazer as observações sobre roupa, sapatos, tudo aquilo que será necessário para o grupo ficar pronto para o grande dia. As pessoas que são mais ligados ao calendário da igreja, responsabilizam-se por saber horário da missa, que geralmente, acontece às 10 horas na Igreja Matriz (mas, já houve anos de mudança), outros trazem notícias sobre convites para locais de exibição, cada membro se responsabiliza pelo objeto que vai usar (pandeiro, espada, martelo, maleta,

bandeira), há uma sincronia necessária para que tudo ocorra bem. É momento de lembrar-se das canções, aguçar os ouvidos, afinar o instrumento, avaliar as condições das roupas, sapatos, cinto, quepes (chapéus). Os ensaios servem, antes de qualquer coisa, para a preparação comportamental do dia da apresentação. O 04 de agosto é sagrado para este grupo, precisamos estar impecáveis em todos os sentidos. É preciso preparar-se para sermos marujos de fato, precisamos transmitir para a comunidade o nosso prazer de sermos cheganceiros. Como sempre dizemos, chova ou faça sol, iremos no dia para as ruas. Estamos cada ano assumindo a responsabilidade de apenas serem necessário os nossos esforços para que tudo aconteça. Prezamos pela nossa autonomia na realização desta atividade, quando decidimos fazer alguma festa, tudo é feito com contribuição dos membros.

Na manhã do dia 04, nos reunimos na sede do grupo às oito horas, antes de seguirmos, fazemos o primeiro canto:

*Puxamos amarra/
Com muita alegria/
Para festejar/
Hoje neste dia.*

*Ô meu São Domingos/
Nos queira ajudar/
Para o vosso dia/
Nós o festejar.*

Só então saímos da rua Boca da Mata seguindo pela praça Jaime Leoni, Rua Alfredo Bitencult e Rua da Matriz cantando:

*Vamos pra Igreja/Vamos pra Igreja
Fazer devoção, fazer devoção
Para render as graças/ para render as graças
Ao nosso Gusmão/ ao nosso Gusmão*

*Ô meu São Domingos/ ô meu São Domingos
É a flor dos Anjos/ é a flor dos anjos
Hoje neste dia/ hoje neste dia
Tão alegre eu Canto/ tão alegre eu canto*

*Meu São Domingos neste dia/
Neste dia de Alegria*

*Glorioso São Domingos/
Traz a frente para o mar/
Pra socorrer todo aquele /*

Que por seu nome chamar

*Glorioso São Domingos/
Consolai meu padroeiro/
Aceitai a romaria /
Desse pobre marinheiro/.*

Em determinado momento muda-se a cantiga, numa outra fazemos um convite para toda a cidade se alegre conosco.

*Alegre todas as flores
Alegres todas as flores
Conosco vamos cantar
Viva ao nosso Padroeiro*

Louvo viva

*Glorioso São Domingo/ Louvo viva
Foi quem teve a primazia/ Louvo viva
Já recebeu seu Rosário/ Louvo viva
Das mãos da Virgem Maria/ Louvo viva*

Temos de chegar na Igreja de São Domingos para aqueles marujos que desejar possam participar da missa, alguns mais católicos já nos aguardam na Igreja. Ao chegar no início da Rua da Matriz, paramos de tocar e marchar, a ladeira é muito íngreme, fazemos parte do percurso andando, mas tão logo vemos a igreja voltamos ao nosso ritmo e canto:

*Como estar bonito o alto da freguesia/
Como estar bonito o alto da freguesia/
Onde se festeja a Pureza de Maria/
Onde se festeja a Pureza de Maria*

*Que cheiro de cravo que cheiro de flor
Que cheiro de cravo que cheiro de flor
Rogai a Maria pelo pecador
Rogai a Maria pelo pecador*

Ao se aproximar da igreja, e ao som do apito do contramestre para o canto, aguardamos a missa terminar. Antes da bênção final, somos convidados a adentrar a igreja, onde fazemos a reverência.

PARTE I

Refrão

Deus vos salve casa santa (2x)
Aonde Deus fez a morada
Onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada (2x)

Dai-me licença senhores (2x)
Hoje é um dia necessário
Publicar grandes louvores
À mãe de Deus do Rosário (2x)

Com seus joelhos postados (2x)
Maria com grande amor
Já recebeu o seu rosário
De joelho o pecador (2x)

No trono dessa matriz (2x)
Embora se ver amada
Onde se representa
Meu Jesus sacramentado (2x)

PARTE II

Refrão

Ô minha virgem do Rosário
Nós somos naufragantes
Nós escapamos de morrer
Neste mar inconstante (2x)

Puxamos na ponta de fora
Deu grande pé de vento
Nós prometemos uma romaria
Ao Divino Sacramento (3x)

Chamamos pelo vosso nome
Logo o tormento passou
E o vento quebrou a fúria
E o mar lento ficou (2x)

PARTE III

Viva o Divino Sacramento
No “a nau” que navegamos

Glorioso São Domingos
Traz a frente para o mar
Pra socorrer todo aquele
Que por seu nome chamar

Glorioso São Domingos
Consolai meu padroeiro

Aceitai a romaria
Desse pobre marinheiro

PARTE IV

LOA I (declamada)

*Botai minha galera n'agua
Broqueando o mar foi ao fundo
Eu chamei por São Domingos
Eu vi socorro no mundo
A divina providência
Socorro nos veio dá
Estamos em porto seguro
Marujo toque a bailar*

*Bravo, bravo
Hoje que dia de tanta praça de tanta alegria
Aqui viemos louvar São Domingos neste dia (2x)*

LOA II (declamada)

*Eta marujada – Pronto meu general
O anjo São Gabriel
Do céu trouxe uma embaixada,
Que Maria Imaculada
Foi perfeita mulher,
Nasceu tão firme na fé
Que de nada se assustou,
Veio o anjo do Senhor
Desceu do céu o encanto
E o véu divino encarnou*

*Bravo, bravo.
Hoje que dia de tanta praça de tanta alegria
Aqui viemos louvar São Domingos neste dia (2x)
LOA III (declamada)*

*Nasce o sol e rompe a aurora
Que hoje é um tão venturoso dia,
Nasceu no ventre de Ana
Uma linda Rosa neste dia,
Esse nosso calafatinho
Que traz o vosso cordão composto,
Vamos louvar e saudar o dia 4 de agosto.*

*Bravo, bravo.
Hoje que dia de tanta praça de tanta alegria
Aqui viemos louvar São Domingos neste dia (2x)*

LOA IV (declamada)

*Adeus praia de cascata
Adeus cidade de Santo além
Adeus torre de Belém
Dos pombados Pará
Adeus cidade querida
Adeus querida Lisboa
Adeus a quem de te me aparto
Contra-Mestre mande a proa.*

*Bravo, bravo.
Hoje que dia de tanta praça de tanta alegria
Aqui viemos louvar São Domingos neste dia (2x)*

PARTE

*Que bravo, que bravo
Louvores, aplausos, louvores, aplausos*

Esta é talvez a mais emocionante das partes da marujada, momento onde a comunidade atenta presta atenção e se emociona conosco, ouvimos o som do pandeiro e as vozes ecoarem dentro da igreja, tomando todo o espaço, numa perfeita sonoridade, é quando sentimos que somos todos marujos de verdade, os bons espíritos se encontram, nos preparando para as batalhas que virão. Não precisa ser católico, budista, protestante ou do candomblé ou de quaisquer outras religiões, esse momento é revelador de paz. Terminado a apresentação, saímos da igreja aos aplausos de todos os presentes, aguardamos na porta para cumprimentar as pessoas e depois seguimos mar a fora, num navegar imaginário que nos leva e nos traz, nosso corpo se movimenta como numa embarcação, reproduzindo o movimento das ondas.

É bastante comum neste dia recebermos convites para ir a alguma casa onde foi feito um almoço ou será servido um lanche, uma bebida. Então, depois da igreja, não se tem um itinerário fixo, seguimos a maré. Em cada lugar onde paramos fazemos uma encenação, as vezes fazemos uma rezinga, depois de sermos servidos fazemos o pagamento, que nada mais é do que cantar a cantiga pedida pelo dono da casa, e em seguida cantamos uma canção de despedida:

*Adeus, adeus gente até um dia
Adeus, adeus gente até um dia
A mãe de Deus do Rosário
É nossa guia*

*Vamos dá a despedida/
Que de cá já vou marchando/*

Adeus praia de fama que me aparto chorando.

E isso se repete a cada lugar onde paramos. Ao longo desses anos muitos dos membros morreram, como é natural acontecer conosco, seres humanos mortais, e sempre fazemos homenagens para essas pessoas que nos deixaram. Em agosto visitamos sempre alguma casa para saudar a família numa maneira de dizer que aquela pessoas que não se encontra mais entre nós foi importante para o grupo e que seu legado continua. Cantamos sempre a cantiga preferida da família.

O grupo atualmente é formado por pescadores, professores, pedreiros, pintores, músicos, fotógrafos e estudantes. Uma variedade de profissões que em certos momentos são requeridas para colaborar com a manutenção do espaço. Participam do grupo pessoas de diferentes idades. O mais jovem participante é João Miguel Ribeiro do Rosário, meu filho, que tem 13 anos de idade. Desde os seus três anos repeti com ele o que meu pai fez comigo, levei-o para frequentar o espaço, participar dos ensaios, ensinando-o a tocar e cantar. Desde então nos acompanha em atividades do grupo, não sei se ele continuará com as atividades do grupo futuramente, espero que sim, mas tenho a esperança que o legado seja continuado e um neto de João possa saber contar essa história. O mais velho é Mateus Ribeiro da Silva, com 83 anos de idade. Um dos fundadores do grupo, hoje uma das personalidades que contribuem para o processo de transmissão dos saberes e fazeres da Marujada. São pessoas com escolaridades diversas. Religiosamente, a composição do grupo conta com pessoas católicas e adeptos do candomblé, numa convivência pacífica e harmoniosa. Para Mário de Andrade

a origem da Chegança de Marujo é sempre religiosa. Os trabalhos do mar, que foram a admirável justificação humana da nação portuguesa por três séculos, se imiscuíram nos vilhancicos religiosos, nos autos portugueses e nas acarnavaladas das procissões quinhentistas do Brasil.(ANDRADE, 1959, p.25).

Isso justifica a presença dos Santos católicos nas cantigas e a forma festiva com que a população negra encontrou para se manifestar em tempo de ferrenha opressão de práticas ancestrais. A forma de transmissão desses saberes e fazeres sempre aconteceu através da oralidade, através da repetição. Essa é uma forma ancestral de comunidades tradicionais manterem suas atividades culturais. Uma pessoa que deseja entrar para o grupo passará, inevitavelmente, por esse processo, mesmo que tenha ele outros contatos antes. Grupos tradicionais trazem uma importante característica, os

ensinamentos também acontecem nas casas, nas famílias. Logo, muitos, quando decidem entrar no grupo já trazem um aprendizado por terem convivido em casa com seus mais velhos. Mesmo assim experimentarão na prática como de fato acontece o aprendizado. Existem algumas regras para fazer parte do grupo: respeitar a dinâmica já existente, freqüentar os ensaios, providenciar a sua roupa e no dia de sua primeira apresentação, que geralmente é um 04 de agosto, receber todo o grupo em sua casa para uma espécie de “batizado”, onde terá que bailar sozinho no cordão e cantar sozinho a cantiga que mais gosta dentre todas do grupo. Cantar, tocar e bailar sozinho é uma condição muito recente, criada para motivar que as pessoas busquem de fato aprender e sintam-se de fato integrante do grupo a partir daquele momento.

Um aspecto a ser observado neste grupo diz respeito a sua linha sucessória nas funções inerentes às apresentações. O mais comum é que os mais velhos assumam determinadas funções (contramestre, piloto, general etc.), mas o que de verdade é levado em conta é o conhecimento sobre a manifestação. O fator família também é bastante importante. Meu pai foi marujo, piloto e mestre desse grupo, eu fui marujo, calafatinho, piloto e hoje assumo a função de mestre. É extremamente importante ter um vivência em várias funções, isso pode ajudar a ter uma maior compreensão do significado de uma chegada. Filho de peixe, peixinho é?

Infelizmente, as manifestações culturais tradicionais como a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira não contam com apoio financeiro direto dos órgãos da gestão pública, das esferas de governo. O poder público municipal ignora completamente as atuações do grupo, não há um interesse político por grupos desta natureza. É comum ouvir de gestores públicos que “cultura não dá voto”, e este pensar faz com que inúmeras manifestações desapareçam. É importante o incentivo, é caro manter um grupo cultural, todos os esforços feitos são também na busca de um reconhecimento que nos renda parcerias, que de alguma maneira colabore e fortaleça a resistência.

4.2-Saubara o porto seguro onde essa embarcação atraca.

“Saubara pode ser considerada, em muitos aspectos, o coração do recôncavo”, (ARAÚJO, 1986. p. 93). Ao fazer esta declaração, o Professor Nelson Araújo (se era a intenção talvez tenha conseguido) eleva a autoestima de saubarenses que tiveram a oportunidade de, como eu, ter acesso ao seu trabalho. O coração é o órgão mais importante do corpo humano, responsável por bombear o sangue para todo corpo. Se o Recôncavo fosse um corpo, seria Saubara o seu órgão mais importante, e o sangue aqui sairia em forma de música; seriam o som dos tambores, dos pandeiros, das violas, dos atabaques, das vozes das pessoas envolvidas e integrantes das mais variadas manifestações populares por ele identificadas (02 de julho, Samba das Caretas, Caretas do Mingau, Terno Sol da Palestina, Terno das Bailarinas, Terno das Flores, Baile Pastoril, Presépios, Samba das Raparigas, Zé do Vale, Filarmônica, Rezas de São João e São Pedro, Milagres de São Domingos, Festa da Boa Morte, Festa de São Domingos de Gusmão, Artesanato de Palha, Rancho, Renda de Bilro, Chegança Barca Nova). Foram 20 atividades identificadas, um motivo que com certeza “não será por menos que merecerá esse título, se for vista a outra luz, a da resistência que continua oferecendo aos assaltos da cultura metropolitana e transnacional” (ARAÚJO, 1986. p. 93) Algumas dessas manifestações da cultura local já não se encontra na comunidade, por diversos motivos. A cultura se renova, a manifestação cultural adormece e acorda de sons profundos trazendo à tona outras concretizações de sonhos possíveis. Se hoje o professor estivesse entre nós e visitasse Saubara, veria que essa terra abriga outras manifestações da cultura que ele não registrou (Reisado, Burrinha, Bumba-Meu-Boi, Barquinha, Capoeira, Rezadeiras, Parteiras e os terreiros de Candomblé). Esse reviver e sobreviver das manifestações culturais nos revela que “não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas” (MORIN, 2004. p. 56).

A obstinação é característica desse lugar, Saubara segue os caminhos profetizados. De história se tentará não mais falar, mas do folclore e da sua presença no dia-a-dia de Saubara. Ainda assim, a história inarredável de Saubara, como comunidade retentora de folclore, talvez a mais importante do Recôncavo nessa condição. (ARAÚJO, 1986).

O povoado de Saubara surgiu em 1550, num local chamado Ponta de Saubara, próximo ao mar. Distrito criado com a denominação de Saubara, pela Lei Provincial n.º 1.619, de 04-07-1876, subordinado ao município de Santo Amaro. Elevado à categoria de município com a denominação de Saubara, pela Lei Estadual 5.007, de 13 de junho de 1989, desmembrado de Santo Amaro. Constituído do distrito sede instalado em 01 de janeiro de 1990. Em divisão territorial datada de 1993, o município é constituído da sede Saubara dos distritos de Bom Jesus do Pobres, Cabuçu e Araripe. Situada a cerca de 100 km da capital, Saubara traz consigo narrativas a cerca de sua criação.

O debravamento da região santamarense, à qual pertencia Saubara, “foi efetuado por ordem do 3º Governador- Geral Mem de Sá que, pessoalmente comandou a guerra do Paraguassu (ou peroaçu), contra os índios ali residentes” A grande sesmarias doada, em 1559, por Mem de Sá, a seu amigo Fernão Rodrigues Castelo Branco, residente em Portugal, ia de Marapé até a ponta de Saubara, As terras que pertenceram a Braz Fragoso, e depois ao clérigo Francisco de Araújo, iam da ponta de Saubara até Bom Jesus dos Pobres e adjacências, subindo o rio Paraguassu para o lado de Cachoeira. Alguns meses depois de receber a sesmaria, Fernão Castelo Branco, a doou a Francisco de Sá, filho do 3º Governador-Geral, a 8 de julho de 1560, mas quem utilizou as terras, legando-as depois em testemunho, foi Mem de Sá. (PEDREIRA, 1997, p. 7) Como vemos desde os tempos remotos as terras de onde hoje é o município de Saubara sempre esteve em mãos de famílias que se apropriaram e as governam, como nos dias de hoje. (grifo meu).

É nesse contexto de escravização que é constituído este lugar, apesar desse não ser um tema recorrente nas histórias contadas por aqui, Pedreira afirma que:

Mem de Sá “nestas terras fez construir o seu famoso “Engenho Real de Seregipe”, em 1563. Este engenho possui uma “casa fortaleza” onde o mesmo morava “quando ia ao engenho para ver o andamento dos trabalhos e fiscalizar os serviços de plantio, colheita e moagem das canas, etc”. Para os serviços de engenho havia 259 escravos, mais 95 escravos e 4 escravos para os trabalhos dos campos e da casa-fazenda. “Desses escravos, muitos eram negros, e outros indígenas da região”. (PEDREIRA, 1997, p. 9)

Geograficamente, Saubara é uma cidade do recôncavo baiano que, além do grande arsenal de manifestações culturais, ainda é privilegiada por deter mais de 5km das mais belas praias da região, situadas nos distritos de Cabuçu, Bom Jesus dos Pobres e Araripe. Toda essa região compôs o que podemos chamar da primeira região habitável de Saubara:

Nela, por volta de 1685, no povoado fundado por Braz Frágoso, onde já existiam algumas casas à beira mar, seus moradores resolveram construir, num alto, uma igreja dedicada a São Domingos de Gusmão, a qual, em 1696, foi elevada à categoria de Freguesia pelo Arcebispo Dom João Franco de Oliveira. (PEDREIRA, 1977, p. 19).

A escritora saubarense Judite Santana Barros também traz uma narrativa que contribui para o entendimento do surgimento do município de Saubara:

O nome Saubara, como quase todos os municípios do estado de nossa querida Bahia, lugar onde nasceu o Brasil, é de origem indígena. Vem da palavra saúva, que significa “comedor de formiga”. Seu nome primitivo é fruto da junção do termo etimológico: SAÚVA + TERRA = Saubara terra da Formiga. Essa denominação nos foi legada por habitarem nessa região os índios tupis, que comiam formiga. Na língua tupi-guarani, Saubara era denominada Sauvara. Com o passar dos tempos, por questão de uma pronúncia mais adequada sonorizou-se Saubara. (BARROS, 2002, p. 10).

Outra importante narrativa acerca da existência do município de Saubara se dá a partir das lutas da independência da Bahia. Após o 07 de setembro de 1822, tropas lusitanas permaneceram no Brasil dominando o território baiano. A historiadora Zilda Paim apresenta um episódio de lutas que aconteceu:

A 18 de novembro de 1822, tropas do General Madeira de Melo investiram contra os postos avançados de Saubara, cuja tremenda luta impôs às forças nacionais ali sediadas regular as suas operações de guerra. [...] E lá em Saubara estava o bravo Padre Bernardo⁵¹, que com destemido heroísmo arregimentava suas tropas e defendia com denodo aquele ponto estratégico, que, sendo dominado ou conquistado, seria fatal para a revolução. (PAIM, 2005, p. 92).

Este relato aponta a importância de Saubara para toda a movimentação em torno das lutas de independência da Bahia, segundo a autora se neste dia não houvesse uma resistência nessas terras, a história do Brasil seria outra. Existe no meio da produção de livro didático a evidente investida de invisibilizar os acontecimentos históricos que envolvem o 02 de julho de 1823. Como é que houve a independência do Brasil em 1822 e na Bahia durante 10 meses sucederam-se inúmeros episódios de guerra? Encontramos

⁵¹Segundo Pedro Tomaz Pedreira esse Padre não passa de uma lenda, para ele, Braz Amaral fez uma confusão, existia um Vigário chamado Bernardo na freguesia de Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira. Para ele quem esteve na frente das lutas em Saubara foi o Padre Manoel Jose Gonçalves Pereira. Ver Documentos do Recôncavo: O “14 de junho”. Santo Amaro na independência do Brasil. Imprensa Oficial – Santo Amaro. 1970.

uma resposta que é no mínimo sensata e esclarecedora. Para Joel Rufino dos Santos isso nada mais é que

“o vivo desejo de fazer da Independência uma propriedade patriótica do Rio de Janeiro e de São Paulo levou os interessados a dar aquela festividade um cunho demasiadamente particularista, apagando o trabalho e o sacrifício de outros que também contribuíram para levar a cabo a grande obra da libertação em diversos pontos do território brasileiro”. (SANTOS, 1979, p. 191).

Em Saubara, duas manifestações culturais estão intrinsecamente ligadas ao tema da independência da Bahia. Uma delas são as Caretas do Mingau que:

Há aproximadamente 100 anos, no mês de julho, anualmente, na madrugada do dia 1º para o dia 2, mulheres de variadas idades, religiosidades e profissões, saem em algumas ruas do município de Saubara trajadas com grandes panos brancos – em sua maioria, panos rendados – luvas e chapéu de palha, segurando colheres de pau e panelas de alumínio, contendo mingaus de milho, carimã e tapioca, sacudindo chocalhos e gritando: “Olha o mingau! Olha o mingau”(BARROS, 2002. p. 22).

As caretas do mingau trazem para cena das guerras uma importante contribuição, pois, reforça e evidencia a participação de mulheres participando de guerras há muito tempo na história. Vanessa Pereira de Almeida nos apresenta em seu trabalho a perspectiva de que em Saubara as mulheres desde cedo saíram do lugar de conforto de ser: “a doce enfermeira, a mãe motivadora, a esposa conivente. Em Saubara, as mulheres foram além: participaram da guerra pegando em armas para expulsar as tropas de Madeira de Mello da costa saubarense. (ALMEIDA, 2017. p. 51). A Vanessa Pereira ainda afirma que:

Para além da presença feminina no *front* das trincheiras armadas, o que significa dizer que esta trama carrega o sopro do vigor na historiografia baiana das guerras, a qual já possui traços de uma perspectiva feminina da guerra, quando visibiliza Maria Felipa, Joana Angélica, Maria Quitéria nas guerras de Independência, bem como Luíza Mahin nas Rebelião dos Malês, as Caretas do Mingau vêm para revigorar esse terreno de estudos sobre mulheres na guerra. (ALMEIDA, 2017. p. 51).

A Chegança dos Marujos Fragata Brasileira traz consigo o imaginário de uma embarcação brasileira baiana que enfrenta os lusitanos defendendo a Baía de Todos os Santos. Através de suas cantigas que é evidenciada essa relação com o 02 de julho de 1823. Dois aspectos nas cantigas devem ser considerados para a existência dessa manifestação dentro do contexto da independência da Bahia. O primeiro refere-se a São Domingos de Gusmão, padroeiro da cidade. A igreja fora construída a 334 anos, no final do século XVII, e segundo alguns moradores mais antigos, ela foi construída ali por vontade do Santo, pois, a ideia inicial era fazer a construção no local onde hoje é a praça 04 de agosto (centro da cidade). Porém, sempre que se colocava o material da construção nesse lugar, na manhã seguinte tudo estava lá no ponto mais alto da cidade, onde a igreja de fato foi construída. E lá do alto São Domingos protegeu contra a invasão portuguesa.

*... "Glorio São Domingos
Traz a frente Para o mar
Pra socorrer todo aquele
Que por seu nome Chamar" ...*

E assim a Marujada canta todos os anos no dia da festa de São Domingos. Outra cantiga que por várias vezes vamos citar neste trabalho refere-se a Pirajá.⁵²

*... "Vamos companheiro
Vamos lá chegar
Leva essa Bandeira
Lá em Pirajá"*

Uma notícia foi vinculada da imprensa da Bahia Gilberto Sena escreveu:

O tradicional folguedo popular Marujada, uma bela manifestação folclórica que colonizadores portugueses nos deixaram, é a atração amanhã, domingo às 18 horas, no Campo Grande. A apresentação da Chegança de Marujos Fragata Brasileira, do distrito de Saubara, em Santo Amaro da Purificação, no domingo, em Salvador, é uma das raras oportunidades para adultos e crianças verem algo que dentro de mais 20 ou 30 anos terá desaparecido. (Jornal A tarde 23.08.1980).

⁵²Pirajá, onde aconteceu a principal batalha da Guerra da Independência do Brasil, iniciada na madrugada de 8 de novembro de 1822. (<http://www.cidade-salvador.com/patrimonios/piraja.htm>)

É nesse cenário antagônico que a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira de Saubara se mantém contrariando todos os prognósticos negativos que lhe fora atribuídos, permanecendo nos dias atuais como uma referência no cenário cultural, contribuindo para que permaneça acesa na memória do povo a importância que Saubara teve num período histórico tão importante para o Brasil.

4.3-Caboco Marujo, Êta Marujada.

Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, com esse nome uma indagação sempre esteve presente: Por que Marujos? Qual o lugar do marujo nessa manifestação? Talvez seja um tanto quanto inapropriado, ou mesmo extremamente necessário abordar o aspecto religioso que emerge no meu pensar sobre este tema. Em um 4 de agosto que não lembro o ano, o grupo fez, como de costume, uma apresentação na Igreja de São Domingos, e ao invés de descer a Rua da Igreja, naquele ano fomos pela Rua do Taboão, paramos na porta da casa de Tia Jelita, e ali fizemos uma apresentação como de praxe, depois veio o almoço, algumas cervejas, umas risadas, e fizemos o pagamento. Ela gostava de ouvir a Chegança cantar:

*Adeus minha Lila
Adeus minha Bela
Saudade da Lila
Que o Meu Peito leva.*

*De longe avistava
Meu bem na Janela
Por não ter Lila
Eu amei uma donzela.*

Trecho de uma música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira

Seguimos mar a fora, e nesta rua paramos na porta de outras casas, repetindo nosso fazer, e tudo ocorreu como previsto. Neste dia, depois da Rua do Taboão fomos para a sede e encerramos as atividades. Voltei para casa, e depois segui novamente para casa de Tia Jelita, onde a festa continuava. Chegando lá, fiquei espantado! Tinha uma senhora vestida de branco, com o chapéu de um dos marujos na cabeça, cantando e dançando músicas muito parecidas com as da Chegança. Foi a

primeira vez que eu estava diante de um marujo. Um marujo se manifestando no corpo de uma pessoa. Meu espanto logo se transformou em curiosidade, e ali, como uma criança que tudo quer saber, fiquei o tempo todo a observar. Ele parecia que ia cair, tinha uma garrafa na mão, era como se estivesse bêbado, era como Duca Contra-Mestre fazia na rezinga dos gajeiros. Daquele dia em diante, comecei a procurar esse marujo no grupo, e nunca via ninguém dali manifestado daquela forma.

Na Bahia, o caboclo é figura presente nos festejos do 2 de julho, numa representação simbólica dos povos nativos, que estavam presentes no período das lutas pela independência. Em Saubara, a figura da cabocla está sempre participando dos desfiles alusivos ao dia da independência. É talvez onde aconteça a maior participação popular, em eventos culturais na cidade. Anualmente na noite do dia primeiro de julho, uma grande parte da população concentra-se no bairro da Rocinha para a levada da cabocla, que segue em direção ao bairro do Lavador, onde fica para, no dia 2, integrar o desfile cívico. Não fica explícito na comunidade de Saubara a realização desta atividade com uma ligação direta com o culto do “caboco” no candomblé, a não ser pela participação espontânea de adeptos da religião. A cabocla assume um lugar do sagrado, quando na madrugada do dia 1º de julho as “Caretas do mingau” vão lhe fazer uma saudação, mas é importante pontuar que esta saudação está mais direcionada a uma reverência à figura feminina da cabocla por representar o fenótipo do povo brasileiro, do que a entidade do candomblé.

Parece haver de verdade uma diferenciação do caboclo no 2 de julho, e o caboco no culto do candomblé. De acordo com Jocélio Teles dos Santos (1995) os caboclos “do candomblé são entidades integradas ao panteão sagrado da religião afro-brasileira como os ‘donos da terra’, ou seja, deuses que já habitavam o Brasil antes da chegada dos orixás africanos”. (SANTOS *apud* ALBUQUERQUE, 1999, p. 93). Pensando desta forma, o caboco no Candomblé assumiria a identidade de serem entidades brasileiras, espíritos desencarnados que voltam como espíritos de luz para serem cultuados nos terreiros. O episódio das navegações no Brasil apresenta-se como feitos realizados pelos portugueses e espanhóis, fica mais fortemente impregnada a ideia de que tudo ocorreu a partir do olhar do colonizador, e se faz necessário pensar também nessas travessias, sob a ótica dos povos que vieram na condição imposta de escravizados, onde corpos negros foram mutilados e mortos em nome de uma fé cristã. Para Tito Romão (2018), na religiosidade dos colonizadores, parecia haver um misto de

hipocrisia e perversidade: professar a religião católica e ser cristão não necessariamente eram equivalentes. (Romão, 2018).

Para sua sobrevivência o povo negro teve que recorrer a algumas estratégias numa tentativa de manutenção de suas práticas. Alguns dos cânticos encontrados nas atividades religiosas, e também em algumas manifestações como no caso da Chegança funcionam como uma espécie de sincretismo, fazendo com que pessoas de uma mesma cultura compreendam os sinais.

*Lá Mano que vem de Lisboa
Lá mano que vem de Lisboa
Que beleza é a as ondas do mar
Eu passei por Cabo Verde
Por cima da vela duas pomba reá
(Canto de caboco Marujo)*

Compreender que falar de Lisboa pode ser apenas uma forma de identificar de onde partiu tal embarcação e que caminho foi feito até chegar ao destino final.

*Essa nau que não dá pelo leme
Não alça nem arriba
Eu vim lá no Mastro do meio
Na ponta da verga uma pomba reá
(Trecho de uma música da Chegança dos Marujos Fragata
Brasileira)*

Com a vinda de pessoas trazidas de diversas regiões do continente africano para o Brasil, vieram também as mais variadas concepções de religião, diferentes formas de cultos originários, além de diversas etnias representadas na diáspora africana, e o candomblé surge no Brasil exatamente a partir do contato desses povos com as culturas indígenas, e ainda sob pressão do catolicismo. Para a população negra conseguir manter suas práticas religiosas de África aqui no Brasil foi necessário desenvolver formas para não perder seus modos de vida, sendo que para muitos uma das estratégias adotadas ficou conhecida como sincretismo religioso. Tito Romão (2018) diz que: “No caso dos africanos, estes exerceram um papel de protagonistas, e buscaram formas de continuar a cultuar suas divindades. Para tanto, buscaram uma espécie de meio-termo entre seu real panteão e o sistema dos santos católicos” (ROMÃO, 2018, p.07), e até hoje convivemos com a relação ambígua entre os orixás e os santos da igreja católica.

No Candomblé temos a festa de Caboco, uma influência direta da cultura indígena brasileira. De certo modo, com essa parte da religião, o sincretismo não funcionou, pois não há uma relação dos cabocos com nenhum santo católico. São inúmeros os cabocos existentes no candomblé (Sete Flecha, Boiadeiro, Sultão das Matas, Pena Branca) e o Caboco Marujos esse que é o foco da nossa dissertação. Segundo o Babalorixá Eliomário dos Santos, do Terreiro Ilê Axé de Nanã da cidade de Saubara o Caboco Marujo é:

[...]é um caboco das águas, ele é um espírito de Marujos que tem aquela coisa de Marujo ele é um espírito, que aquele Marujo morreu e desencantou nas águas, esse espírito viveu nas águas então, então virou um caboco das águas, ele pertence à parte de Yemanjá, Oxum, então ele é sempre cultuado⁵³...

Para o Babalorixá Agenor Santana, do Terreiro Baba Ôkê, o Caboco Marujo é:

é um encantado ou um caboco d'água, por conta da rota né? Ele veio nessa perspectiva de descobrir terras, via náutica, essas embarcações naufragou, e aí esse individuo sei lá, faleceu, o corpo nunca foi encontrado, virou um encantado, se encantou, o encantado surge dessa perspectiva, dele se encantou, ele sumiu, ele desapareceu, e ele retorna entre nós através justamente do culto da canção, por que? Porque, a percussão acorda a ancestralidade, o rufar dos tambores, rufar dos pandeiros, ele vai acordar, ele arranca arrepio⁵⁴.

As definições apresentadas trazem convergências e divergências. Tanto para o Babalorixá Eliomário quanto Agenor o Caboco Marujo continua sendo o espírito de um Marujo que desencarnou, e volta a se manifestar nos terreiros nos cultos de Caboco, porém para o Babalorixá Agenor fica evidente que esse espírito é de alguém que vem para o Brasil, com a perspectivas de descobrir novas terras, seria talvez um Marujo Português ou Espanhol? As festas do Caboco Marujo acontecem dentro do calendário de cada terreiro, não havendo uma data específica, alguns terreiros fazem a festa juntamente com o presente se Yemanjá, como é o caso do Terreiro Ilê Axé de Nanã.

O Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira apesar de levar o nome de Marujo na sua estruturação, não tem registro de que algum preceito religioso foi realizado para a sua constituição. O que sabemos e ouvimos é que diversas pessoas por

⁵³ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 01 de março de 2020

⁵⁴ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 01 de março de 2020

enxergarem uma aproximação entre o grupo e a religião do Candomblé, sempre buscam um acalanto nas apresentações do grupo. Pessoas que têm algum problema na família com parentes alcoólatras encontram no nosso fazer cultural um aporte para compreender o quanto é possível agradar Marujo, e assim pedir que os ajudem a resolver tais problemas.

Apesar de não ter um envolvimento direto com o candomblé, o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira provoca nas pessoas que estão ao seu redor, sensações e experiências espirituais das mais diversas. Perguntado se conseguia ver alguma relação do grupo com o caboco Marujo o Babalorixá Eliomário respondeu:

[...] marujada de Marujos combina com a Chegança que a parte de marinheiro, combina sempre nas festas, o meu marujo pede quando eu fizer uma festa grande que mande convidar as marujadas, pra vim tocar pra ele. Quando vocês estão parado cantando, que tem aquelas saudação, quando no meio tem aquele menino aquelas cantigas, que luta as espadas quando começa essa “batalhação”, aí é que representa mesmo. Até eu quando estou assistindo eu sinto eu me abalo, com aquilo, aí eu fico assistindo tudo vocês cantar em fim⁵⁵.

Esta narrativa relava o quanto estamos garantindo que saberes e fazeres ancestrais sejam perpetuados. No campo da religiosidade contribuimos com o nosso protagonismo, saber que o nosso cantar, bailar e tocar sugere para um Babalorixá a continuidade do culto ao marujo é revelador, ao sentir-se marujo, ao fazer uma Chegança estamos em nossa plenitude do nosso rito de passagem para outra dimensão espiritual, e de compreensão das nossas responsabilidades. Para Professora Rita de Cássia Dias Pereira Alves,

esses sentimentos tão presentes para os/as participantes, só são possíveis pela vívida memória ancestral que evocam, carregam e nutrem. O corpo embalado na dança e na representação, pelo ritmo dos pandeiros e chocalhos, dá fluxo ao ritmo interno, que pulsa nos corpos que de diferentes modos, revivem as travessias, a vida-morte no mar, a disputa por existência, na história que vai recontada. (ALVES *apud* ROSARIO, 2019, p. 234).

É com esse entendimento que navegamos num mar que ora de apresenta revolto, e como marujo nele nos equilibramos, executando com o corpo o mesmo movimento das marés, e que nos momentos de calma refletimos sobre o quanto essa nossa construção social se dá pela vertente racial que nos identifica, promove aproximação e vem garantindo que os elos sejam mantidos, no incessante desejo que o

⁵⁵ Entrevista realizada na cidade de Saubara em 01 de março de 2020

marujo que habita na Chegança dos Marujos Fragata Brasileira sirva de sustentáculo para que a cultura seja vista como um alicerce para uma educação que liberta.

4.4-A independência da Bahia contada pela Chegança.

A Chegança dos Marujos Fragata Brasileira é um grupo que representa uma marinha de guerra brasileira que atuou na defesa da costa da Bahia de todos os Santos durante o período das lutas de independência da Bahia. Se não era um destacamento da própria marinha brasileira entendamos como um agrupamento de pessoas que, com a sabedoria sobre a vida marítima, colaborou de certa maneira com a intenção de defender o território baiano.

Pirajá é onde ocorreu talvez a mais sangrenta das batalhas em terras baianas durante a guerra da independência da Bahia. O ano de 1822 é marcado por uma série de episódios que precede o dia 02 de julho de 1823, aquele que seria o dia em que os “marotos pés-de-chumbo” perderiam de vez o controle da cidade de Salvador. Para retratar a batalha de Pirajá, vamos antes fazer sinteticamente uma abordagem histórica que compreende o período de 9 de janeiro de 1822 a 2 de julho de 1823, relatando alguns fatos que são na nossa concepção interessantes para este trabalho.

D. Pedro decide ficar no Brasil, isso era 9 de julho de 1822. Um mês antes, chega ao Brasil, no Rio de Janeiro, uma esquadra vinda de Portugal que trazia os decretos com várias deliberações da corte de Lisboa, dentre as quais estavam: “aboliam a regência, retiravam do Rio de Janeiro todo poder administrativo, judicial e militar e ordenavam o retorno imediato do príncipe regente na mesma esquadra”. (PORTO FILHO, 2015. p. 52) D. Pedro fica chateado porque a argumentação da corte de Lisboa era que, para que ele assumisse o trono em Portugal, deveria retornar e ser treinado para tal função, ou seja, teria que viajar pela Europa e melhorar sua educação. Já decidido a voltar, ele recebe uma carta vinda de São Paulo, da junta Governativa, indignado com a sua decisão. Obtendo apoio de brasileiros, D. Pedro teima em ficar no Brasil, e esse dia fica conhecido como o “Dia do fico”. Foi quando ele fez o seguinte pronunciamento: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto, digam ao povo que fico”. Essa decisão desencadeou medidas duras vindas de Portugal, uma delas é a ocupação da cidade de Salvador por tropas portuguesas. Era desejo manter a qualquer custo Brasil e Portugal unidos politicamente. Como medida, a corte nomeia para governador das Armas na Bahia Inácio Luís Madeira de Melo. Essa nomeação para

muitos é o início das lutas entre brasileiros e portugueses. No dia 15 de fevereiro de 1822, chega a Salvador o navio correio Leopoldina, trazendo Madeira de Melo, que substituiria Manoel Pedro de Freitas Guimarães, que era brasileiro e não aceitou tal substituição alegando não ter validade a sua carta de nomeação. Porém, Madeira de Melo foi recebido com bastante festa pelo oficiais portugueses, que de imediato aceitaram seu comando. Essa disputa de poder originou os sangrentos acontecimentos de 18 e 19 de fevereiro de 1822, que caracterizam o início da guerra civil na Bahia. (Revista da Bahia, n 36, 2002. p. 14). A tentativa de impedir a substituição levou a um novo choque na região do Forte de São Pedro, e os dias 18 e 19 ficaram marcados por diversos atos de uma guerra de muito sangue derramado. Ao romper do dia 19 as duas forças se enfrentaram [...], prevaleceram os portugueses[...]. Soldados e marujos lusos se embebedaram e cometeram muitos excessos, inclusive mataram Soror Joana Angélica e o Capelão do Convento da Lapa (Revista da Bahia, n 36, 2002. p. 15). Fato esse que serviu como propulsor para a instalação da guerra.

Quando soube de tudo que ocorrera nos dias 18 e 19 em Salvador, D. Pedro intimou Madeira a deixar o Brasil e proclamou aos baianos a que reagissem e lutassem contra aquela tirania. (Revista da Bahia, n 36, 2002. p. 16). Esse pedido feito por D. Pedro parece ter ganhado os ares do recôncavo e chegou aos lugares onde se concentravam as forças políticas da Bahia. Em 12 de junho de 1822, o Senado da Câmara de Salvador foi impedido de realizar uma reunião onde seria respondida a consulta feita pelos deputados da bancada em Lisboa acerca do reconhecimento da autoridade de D. Pedro como Príncipe Regente do Brasil. Madeira de Melo proibiu a sessão e organizou um esquema militar fechando todos os caminhos que levava até a câmara. Com a investida de Madeira de Melo e tomada da cidade de Salvador, muitas pessoas começam a se deslocar para o recôncavo. No recôncavo, estava a riqueza, a comida, o braço do trabalhador. A Bahia era uma terra de 400 mil almas. Em Salvador viviam em torno de 100 mil. Portugal era uma nação com 2 milhões de habitantes. O Brasil naquela época, tinha cerca de 4 milhões. (Revista da Bahia, n 36, 2002. p. 15).

Em Santo Amaro, a Câmara do Senado, também sabendo das notícias do que ocorrera em Salvador, reuniu-se no dia 14 de junho de 1822 e redigiu a ata de vereação onde consta: “Que haja no Brasil um centro único de Poder Executivo; que esse Poder seja exercitado por sua Alteza Real, o Príncipe Real, segundo as regras prescritas em uma liberal Constituição; e que a sede do mesmo Poder seja aquele lugar que mais útil for ao seu bom Regime e administração de Reino” (TAVARES, 2015. p.

95). Declarando-se a favor da regência de D. Pedro a Comarca de Santo Amaro no dia 17 de junho de 1822 “soldados portugueses da Companhia de Granadeiros pegaram em armas, saíram para as ruas da Vila de Santo Amaro, ocuparam o porto do Xaréu, mas não abriram luta” (*Idem* p. 96). Em Santo Amaro, a 29 de junho de 1822, foi feita a aclamação de D. Pedro como Regente e Defensor Perpétuo do Brasil (PEDREIRA, 1977. p. 122).

Uma das primeiras investidas de Madeira de Melo foi feita na cidade de Cachoeira. Por saber que ali se encontrava uma importante articulação contra o seu posicionamento, Madeira de Melo determinou que uma embarcação sob o comando de Domingos Fortunato atracasse naquela cidade para inibir quaisquer manifestações por parte da população.

A Câmara do Senado de Cachoeira, com o apoio de milicianos patriotas (cerca de 500 homens de diversas classes da sociedade), munidos de vários tipos de armas e sob o comando do coronel José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, no dia 25 de junho de 1822 garantiram que a câmara se reunisse e aclamaram D. Pedro como: “Regente e Perpétuo Defensor e Protetor do Reino do Brasil” (PORTO FILHO, 2015, p. 65). Ao assumir publicamente reconhecendo a autoridade de D. Pedro com Príncipe regente do Brasil e ao festejar tal ato, a cidade foi alvo de um ataque feito pela tropa portuguesa que estava na escuna estacionada no porto. Aproveitando-se da confusão causada pelo ataque da escuna, alguns portugueses começaram, de seus prédios, a efetuar disparos contra o povo, estabelecendo um clima de confronto na vila. (PORTO FILHO, 2015.p. 62) Esse confronto terminou com a rendição da tropa de Madeira de Melo, que não resistiu a investida improvisada (vaivém)⁵⁶feita pelo povo de Cachoeira, que acertou a escuna provocando-lhe vários danos e feriu seu tripulantes. Com a tomada de Salvador por Madeira de Melo, Cachoeira assume o papel de “capital” da província. Nos dias atuais, o Governo do Estado da Bahia transfere a sede do governo por um dia, 25 de junho, para Cachoeira, como forma de reconhecer a importância que a cidade teve para a independência do estado.

Aos 26 de junho de 1822, a Câmara do Senado de Maragogipe se reuniu para responder a consulta feita pelos deputados baianos e seguiram a mesma linha de Cachoeira e Santo Amaro. Contudo, nota-se que a maior preocupação nessa Vila era que o novo governo abolisse a dívida que os senhores de engenho tinham com as

⁵⁶Uma antiga peça de artilharia adaptada para serviços nos engenho que trazida para a vila foi preparada para atirar pedras e pedaços de ferro.

repartições arrecadadoras de impostos. Em 29 de junho de 1822, a Vila de Maragogipe reconhece a autoridade de D. Pedro.

Ainda em 26 de junho de 1822, em Cachoeira, foi constituída a junta interina conciliatória e de defesa, no dia 29 do mesmo mês um grupo de pessoas vindas das Vilas de São Francisco do Conde e de Santo Amaro chegam a Cachoeira, propondo a transformação da junta interina em Comissão da Administração da Caixa Militar, com fóruns de governo civil e militar e jurisdição sobre todas as vilas do Recôncavo (PORTO FILHO, 2015.p. 67). Através de ato administrativo, o Tenente Coronel Felisberto Gomes Caldeira

designou comandante das defesas da costa santamarense, da barra do Rio Traripe à do Rio Paraguaçu, o então Vigário da Freguesia de São Domingos da Saubara, o Padre Manoel José Gonçalves Pereira, ocupante daquela função desde 1812. (Revista Militar Brasileira. n 10. 1974. p. 29).

Em 13 de agosto de 1822⁵⁷, na Vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde, os líderes emancipacionistas santamarense e Sanfranciscanos se reuniram, decidindo, unanimemente, a criação de um conselho interino de governo da Província, cuja sede, resolveram, seria o Hospital de São João de Deus (atual Casa da Misericórdia) na Vila de Cachoeira (Idem). Essa decisão só foi deliberada em 6 de setembro de 1822, ficando instalada com participação de representantes das Vilas do Recôncavo e de outros lugares da Província. Instalada, “uma das primeiras decisões do Conselho Interino foi o envio de reforços para a zona costeira que se estendia de Bom Jesus da Saubara (atual Bom Jesus dos Pobres) a Saubara e Acupe.”(Revista Militar Brasileira. n 10. 1974. p. 30).

Foi nessa região da costa que as tropas lusitanas fizeram um de seus primeiros ataques, tentaram desembarcar na costa da Saubara (costa de Saubara compreendia a faixa litorânea que iniciava em Acupe e ia até a entrada do rio Paraguaçu), mais precisamente em Acupe, nas terras do Padre Bernardo de Melo Brandão, mas foram surpreendidos por um grupo de patriotas comandados pelo Coronel Rodrigo Brandão, que travaram um combate com os lusitanos. “A força brasileira assim vitoriosa foi acampar na fazenda Acupe, com fim de proteger toda a costa da Saubara,

⁵⁷ Sobre essa data e local encontramos divergências nos documentos pesquisados.

d'onde regressou, por ordem superior, a 16 de setembro de 1822". (Revista Militar Brasileira. n 10. 1974. p. 30).

O Padre Manoel José Gonçalves Pereira teve participação efetiva nas lutas pela independência da Bahia. Sua participação ficou registrada através de suas cartas que ele escrevia para o Conselho Interino. Tais cartas nos revelam muito daquilo que vivenciamos hoje, quando brincamos na Chegança. Além de evidenciar a participação em massa da população de Saubara em defesa do território chamado costa de Saubara. Inúmeros relatos encontramos hoje sobre este feito, a exemplo da igreja de São Domingos.

*Glorioso São Domingos traz a frente para o mar
Pra socorrer todo aquele que por seu nome chamar*

*Glorioso São Domingos consolai meu padroeiro
Aceitai a romaria desse pobre marinheiro*

Trecho de uma música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira

A participação do Vigário Padre Manoel José Gonçalves Pereira ficara registrada em cartas que ele escrevia para o Conselho Interino, onde dava ciência de toda movimentação numa das áreas mais atacadas pelos portugueses e também recebia ordens de como proceder em algumas ações de defesa. Em seguida, apresentamos alguns trechos de algumas dessas cartas encontradas na Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974.

Na primeira carta datada de 02 de novembro de 1822:

Forão hontem, por vasos inimigos perseguidas cinco lanxas nossas vindas de Maragogipe com farinha; duas das lanxas passarão livres, duas se vierão abrigar debaixo das nossas trinxeiras, e huma que temerariamente vindas escapar seguindo viagem encalhou em certos baixos fronteiros nesta freguezia onde não existe trinxeiras e nem tão pouco se lhe podia prestar socorro da mosqueteira;...e o povo desta terra vendo a minha grande afflicção por não poder socorrer aquela embarcação, e vendo-me seguindo...para lhe prestar os caridosos officios que estivessem ao meo alcance...me seguio, e soffreo hum gradicissimo fogo do inimigo... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Nesta carta fica evidente a importância do Ponto de Saubara para a proteção de embarcações vindas de outros lugares do Recôncavo. Por ser aqui em Saubara, precisamente no atual Bom Jesus dos Pobres, a entrada para o Rio Paraguaçu, que dava acesso às cidades de Cachoeira e Maragogipe, importantes centros de articulação política da época.

A segunda carta data de 07 de novembro 1822:

Na tarde de hontem tornou a ser atacado o Ponto da ponta da Saubára de que já falei... porem perderão tempo a metralha, e assim desenganados se retirarão já ao escurecer, e hoje amanhecerão todas ao pé da escuna, que está ancorada não longe da Ilha do Medo... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

A ponta de Saubara era um ponto estratégico de onde era possível observar toda a movimentação de qualquer embarcação que se aproximasse da costa. Como explicitado na carta, foi em vão a tentativa dos portugueses.

A carta terceira, de 12 de novembro de 1822:

Illmo, Senhor Coronel Comandante. Participo a V. S. que hoje depois do meio dia, com pouca differença, apparecerão entre Itaparica e a ponta de Nossa Senhora de Guadalupe 4 barcas inimigas e hum escaler, huma das quaes se aproximou para a parte dita ponta, e fes fogo, e também o recebeo... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Da costa de Saubara era possível visualizar as movimentações lusas, nesta carta nos é apresentada de forma bastante forte e vigorosa a participação dos brasileiros contra as forças de Madeira de Melo que a todo instante investia como desejo de se apropriar dessas terras.

*Eu só mar eu não vejo terra
Só vejo marujo em campo de guerra*

*Ô meu patrão venha cá na prôa
Que sua espada e defenda a côroa*

*Ô meu patrão e também meu contramestre
Venha vê a chibança nesse mar de guerra*

*Fogo e mais fogo, fogo de arrasar
Estamos em campanha tocamos a peleja.*

Música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira

Essa música ilustra bastante esta situação descrita na carta, com a aproximação das barcas inimigas houve “fogo e mais fogo, fogo de arrasar”, foram intensos os embates na costa de Saubara, e o povo saubarense esteve o tempo todo disposto a enfrentar as batalhas para que não tivesse perdas das terras para os portugueses. É com esse imaginário que vemos a permanência ainda nos dias atuais de todas essas lutas que existiram por aqui.

Duas cartas foram escritas dia 13 de novembro de 1822. A primeira para o Governo, dizendo que

hontem pelas duas horas da tarde vi fundear no ponto de Manguinhos e ponta de Nossa Senhora de Guadalupe para dentro da Costa desta Saubara, dois barcos inimigos e huma Escuna ou coisa semelhante...e que hoje ao passar o barco em que hia o Alferes Ajudadente de Ordens, e duas embarcações nossas fizeram força de remos sobre as embarcações 4 barcas, pelo que mandei do ponto da Cambôa huma canoa a participar as taes embarcações que voltassem, e na Canoa do Avizo veio para terra o dito Ajudante, que mandei levar a Vila de São Francisco em huma canoa, e passou livre...As quatro barcas ditas não tem cessado de velejar cruzando a nossa Costa. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

A segunda, direcionada ao Coronel Gaspar de Araújo Azevedo Gomes de Sá.

Hontem já participaei a V. S^a da xegada de 5 Barcas e huma escuna...que se achavão fundeadas da ponta de Manguinhos e ponta de Nossa Senhora de Guadalupe para dentro...depois que as 4 distas barcas não tem cessado de velejar por toda esta Costa bem próximas a Ella, ainda continuarão nesse exercício. Está a xegar no Porto do Senhor Bom Jesus...Rogo que V. S^a me queira mandar huma pessa das que tem nas trinxeiras desse rio de Santo Amaro, pois tenho cá numa trinxeira feita há muito tempo, em hum ponto bem perigoso, e sem pessa alguma, pois ellas por cá são mais necessárias, e não mando canoa em busca della por que não posso tirar destes hum só soldado... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Nessas cartas o Padre demonstra o desespero de quem se vê acuado dentro de seu território vendo o poderio militar luso se aproximando da costa, e em um ato de total aflição parece dizer que os soldados que se encontravam em Santo Amaro eram mais necessários em Saubara, pois lá estavam acontecendo de fato um investida lusitana. Essa carta nos conduz a pensar que, de verdade, foi em Saubara (na costa de Saubara) que aconteceram as mais sangrentas batalhas do recôncavo, enquanto em Santo Amaro não houve nenhuma batalha.

Na sexta carta, de 14 de novembro de 1822, depois de receber orientações, o Padre diz: “Julgo desnecessário a retirada dos gados e gente destes sítios e Costa, por que estou sendo persuadido que o inimigo, não tenta forçoso desembarque, e assim mesmo espero confiado no onnipotente fazer repelir com as forças mesmo do povo desta terra”. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Parece que o Padre recebe uma ordem para as pessoas e os animais da costa de Saubara e não obedece a tal ordem. Não encontrei escritas sobre o motivo das orientações, suponho que retirar o gado da costa seria levá-los para Santo Amaro, onde imaginavam estarem mais seguros e com mais alimentos à disposição.

Na sétima carta, de 17 de novembro de 1822, escreve apontando que:

Deste Porto do Senhor Bom Jesus...que as barcas inimigas hontem por todo o dia nada fizerão de movimento...Foi-me denunciado que certo preto cativo de Dona Maria Joaquina de Andrade e seo Feitor na Fazenda denominada Itapenha(sic), maquina ou move partido com outros pretos a favor do infame Madeira...como tem um cabra escravo do Engenho Acupe, e feitor deça fazenda, que me deram socorro no mato a certos Europeos... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

As tropas brasileiras eram compostas por pessoas escravizadas, negros e indígenas. A figura do feitor sempre foi cultivada nas fazendas e engenhos existentes, não é de se estranhar que negros feitores tentassem favorecer aos portugueses, uma vez que podiam circular em meio ao povo sem serem notados. Nos casos relatados pelo

Padre, parece que alguns deles eram reconhecidos por outros negros que lutavam a favor da independência e os denunciavam.

Na oitava carta, de 20 de novembro de 1822, é alertado sobre

Duas barcas inimigas que existem ancoradas não longe desta Costa, e a perseguem, como tudo tenho feito ver s V. Exa., ontem seguirão para a Bahia, e a seu regresso trocarão mais três grandes Barcos que se reúnem ao malfazejo Comboio, e por isso considero atacados os pontos desta Costa, e eu então sem armas bastantes para devida defesa, e mesmo sem artilharia para impedir aproximação dellas á terra, pois que tendo a muito esse socorro...the o presente não tem sido atendidas minhas tão justas supplicas... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Ao observar que, ao passar do tempo, os portugueses estavam mais preparados para atacar a costa, nesta carta o padre declara que não tem mais como defender toda a costa da Saubara sem que o Conselho responda positivamente as suas reivindicações. Mais uma vez nota-se que o comando pouco se importa com tudo que acontece nesta região

A nona carta tem a mesma data que a anterior, ele faz saber ao conselho dentre outras coisas que:

As barcas já estão em numero de doze, e entre elas há dois Barcos carregados de tropa. Inda se achão refugiadas neste Pôrto da Saubára as três lanchas carregadas de farinha para o exercito Pacificador que no domingo forão perseguidos pelas ditas Barcas inimigas, e não podem seguir viagem por se acharem tomadas as passagens do Boqueirão e Ponta de N. Senhora de Guadalupe... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Era da região do recôncavo a maior produção de alimentos para a Bahia, e não foi diferente no período das lutas, as lanchas que necessariamente vinham pelo Rio Paraguaçu eram protegidas pelas tropas do Padre Jose Gonçalves, e quando perseguidas, ficavam na costa até conseguirem chegar ao destino.

Na décima carta, de 21 de novembro de 1822, o vigário da ciência ao Conselho de que recebeu

a relação de Cabos de Couro e piassaba que são necessários para a prontificação da Escuna, passo já a ir examinar na cordoaria do Padre Bernardo se há feitos os de piassaba, se é possível fazer-se os de couro, por que não me é permitido presentemente mandar à cordoaria de Pedro Gomes em razão de se acharem as barcas em linha ao lado daquela ilha e jamais escapará o canoieira que lá for... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Como vemos no trecho da carta, ainda era de responsabilidade do padre vistoriar a construção de embarcações para servir nas batalhas. Usar a matéria-prima local parece ter sido uma saída para o enfrentamento.

Na décima primeira carta, de 24 de novembro de 1822, ele comunica que:

Hontem todo dia sofreu a Ilha de Santo Antonio da Freguezia de Madre de Deus do Boqueirão fôgo das barcas inimigas, e algum também se lhes fez, e hoje em esta manhã o houve para o lugar chamado Lobato, que é entre a Barra e o Doirado. Tenho por modos simulados feito retirar os gados da beira mar desta Fraguezia e sua costa, também famílias e seus preciosos, e na estação da missa Conventual fiz uma fala ao povo sobre esta mesma coisa... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Ao perceber a possibilidade de um ataque definitivo, o padre demonstra uma preocupação com as pessoas e os animais, e começa a simular uma fuga de emergência. E é na missa que ele chama o povo de Saubara para se juntar a ele na luta contra os lusitanos.

A décima segunda carta, de 25 de novembro de 1822, ele comunicou ao Conselho Interino que:

as barcas inimigas não tem... cessado de cruzar esta costa e a Ilha dos Frades, e também se aproximarão a Itaparica, para onde fizerão fogo e se lhe fez” a escuna esta manhã saiu do seu ancorador e foi fundear alguma coisa mais abaixo; ontem por tarde, depois de estar toda flotilha fundeada ao pé da Escuna, aparecerão pela Ponto de N. Senhora 4 ou 5 embarcações nossas, sobre as quais sairão logo dois barcos inimigos, mas nada conseguirão... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Não encontramos informações de tropas do exército ou marinha brasileira na costa de Saubara. Os relatos são de que pessoas nativas compunham as guarnições, e como vemos na carta, eram pessoas que tinham sabedoria sobre como navegar. É nesse universo do conhecimento do mar que imaginamos que saberes e fazeres da época se desdobraram e se transformaram nas manifestações culturais da atualidade, exemplo das Cheganças. As histórias de Portugal se misturaram com as histórias locais e o corpo negro, indígena saubareense criou as canções inspiradas nas lutas travadas em solo brasileiro, baiano.

*Moças baianas
Cheguem a Janela
Venham vê os marujos
Oras meu bem
Que vão pra guerra*

*Se eles vão pra guerra
Vão pelejar
Se eles não morrer
Oras meu bem
Hão de voltar*

*Eles vão pra guerra
Deixe eles ir
Se eles não Morrer
Oras bem
Tornarão há vim*

Música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.

Podem ter sido ser essas as cantigas feitas pelos marujos ao se despedir de suas famílias quando iriam para as trincheiras da guerra.

Na décima terceira carta, de 06 de fevereiro de 1823, o Padre Manoel José Gonçalves Pereira agradece o reconhecimento de seu trabalho.

Hontem recebi a participação de V. Exa. Por intermédio do Exmo. Snr Secretario, e nella minha nova nomeação para comandar a guarnição deste Ponto como era antes, e para em defesa dele aplicar todas as forças... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Cinco meses após ter sido nomeado comandante das forças brasileiras na Costa da Saubara, o padre recebeu novamente tal função por reconhecimento de seu trabalho em defesa da região. Isso demonstra que a condução do padre na região trazia bons resultados, mesmo com os descasos do conselho.

Na décima quarta carta, de 11 de fevereiro de 1823, o Padre Manoel José Gonçalves Pereira escreve ao Conselho que após receber novamente a função de chefe da guarnição da Costa de Saubara sua primeira ação foi: “revistar com alguns Oficiais desta guarnição o estado de defesa em que se achava cada um deles...” (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Não encontramos relatos que nos conduzisse a entender se em algum momento sua função ficou ameaçada. A carta continua revelando a preocupação que ele tinha com a situação de fragilidade que se encontrava a região.

Na décima quinta carta, de 15 de fevereiro de 1822, o Vigário faz saber que:

com o sargento-mor Inspetor e o Capitão Engenheiro, e avivados os traços das trincheiras pedi me desse o mesmo Inspetor um mapa do preciso para a reedificação e construção delas; no entanto fui mandado preparar faxinas e estacarias. Hoje me remeteu do Acupe o mesmo Inspetor o pedido mapa incluso; e apesar de lhe ter lembrado que a estreiteza do tempo e os poucos dados que tínhamos não permitirão obras maiores...o Inspetor tudo quer no rigor da arte, sem se lembrar que muitos mezes nos mantivemos contra o inimigo, com diários ataques, entrincheirados como as circunstâncias permitirão... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Muito nos dias atuais se discute sobre o papel de Santo Amaro nas lutas de independência da Bahia. Todas as cartas a que tive acesso no documento pesquisado em momento nenhum é mencionado algum episódio de batalha em Santo Amaro (sede), e nesta carta fica evidente a falta de apoio para uma medida de guerra que quisera adotar o padre, mas não teve por parte do Conselho deliberação para continuar. Isso demonstra que foram de fato os saubarenses e acupeses que assumiram e deram seu sangue pela causa. Importante salientar que Saubara era um distrito de Santo Amaro nesta ocasião. Mas, não era de se estranhar, em Santo Amaro vivia uma burguesia da época, que pouco

se preocupava com os acontecimentos de guerra. Eles ainda se vangloriavam com a ata de 14 de junho um documento que só revelava a subserviência ao império.

Na décima sexta carta, de 08 de março, o Vigário diz que:

no dia 06 do corrente, pela Barra de Santo Antonio um grande Vaso, que suponho ser a Nau D. João 6, e na verdade ela não existe no lugar onde diariamente era vista... ontem 7 do mês corrente, os nossos barcos de Itaparica reunidos, e um vindo de da Vila de São Francisco se baterão com os do inimigos fortemente quase todo dia, mas sem vantagem de ambas partes, pelo que me parece, pois os vi pacificamente voltarem para os seus ancoradouros. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Houve momento em que o confronto foi evitado por ambas as partes, talvez pelo cansaço, pela falta de alimentação, pela falta de munição ou simplesmente por uma trégua momentânea.

Na décima sétima carta, de 12 de março de 1823, o padre comunica que

Dez barcas inimigas... seguirão para Costa da Ilha dos Frades pelo lado do Nascente, e lá fizerão algum fogo, pelo que vi esta manhã os nossos Barcos de Itaparica no canal do Boqueirão, que para lá passarão ontem de tarde, e nesse momento os vejo fronteiro a esta Costa...de seu porto. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Eram constantes os ataques deflagrados pelas tropas de Madeira de Melo, a vantagem de estar em terra e com boa visão de toda a Baía de Todos os Santos deu ao padre a condição de enfrentar e ter vitórias.

Na décima oitava carta, redigida no dia 20 de março de 1822, ele informa que

nesta Saubára tem aparecido por duas vezes um escaler com 6 ingleses, os quaes ora aqui se achão, e trazem fazenda, mesmo alguns molhados, como carne do sertão, manteiga e bolachas tudo em ponto pequeno por ser pequeno o escaler; estes mesmos Americanos me oeferecem da parte do Capitão de sua embarcação 4 peças de calibre seis... (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

A estratégia adotada pelos brasileiros de isolar a costa da Saubara funciona, e as tropas lusitanas sofrem com a falta de alimentação. O apoio de ingleses é fundamental para que não faltasse alimento para os brasileiros.

A rezinga entre o contramestre e o piloto da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira retrata esse episódio, reforçando o nosso entendimento de que pessoas que viveram tais momentos possam ter relatado esse acontecimento e o tempo, como em tudo, pode ter transformado isso numa permanência viva na memória de nossa localidade.

Contramestre.

*No natural da linha vejo quatro velas 2x
Marinha ao sul pra Inglaterra 2x*

Marujada (coro)

*No natural da linha vejo quatro velas 2x
Marinha ao sul pra Inglaterra 2x*

Mestre

*Meu comandante vejo quatro velas 2x
Marinha ao sul para Inglaterra 2x*

Marujada (coro)

Mestre

*Meu general vejo quatro velas 2x
Marinha ao sul para Inglaterra 2x
Marujada (coro)*

E assim o Contra-Mestre se reporta a todos os oficiais da marujada. O discurso muda quando ele se remete ao Piloto.

Mestre.

*Mestre piloto em que praia vamos dar 2x
Olhe lá essa fragata para não se naufragar 2x*

Piloto

*Meu Contra –Mestre eu bem lhe dizia 2x
Chama-se por Deus que o Barco vinha 2x*

Contra – Mestre

Que barco é esse que trafega a barra vento 2x

Marujada (coro)

É vapor Inglês que vem trazer mantimento 2x

Na décima nona carta, de 31 de março de 1823, o Padre comunica que:

Hoje na volta das 2 horas da manhã derão alguns tiros de peça para a parte da malfadada Bahia; as seis horas da tarde entrarão pela Barra de S. Antonio dois vasos de três mastros e um de dois, e neste momento que são sete da noite, vejo iluminada a Cidade, pelo que me persuado ter chegado o socorro dos marotos prestado pelas infames Côrtes de Lisboa favor do quadrúpede Madeira, contra a justa Santa Causa da Independência. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Na vigésima carta, de 18 de abril de 1823, o Vigário alerta sobre a fragilidade da Costa:

É muito perigosa à segurança desta Costa...relativo à reunião dos cinco Portugueses com escravatura no interior desta Costa, o que torna perigosíssima a nossa retaguarda. Todos os dias aparecem novas denúncias, e os receios dos povos crescem ao extremo. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Inúmeras foram as tentativas de portugueses que viviam em Cachoeira, Santo Amaro e São Francisco do Conde de mobilizarem pessoas para atacar a costa de Saubara por terra, nesta carta fica evidente que o padre consegue também antecipar as articulações e desmontá-las.

Na vigésima primeira carta, de 16 de maio de 1823, o Padre Manoel José Gonçalves Pereira faz saber que ao Conselho Interino que:

Em noite do dia 9 do corrente apareceu nesta povoação o Português José Vieira Campos, companheiro do outro José Barbosa, que daqui forão remetidos a V. Exas. por inimigos da Causa do Brasil... Esta aparição comoveu de tal sorte o Povo, que se pegou em armas, e fugindo ele despedi Tropa, a qual o prendeu na manhã do dia 10. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Nesta carta, o padre revela o verdadeiro espírito do povo de Saubara. Muitas são as falas de que não houve batalhas por aqui. Mas, ao dizer “que se pegou em armas” demonstra que elas ocorreram sim, e foi com muito sangue derramado. É nesse pensar que se constrói manifestações populares para que não se perca a memória daqueles que participaram efetivamente desde momento. É o que contam as caretas do mingau, mulheres e homens se juntaram e pegaram em armas de fogo para defender as terras saubarenses. E hoje resistimos em contar todos esses episódios de maneira lúdica, pois assim é mais revelador do quanto se houve lutas e também se comemorou as vitórias.

Na carta de 30 de janeiro de 1823, o padre faz saber ao Conselho Interino sobre “o estado crítico e arriscado em que se acha esta costa por falta de ordem no serviço...” Em resposta a esta carta, o Conselho Interino, num ofício datado de 05/02/1823 diz o comandante de Santo Amaro que “mandasse guarnecer competentemente os pontos de Bom Jesus e Acupe” e pede ao Padre José Gonçalves Pereira que

o conselho espera que V. Mercê cuide da defeza do seu ponto com a vehemencia que mostrou sempre na consolidação da Grande e Augusta Cauza da Independência Nacional, dizendo-lhe que mandasse buscar farinha á Encarnação da que tem vindo de Nazaret e ahi se acha. (Revista Militar Brasileira: Navigator Subsídios para a História Marítima do Brasil. Número 10, Dezembro de 1974).

Mais uma vez há uma explícita preocupação do padre e um descaso do Conselho Interino, que somente ordena a manutenção da guarda dos pontos da Costa sem os devidos apoios para uma guerra. É fica bastante clara a preocupação para que este ponto da costa alimentasse aqueles que, de longe, apenas observava, enquanto o povo ia para o enfrentamento.

O Padre Manoel José Gonçalves Pereira, vigário da Freguesia de São Domingos da Saubara, teve um importante papel nas lutas da Independência da Bahia, merecendo ser nomeado em 30 de junho de 1825 Deão da Sé da Cidade de Salvador. Em Saubara, uma escola que leva seu nome foi construída em sua homenagem.

Outra figura emblemática na história da Independência da Bahia é o Marechal Pierre Labatut, que foi contratado por D. Pedro para o posto de general. Ele trouxe uma vasta experiência de outras lutas. Vem para a Bahia organizar o exército

brasileiro para enfrentar as forças de Madeira de Melo e libertar Salvador. Labatut chegou em Salvador no dia 28 de outubro de 1822, quando a Bahia já se encontrava em guerra. Brasileiros se enfrentavam contra as tropas de Madeira de Melo, principalmente na Costa do Recôncavo. Chegando a Salvador, Labatut vai se instalar no quartel general em Pirajá. Em 29 de outubro de 1822, Labatut assina um manifesto e intima Madeira de Melo a abandonar o Brasil:

a lealdade e a obediência dos bons e leais portugueses evitarão derramar o precioso sangue de irmãos. Que não deveria ser pela força que seria evitada a escravidão que as cortes preparavam para o Brasil, e que não haveria de ser pela força que sua Alteza Real desejava que a tropa sob seu comando se retirasse para Portugal, concluindo que um tiro de fuzil de vossa tropa contra qualquer brasileiro seria o sinal de nossa eterna divisão, fato o que levaria o Brasil nunca mais se unir a Portugal, pelo que o torna responsável, em nome do Príncipe de todo Reino do Brasil (Revista da Bahia, nº 36, de dezembro de 2002. p. 22).

Pirajá era um ponto estratégico de onde era possível impedir o acesso por terra ao recôncavo. Em Pirajá foi onde as lutas tiveram maiores relevâncias, os brasileiros combatiam com os “caçadores” da Bahia. É possível imaginar alguém a gritar...

*Avança, avança caçadores
Do primeiro batalhão
E vamos vencer na Bahia
Com essa nau que é da nação*

*Nem inglesa, nem francesa
Nem a própria pernambucana
Nada disso vencerá
A brasileira baiana*

*Cresce, cresce meus meninos
Para pátria defender
Que o Brasil está jurado
Ô liberdade ou morrer
Música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira*

Foram horas de combate, os lusitanos tinham um exército melhor equipado, porém os brasileiros contavam com um melhor posicionamento. Era difícil atacar morro acima e ainda em meio a uma mata fechada. Foram muito mortos e feridos. A batalha de

Pirajá que aconteceu no dia 8 de novembro de 1822 foi a mais sangrenta registrada na história da independência da Bahia. Um fato curioso cerca esse dia de batalha,

o coronel pernambucano José de Barros Falcão de Lacerda, comandante da 1ª brigada, sentindo-se em desvantagem numa posição-chave e temendo ficar sitiado, ordenou ao cabo Luiz Lopes o toque de 'Retirada'. Por equívoco, ou por rebeldia, o corneteiro Lopes tocou 'Cavalaria Avançar', seguido de "Cavalaria Degolar".(PORTO FILHO, 2015. p. 87).

Não se sabe se realmente esse fato aconteceu, pois há outra versão para a retirada das tropas lusitanas. Particularmente, eu prefiro essa versão, ela me parece mais apropriada para o encorajamento das pessoas que ali se encontravam e nos faz sentir a emoção do momento.

A batalha de Pirajá foi muito importante para a independência da Bahia, porque demonstrou a incapacidade dos portugueses de romper o cerco feito pelos brasileiros para dominar o interior baiano. Para isso acontecer, era necessário mais soldados, mas a fome já se apresentava como um grande problema para os portugueses. Não chegava mais alimentos do interior para Salvador. A guerra agora passava a ser travada pelo mar.

Os brasileiros passam também a ter seus problemas. Labatut enfrenta a resistência da junta de Cachoeira, que não quer mais libertar seus escravizados para servir a causa da independência, e também é descoberta uma fortuna em ouro e prata num engenho da região e seus "donos" não querem usá-lo a favor das lutas pro Independência.

Foram inúmeros os outros momentos de combate, de lutas, a exemplo do que aconteceu na Ilha de Itaparica em janeiro de 1823, quando os itaparicanos expulsaram os portugueses. Maria Felipa, mulher negra, comandava homens e mulheres (negros e indígenas) em uma das últimas batalhas, quando queimaram várias embarcações inimigas. O ataque foi feito a navios portugueses pelo Lord Cochrane em 04 de maio de 1823, sem contar com todas as que já mencionamos da Costa de Saubara.

A guerra foi constante e teve perdas horríveis para os dois lados. A doença matava mais que bala. No exército brasileiro, dos seus 9000 homens, cerca de 1000 estavam doentes, principalmente pelo impaludismo (malaria), muita gente ainda desertava temendo o pesado serviço, a fome, a falta de cuidados. Ao entrarem em

Salvador, em julho de 1823, os soldados estavam com suas roupas aos farrapos e descalços.

Madeira de Melo ficou acuado em Salvador, totalmente sem alimentos, e o primeiro sinal de que estava realmente perdendo a batalha foi quando ele, para economizar alimentos e livrar-se dos doentes, expulsa mais de 10 mil pessoas de Salvador. Isso era 9 de maio de 1823, em 20 de junho, junto com o seu conselho de guerra ele decide abandonar a cidade antes que fosse invadida pelo exército libertador.

O fim da guerra se deu no dia 02 de julho de 1823. Ao amanhecer deste dia, as tropas portuguesas embarcaram em lanchas e navios e deixaram a cidade. Era o sinal para que o exército pacificador ocupasse a cidade. As tropas brasileiras entraram na cidade de Salvador

“em colunas , tendo na vanguarda um grupo de exploradores, seguido pelos batalhões do Imperador, de Pernambuco, da Bahia, dos Periquitos, por uma parte do batalhão dos Henriques e, fechando a marcha pelos negros do batalhão dos libertos” (PORTO FILHO, 2015. p. 97).

Passaram pela lapinha, barbalho e seguiram para o Terreiro de Jesus onde foram dispersos.

Muito parece com o que acontece com o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, antes da saída do grupo para os festejos do dia 04 de agosto: São formados dois cordões/colunas, as pessoas são dispostas em seus lugares, isso acontece de forma bem orgânica, pois durante os ensaios tudo quase que se define. Esquentamos os pandeiros (muitos acendem papéis para aquecer o couro do pandeiro e assim afiná-lo), os pandeiros são suas armas. Observamos as fardas se estão dentro daquilo que esperamos para garantir a qualidade visual do grupo, traçamos todo o itinerário para esse dia e cantamos para que tenhamos uma apresentação com perfeição.

*Puxamos a amarra
Com muita alegria
Para festejar
Hoje neste dia*

*Ô meu São Domingos
Nos queira ajudar
Para no vosso dia
Nós o festejar
Música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira*

Depois de toda essa dinâmica um cordão é levado para fora pelo Comandante e o outro pelo Mestre. Na rua iniciamos nosso percurso, e cantamos como se estivéssemos marchando para Salvador no dia da tomada da cidade.

*Vamos companheiro
Vamos lá chegar
Leva essa bandeira lá em Pirajá*

*Marcha Marujada ao clarear do dia
Vamos dá alívio ao povo da Bahia*

*Ô moça baiana cheguem à janela
Venham vê os marujos que partiu pra guerra*

Música do Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.

O dia 02 de julho ficou conhecido como o Dia da Independência da Bahia, e nos dias de hoje essa data é comemorada e muita gente faz esse percurso para que toda a história seja revivida no imaginário do povo brasileiro baiano. Em alguns anos a Chegança dos Marujos Fragata Brasileira participou desse evento, representando o povo da Costa de Saubara, que muito contribuiu para a vitória brasileira sobre os marotos.

CAPÍTULO V

5- Projetos Desenvolvidos e Ações Sociais.

Conseguimos constituir um núcleo dentro da associação composto por membros do grupo e sócios colaboradores que trabalham na captação de recursos através da concorrência em editais públicos para garantir desenvolvimentos de ações nos mais variados campos (educação, trabalho, cultura, transmissão de conhecimentos, intercâmbios) visando dar uma dinâmica na atuação do grupo fugindo assim do meramente cantar de dança. Toda essa movimentação nos rendeu ganhar cinco prêmios, (Culturas Populares do Estado da Bahia, Culturas Populares do Ministério da Cultura do Brasil, Ponto de Memória, Pontinho de Cultura, Boas Práticas para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial), além de aprovação de outros projetos culturais. Dentre esses projetos, um vem ganhando destaque no cenário nacional: O Encontro de Cheganças e Marujadas do Estado da Bahia. Apresentaremos a seguir trechos dos relatórios das atividades dos encontros visando dar uma dimensão do que significa realizar esse projeto para o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.

5.1- Os Encontros de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia.

Os encontros realizados na cidade de Saubara surgiram a partir do acúmulo de experiências que tive no período (2005 a 2010) quando coordenei a Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia- ASSEBA⁵⁸, e depois quando na coordenação diversos projetos que tinha ligação com a própria associação. Os projetos desenvolvidos na ASSEBA tinham como alguns de seus objetivos: “salvaguardar o saber dos praticantes mais idosos do Samba de Roda, contribuir para sua transmissão às novas gerações e contribuir para o processo de auto-organização dos sambadores do Recôncavo”. (DOSSIÊ IPHAN 4, p. 85). A partir desses objetivos, inúmeras ações foram desenvolvidas e uma das ações que avalio como mais valiosa e que teve um retorno bastante interessante era justamente as reuniões e encontro com os Sambadores e Sambadeiras das diversas cidades do Recôncavo e de outros territórios de identidade

⁵⁸Instituição responsável pela implementação do Plano de Salvaguarda do Samba de Roda do Recôncavo que foi reconhecido como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

que nunca se tinham encontrado. Para mim foi crucial para o sucesso do desenvolvimento do Plano de Salvaguarda do Samba de Roda, proporcionar ambientes para que essas pessoas pudessem conhecer-se e assim cada um potencializar as suas ações sabendo e reconhecendo-se como detentores e senhores de seus próprios saberes e fazeres. Mesmo atuando de forma intensa com o Samba de Roda, a Marujada me atinge com mais força, o ser marujo sempre esteve mais forte.

A experiência em tratar com as políticas culturais que afloraram no Brasil a partir do ano de 2003, no governo do presidente Lula, me munuiu de conhecimentos que, por sua vez, trouxe para o Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, onde tive a condição de desenvolver projetos dos quais O Encontro de Cheganças e Marujadas do Estado da Bahia, aquele que vem garantindo uma importante articulação com os grupos dessa manifestação.

5.1.1- I Encontro de Cheganças da Bahia

O I Encontro de Cheganças da Bahia, projeto inédito no qual reunimos interessados com o objetivo de discutir a possibilidade de solicitar o reconhecimento das Cheganças e Marujadas como Patrimônio Cultural da Bahia e do Brasil, aconteceu nos **dias 02 e 03 de agosto de 2013** e foi dividido em duas etapas: Roda de Conversa entre Mestres e Mestras das Cheganças e Marujadas que abrilhantaram nosso encontro com riquíssimos relatos sobre os seus grupos e o desfile dos grupos pelas principais ruas da cidade.

Fizeram parte da Mesa de Conversa: José Roberto, mestre da Marujada de Cairu, Elizabete, mestra da Chegança Feminina de Arembepe, José Carlos mestre da Marujada de Jacobina, Mestre Deco, da Chegança de Taperoá, Adilson, mestre da Chegança de Caravelas, Robson e Raimundo, mestres da Chegança de Mouros de Arembepe, Sr. Djalma, mestre da Chegança Barca Nova, D. Tânia e D. Aurelita, mestras da Chegança Feminina de Saubara, D. Jelita madrinha da Chegança Fragata Brasileira, Sr. Pedro, mestre da Chegança Fragata Brasileira, além das presenças dos pesquisadores Ralph Wader, que possui registros antigos através de fotos e vídeos de marujadas, e Josias Pires, produtor do vídeo “Bahia Singular e Plural” que relata a importância das cheganças e marujadas no contexto cultural para a Bahia e o Brasil, e também de representantes do IPHAN, UFBA, UNEB, FUNCEB, CCPI, CONEM,

Prefeitura e Secretaria de Cultura de Cairu, SEMPROMI e outros. Todos contaram um pouco de suas histórias e suas contribuições para a conservação dessa manifestação.

O evento ocorreu com muita emoção para todos os presentes, finalizando com o apoio de todos, para a partir dali criar um documento pedindo ao IPAC que reconhecesse essa manifestação como Patrimônio Imaterial da Bahia, para que a mesma seja salvaguardada para as novas gerações. A troca de saberes entre esses mestres proporcionou aos participantes um amplo conhecimento dessa manifestação cultural.

No **I Encontro de Cheganças da Bahia** não faltou emoção e entusiasmo aos participantes e a comunidade de Saubara. O evento conseguiu mobilizar ilustres mestres e mestras de Cheganças de diferentes regiões da Bahia, assim como intelectuais, artistas, gestores públicos, admiradores da cultura popular, crianças, jovens, adultos e 3ª idade, um público bastante diversificado que se encantou com a beleza do evento. Oito grupos das cidades de Saubara, Taperoá, Cairu, Jacobina e Camaçari participaram desta primeira edição do Encontro.

5.1.2- II Encontro de Cheganças da Bahia

O II Encontro de Cheganças da Bahia, realizado em Saubara pela Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, foi mais uma vez um marco para a Cultura Popular.

Os dias 01 e 02 de agosto de 2014 foram marcados pelo encontro de chegançeiros da Bahia, que novamente se juntam a fim de celebrar e fortalecer a iniciativa da Associação, de buscar oficialmente o registro das Cheganças como Patrimônio da Bahia. O evento, que promove momentos de interação e troca de experiências entre as cheganças, trouxe a Saubara mais uma vez a sensação de pertencimento da Cultura Popular.

O encontro teve duas distintas etapas, na primeira etapa falamos sobre registros, e ouvimos outras experiências de outras manifestações. A troca de saberes aconteceu com o intuito de instrumentalizar os chegançeiros para entender melhor os caminhos para a patrimonialização. Estavam presentes representantes da cidade de Camaçari, Cairu, Jacobina e Taperoá além de representantes dos grupos locais. Contamos com a presença do Senhor Américo Córdula, secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, Arany Santana, diretora do Centro de Culturas Populares e

Identitárias do Estado da Bahia, Antonio Roberto Pelegrino, gerente de Patrimônio Imaterial do IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia), Regane Nobrega, representante da Fundação Palmares, José Ronaldo Menezes, representante da Chegança de Laranjeira – Sergipe e representante do Colegiado Nacional de Culturas Populares, Luiz Henrique Santos Oliveira Sena, representante da Regional Bahia Sergipe do Ministério da Cultura e ainda representantes das prefeituras de Jacobina e de Saubara, além da comunidade em geral. Nesta roda de conversa, falamos da importância da manutenção do apoio aos grupos tradicionais e também sobre a possibilidade do registro para reconhecimento das Cheganças/Marujadas como Patrimônio Cultural da Bahia.

A segunda etapa ficou por conta das Cheganças, que desfilaram pelas ruas de Saubara, enchendo a comunidade de orgulho e felicidade por estar contribuindo para fortalecer e unir a cultura das Cheganças da Bahia. O evento contou com a participação dos grupos das cidades de Saubara, Taperoá, Jacobina e Camaçari. A comunidade acompanhou tudo de perto e aplaudiu com satisfação todos os grupos que ajudaram a abrilhantar o II Encontro de Chegança da Bahia.

5.1.3- III Encontro de Cheganças da Bahia

Apoiado através do Edital de Culturas Populares versão padrão, o III Encontro de Cheganças da Bahia – III ECB aconteceu nos dias 7 e 8 de agosto do ano de 2015, na cidade de Saubara/Bahia. O evento em sua terceira edição mais uma vez celebra a cultura popular trazendo as Cheganças/Marujadas para a cena cultural do Estado da Bahia.

Nesta 3ª edição o evento trouxe para a comunidade de Saubara 12 grupos distintos de Cheganças e Marujadas que se espalharam pelas ruas de Saubara formando um cortejo jamais visto na história das marujadas.

A Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira buscou incansavelmente reunir os mais variados grupos de Chegança, e conseguiu trazer para o encontro os grupos de Jacobina, Cairu, Camaçari, Taperoá, Caravelas, Remanso e Andaraí. Contou ainda com a participação dos quatro grupos de Saubara, a Chegança Mirim foi a sensação do encontro. Com esse movimento, busca-se continuar incentivando a permanência da tradição das Cheganças na Bahia. Três momentos marcaram a realização deste evento: primeiro foi realizada uma Roda de Conversa –

“Os mestres Cheganceiros da Bahia”, seguida da exibição do documentário “Cheganças de Mouros, Bahia singular e Plural”, com representantes de todos os grupos convidados. Uma segunda Roda de Conversa com os mestres das Cheganças e o Estado, dedicada para uma explanação sobre o andamento do Processo de Registro das Cheganças no Livro do Registro Especial das expressões Lúdicas e Artísticas. Foi o instante onde os Mestres discutiram com o Estado a situação da cultura popular e ouviram atentos o presidente do IPAC, em suas palavras finais, que convoca a sociedade e os colegas representantes de órgãos governamentais para uma grande retomada, um grande levante cultural em reação ao esvaziamento que estamos vivendo no Brasil. "Só a cultura, com toda a produção de sentido própria dela, pode nos ajudar a superar isso". (João Carlos Cruz de Oliveira, 2014). No final deste grande momento foram distribuídos DVD's do Material “Êta Marujada”, produzido no período de 2013/2014.

O terceiro e último momento foi o desfile pelas ruas da cidade. As experiências adquiridas através das realizações dos I e II ECB, permitiu a toda equipe envolvida, um amadurecimento em lidar com as novas dificuldades, que não foram muitas nem significativas, devido à competência e comprometimento dos envolvidos.

5.1.4 - IV Encontro de Cheganças da Bahia

Realizado nos dias 4, 6 e 7 de agosto do ano de 2016, na cidade de Saubara/Bahia o IV Encontro de Cheganças da Bahia, mais uma vez celebra a cultura popular trazendo as Cheganças/Marujadas para a cena cultural do Estado da Bahia. Este ano com muitas dificuldades para sua realização plena, adotamos um formato que nos permitiu manter em atividade a rede de Chegança da Bahia seguindo o objetivo, que é o Registro no Livro Especial das Expressões Lúdicas e Artísticas do IPAC.

Recebemos o grupo de Chegança Feminina de Arembepe, e alguns representantes da Chegança Masculina, que juntamente com os quatro grupos de Saubara, (Chegança Mirim Fragata Brasileira, Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, Chegança de Mouros Barca Nova, Chegança de Mouros Barca Nova Feminina) desfilaram pelas principais ruas da cidade, levando o brilhantismo, a alegria e o encantamento das marujadas para toda a comunidade e visitantes, que aplaudiram de pé a passagem dos grupos.

O evento contou com uma programação de três dias, iniciando no 04 de agosto, data em que é comemorado o aniversário da Chegança Fragata Brasileira e dia do padroeiro da cidade, São Domingos de Gusmão. O grupo, como de costume nos últimos 38 anos de reativação, dirigiu-se à Igreja Matriz, para prestar reverência ao santo pelos “livramentos ocorridos nas lutas dentro da embarcação”. Como diz a música “Vamos fazer reverência, vamos fa... fazer a reverência...” os marujos marcaram o dia com uma linda apresentação. Um momento de diálogo com os representantes dos grupos visitantes serviu para afinar a relação que vem sendo criada desde o I Encontro em 2013. Falamos da possibilidade de uma pesquisa com os grupos de chegança da Bahia, falamos também sobre a fase em que se encontra o pedido de registro e sobre uma possível ação a ser realizada em novembro na comunidade de Arembepe. Esse dia 06 de agosto ainda foi abrilhantado pelo cortejo dos grupos pelas ruas, reafirmando a importância da cultura popular e mostrando a todo o público a beleza das Cheganças da Bahia. No dia 07 a festa foi por conta da Chegança de Mouros Barca Nova Feminina, que seguiu para a Igreja Matriz nos festejos de São Dominginhos para prestar reverência e logo após percorreu algumas ruas da cidade.

O desfile se concretizou com o apoio do IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural) e com a colaboração dos Grupos de Chegança de Arembepe (Camaçari-BA) e os grupos locais que se responsabilizaram com a ASCMAFB com a realização das atividades.

Ainda com todas as dificuldades, conseguimos marcar a data no cenário cultural, trazendo as Cheganças e Marujadas como importantes referências culturais da Bahia. A Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira buscou incansavelmente por condições da realização plena do evento, porém, devido às dificuldades só conseguimos reunir os grupos de Chegança locais e o de Camaçari (geograficamente mais próximo). O movimento busca continuar incentivando a permanência da tradição das Cheganças na Bahia. As experiências adquiridas através das realizações dos I, II e III ECB permitiu a conclusão de forma significativa e criou novas expectativas para o próximo ano. Importante salientar que essa rede de cheganças da Bahia é constituída por 21 grupos, mas devido à falta de recurso suficiente para uma maior participação, este encontro teve um formato bastante reduzido. Ter conseguindo realizar o IV Encontro gerou ainda mais forças para iniciarmos os trabalhos que garantirão a realização do V Encontro com a presença de mais grupos.

5.1.5- V Encontro de Cheganças da Bahia

O V Encontro de Cheganças da Bahia aconteceu nos dias 4 e 5 de agosto de 2017. Como programado, as atividades iniciaram com a louvação ao padroeiro de Saubara, na Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão, após a louvação, o grupo desceu a ladeira da Igreja, e percorreu algumas ruas da cidade, demonstrando todo o gozo e entusiasmo dos marujos. No dia 05, realizamos uma mesa redonda discorrendo sobre o registro das Marujadas como patrimônio imaterial. Nesta oportunidade tivemos uma importante participação da comunidade na escrita de uma carta que cobrava dos órgãos competentes uma maior celeridade com o processo do registro. O desfile e apresentação dos cheganceiros ficaram por conta dos grupos das cidades de Andaraí, Cairu, Camaçari, Jacobina, Paratinga, Remanso, Taperoá, Saubara e Lençóis.

5.1.6- VI Encontro de Chegança da Bahia

Como programado, as atividades do VI Encontro de Cheganças da Bahia iniciou-se as 04 horas da manhã do dia 04 de agosto de 2018, excepcionalmente este ano foi realizado o Bando anunciador e Alvorada, uma dupla homenagem feita ao santo padroeiro da cidade de Saubara, São Domingos de Gusmão, e ao Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, que nesta data completou 40 anos de sua reorganização. Juntamos os membros do grupo na sede, situada à Rua Boca da Mata, 05, Saubara-Bahia, e seguimos em direção à Igreja cantando e tocando, anunciando as atividades vindouras. Na igreja, participamos da alvorada (queima de fogos), depois retornamos para a sede, onde foi servido um grande café da manhã. Logo às 6 horas e 30 minutos recebemos a Marujada da cidade de Paratinga. Após o café, todos retornaram às suas casas e às 9 horas estávamos todos novamente de volta, dessa vez já com as roupas oficiais do grupo, e às 10 horas seguimos novamente para a igreja, onde às 11 horas fizemos a nossa apresentação dentro da missa de São Domingos. Logo depois da participação na missa, como é de costume, percorremos algumas ruas da cidade a convite de munícipes para visitar suas casas. Durante o ano de 2017 e 2018, mais um membro foi incorporado ao grupo, o senhor Edemir Beijamin dos Santos e como uma espécie de oficialização desse novo membro, fizemos a tradicional visita à sua casa,

onde este ofereceu uma refeição para todo o grupo. Todo o trabalho realizado vem sendo importante e ter novas pessoas querendo participar nos sinaliza um navegar por águas tranquilas. Nesse mesmo dia, pela manhã, recebemos as lideranças das cidades de Andaraí, Alcobaça, Prado, Caravelas e Barra e também os representantes da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, a Senhora Marta Rita de A. Mendes e o Senhor Juliano A. Campos, que acompanharam toda a atividade.

Ainda neste dia 4, às 18 horas, realizamos a reunião aberta comunidade em geral e representantes dos grupos de cheganças da Bahia, além daqueles que chegaram pela manhã juntaram-se a nós as lideranças das cidades de Sítio do Mato, Paratinga, Arembepe, Taperoá, Jacobina, Lençóis e Remanso. Essa reunião teve como objetivo socializar com os presentes todo o processo ocorrido durante o final de 2017 e o primeiro semestre de 2018, em relação à construção do inventário dos grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia. Contamos com a presença do presidente do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, o Senhor Emilio Tapioca e também da Conselheira Sueli Melo, relatora na Câmara Técnica de Patrimônio do Conselho do Processo de Registro das Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia.

Foram apresentados os resultados parciais dos trabalhos sobre o inventário dos grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia. Foram visitadas 16 comunidades, onde foram encontrados 21 grupos em atividade. Através de diversos contatos, foram levantadas informações que em outras 32 comunidades já existiram grupos dessa manifestação, mas, que por motivos diversos esses grupos foram desarticulados. Foi também ressaltada a importância da participação dos conselheiros de cultura do Estado nesta reunião. Foi uma excelente oportunidade para falarmos sobre o ser um bem patrimonializado, sobre as responsabilidades de se tornar um bem reconhecido como patrimônio.

Um tema relevante nesta conversa foi sobre o prazer que se tem em fazer parte dessa manifestação, algo que se coloca muito maior que o simples fato de ser patrimonializado.

Se não partir de uma motivação pessoal, de um amor pessoal, uma fé, de algo que está dentro lá do coração da pessoa, e o nosso papel aqui e despertar isso. Porque não adianta muita coisa, a gente mostrar o externo e interno não florescer. Eu acredito que uma busca pela essência de cada Chegança, pela essência de cada Movimento lá no seu lugar vai fazer com que, dentre aqui floresça e a gente consiga

cobrar com, com, com..com amor, mesmo”! Romário liderança de Alcobaça.

Este sentimento expresso por Romário traduz um pensar comum entre nós representantes dos grupos, revela a nossa responsabilidade em manter existindo as Cheganças, Marujadas e Embaixadas.

Esta reunião serviu também para contribuir na elaboração do parecer do Conselho de Cultura do Estado. Foram apresentadas inúmeras sugestões para ações de salvaguarda dentre elas podemos destacar: a formação para os agentes culturais envolvidos com essas manifestações; uma aproximação mais intensa do estado com os municípios onde elas acontecem; que a partir do reconhecimento o estado notifique esses municípios sugerindo um maior apoio; que sejam incorporadas ações nos calendários locais das comunidades onde existe esta manifestação; que as escolas possam cada vez mais aproximarem-se desses mestres; que seja construída uma agenda entre o IPAC e os cheganceiros para a reestruturação dos diversos grupos que deixaram de existir; que o fomento do estado seja permanente para as ações.

No segundo dia da programação, foi realizada a segunda reunião, que contou com as presenças das lideranças dos grupos das cidades de Andaraí, Alcobaça, Prado, Caravelas, Sítio do Mato, Paratinga, Arembepe, Taperoá, Jacobina, Lençóis, Saubara, Curaçá, Remanso e Barra, além dirigentes municipais de cultura, produtores culturais, professores, pesquisadores, representantes do Conselho Estadual de Cultura, Representantes da Secretaria Estadual de Cultura e a comunidade em geral. Foi o momento de ouvir os órgãos do governo estadual expressarem sobre o processo do Registro. Ficamos sabendo que o dossiê já estava no conselho de cultura aguardando o parecer da relatora e depois seria votado para assim seguir os trâmites processuais. Várias foram as indagações feitas pelos representantes dos grupos e todas as questões foram devidamente respondidas pelos representantes do governo.

Na tarde deste mesmo dia, aconteceu o desfile dos grupos presentes foram eles: Marujada de Jacobina, Remanso, Andaraí, Lençóis, Paratinga e de Curaçá, Cheganças de Mouros Femininas de Arembepe e de Saubara, Cheganças de Mouros Masculinas de Saubara, Arembepe, Taperoá, Cheganças de Marujos de Saubara e Cairu. Contamos também com uma pequena demonstração das embaixadas de Alcobaça. Ao todo foram quatorze representações. O momento das apresentações é aguardado pela

comunidade, que se concentra para apreciar acomodadamente cada grupo. São crianças, jovens, adultos, idosos um público variado na idade, no sexo e na condição social.

Realizar um evento como esse traz consigo alguns desafios e dificuldades. Os recursos não são suficientes para todas as demandas envolvidas na produção e a falta de apoio e a forma com que algumas prefeituras apóiam os grupos, a disposição geográfica onde os grupos se encontram também se apresenta como algo desafiador para conseguir juntar essas pessoas. Assim como os desafios e dificuldades se apresentam, aparecem também as satisfações em produzir tal evento.

O Encontro de Cheganças do Estado da Bahia é um projeto que vem crescendo a cada ano que se realiza o encontro, é um projeto audacioso pra que essa manifestação seja reconhecida pelo IPAC. Como patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Pra realizar um evento desse porte pra que ele possa virar fonte de pesquisas pra várias instituições da gama cultural não é fácil, temos inúmeras dificuldades como, apoios financeiros, colaborações de agentes culturais etc. Mas a cada ano o Encontro de Cheganças está ganhando visibilidade e gamas maiores. Isso é um grande sinal de que estamos no caminho certo, "Vamos remando que para vencer" a equipe formada pelo nosso mestre "Rosildo Rosário" são pessoas engajadas em fazer o outro mergulhar dentro de você mesmo e que possa descobrir o brilho que foram os "seus" em fazer da sociedade uma sociedade melhor. VI Encontro foi o reencontro dos encontros, foi lindo rever vários amigos que ama caminhar com nós mesmo de longe, caminhada longa mas que iremos vencer. Logo estaremos no caderno que desde sempre era pra estarmos.

Esse é um depoimento de um agente cultural que participa efetivamente na produção do encontro e ainda é membro da Marujada de Saubara. Vando das Mercês de forma crítica aponta não somente as dificuldades, mas de forma mais feliz revela o sentimento que é da comunidade inteira, a satisfação de ver o seu fazer sendo reconhecido.

O Encontro de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia foi o alicerce estrutural para que no último dia 11 de fevereiro de 2019 esses grupos fossem reconhecidos pelo estado da Bahia como Patrimônio Imaterial. Um esforço coletivo oriundo de uma iniciativa que visar perpetuar a manifestação usando as mais diferentes possibilidades.

A execução de projetos como esse também colabora com a manutenção do grupo, a capacidade de gerenciar bem essas iniciativas faz com que cada vez mais os membros do grupo e a comunidade também colaborem para que possamos manter em pleno funcionamento o espaço.

5.1.7 - VII Encontro de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia.

Nos dias 02, 03 e 04 de agosto de 2019, Saubara, cidade do recôncavo da Bahia foi sede da maior festa de Cheganças, Marujadas e Embaixadas do mundo. O encontro, que reuniu 16 grupos dessa manifestação, teve o objetivo de, além de promover demonstrações artísticas dos grupos através de apresentações públicas, aproximar os mestres da cultura popular, especificamente das Marujadas, Embaixadas e Cheganças, assim como divulgar a existência de diversos grupos, tornando possível o resgate, a valorização e o reconhecimento aos grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia.

Realizado pela Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, o evento contou com a participação de 14 grupos de várias localidades da Bahia e de 2 grupos de outros estados. O evento é uma grande celebração cultural, com desfile, debates e exibição de documentário. Em um momento especial para os grupos, esse ano o encontro celebrou também o reconhecimento das Cheganças, Marujadas e Embaixadas como Patrimônio Cultural Imaterial da Bahia, concedido pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC).

No dia 2, a partir das 18 horas, aconteceu a reunião da Rede de Cheganças da Bahia e comunidade em geral. O mestre Rosildo do Rosário, coordenador do Projeto, fez o acolhimento, dando boas vindas a todos, saudando os mestre e mestras presentes. Depois das boas vindas, o mesmo faz umas ressalvas sobre o desenvolvimento das atividades que aconteceram em 2018, quando foram registrados os grupos ativos e inativos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia. Esse registro foi feito a partir da construção do dossiê Etno-histórico, que tem como objetivo contribuir para o registro dos grupos no livro Especial das celebrações e também a captação audiovisual dos grupos numa perspectiva de fortalecimento da rede e da Patrimonialização. Após apresentações e saudações, foi feita de forma inédita a apresentação do documentário, resultado audiovisual da pesquisa etno-histórica dos Grupos de Cheganças, Marujadas e

Embaixadas da Bahia. Em seguida, Gustavo Castro falou sobre a satisfação de ter sido responsável em registrar e editar as imagens que resultaram no documentário. Seguindo a programação, foram convidadas as lideranças ou representações dos grupos de Sergipe e Alagoas, as representantes do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC e a representante do poder público local, a secretária de Reparação Racial Maria de Lourdes, para traçar suas narrativas com trabalhos na cultura popular. Giselda, liderança de Sergipe, fala que acompanha desde 2013 toda a movimentação feita na Bahia e vem com o grupo para participar do evento com dois objetivos: participar efetivamente das atividades e entender como aconteceu na Bahia o registro dos grupos e tentar no seu estado buscar o reconhecimento para os grupos lá existente. Nesse mesmo pensar, Edson, liderança de Alagoas, aborda sobre a importância de estar em Saubara para adquirir experiência e tentar no seu estado o mesmo reconhecimento obtido com os grupos da Bahia.

Após as falas das lideranças e representações, Rosildo do Rosário conta como foi o processo de desenvolvimento dos Encontros, onde inclusive, começou com Encontro de Cheganças, depois de Cheganças e Marujadas e atualmente, Encontro de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia. A redatora do parecer, Suely Melo, é convidada a fazer uma fala do proceder burocrático de um registro de patrimonialização. Em seguida, Rosildo do Rosário discute sobre a importância da patrimonialização dos grupos e de como, a partir da institucionalização do registro, pensar como deverá ser o posicionamento político. Além disso, todo esse processo teve uma extrema relevância no fortalecimento da rede de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia e no encontro com grupos de fora do estado.

No dia 03 de agosto, o evento teve dois momentos: às 09h00 reuniram-se as lideranças dos grupos (importante registrar que apenas dois dos vinte grupos da rede não tinham representação nesta reunião), esta etapa, por sua vez, foi dividida em três momentos. Primeiro fez-se uma mesa com o tema: “O que é Patrimonialização e para que serve?” que contou com as representações institucionais, secretários e/ou diretores de cultura das cidades de Saubara, Curaçá, Taperoá, Prado, Cairu, Vice-prefeito de Saubara, presidenta do Conselho Estadual de Cultura e representantes do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia- IPAC. Neste momento, todos os que compuseram a mesa fizeram seus pronunciamentos, que tiveram como principal direcionamento os agradecimentos por estarem presentes no evento e felicitações pela

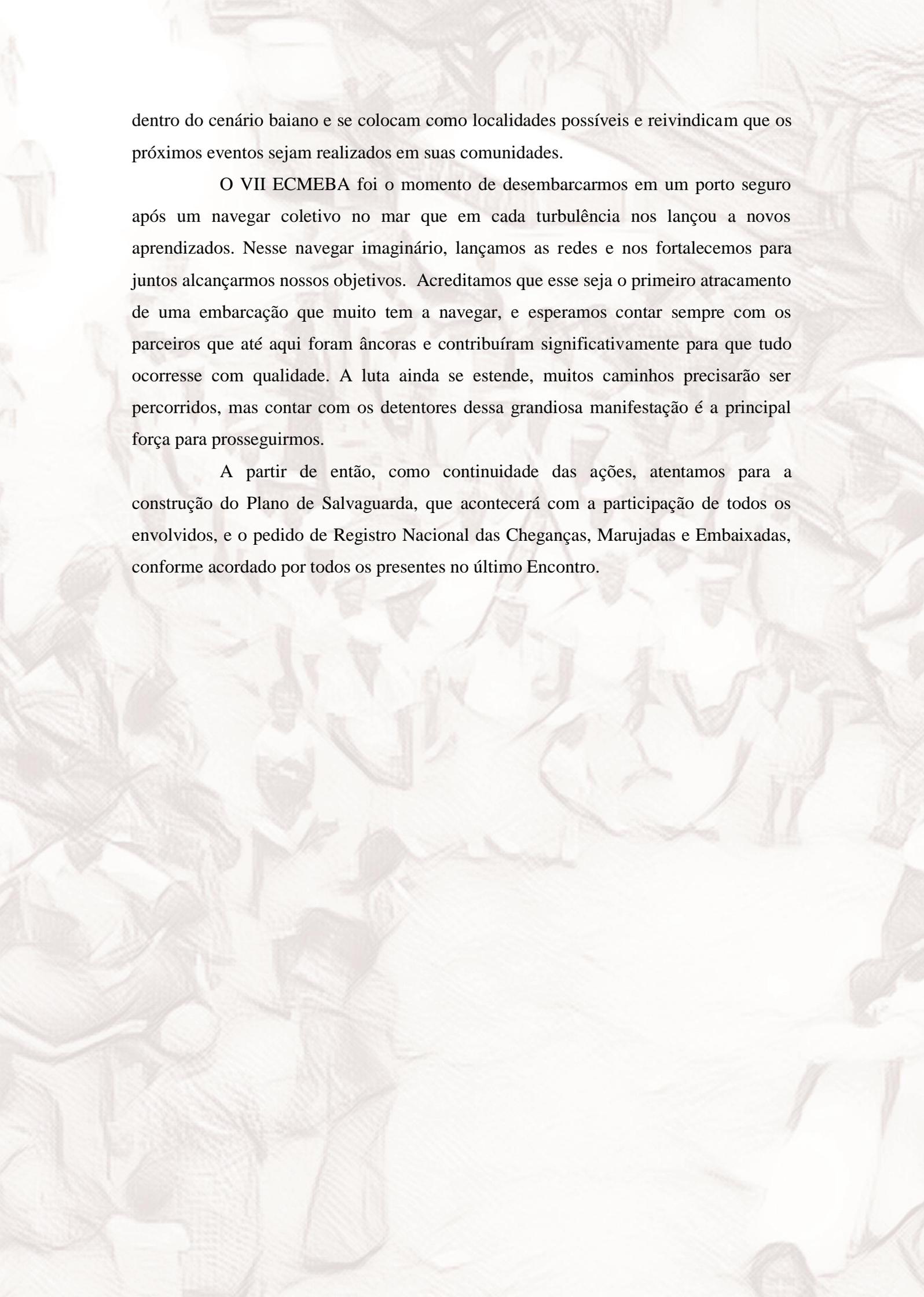
realização do evento. O Senhor Roberto Pelegrino, diretor de Patrimônio do IPAC, teve a responsabilidade de falar sobre o tema proposto e ressaltou a importância do Registro Especial para os grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia. Isso devido à contribuição que estes grupos têm oferecido para a compreensão e fortalecimento da identidade do estado da Bahia. Falou também de como se deu todo o processo, que teve o protagonismo das pessoas que de fato participam dos grupos. Em sua fala, Roberto aponta para a necessidade de todos os envolvidos perceberem quais são suas responsabilidades para que tenhamos grupos fortalecidos e ativos em todo o território do estado, e que para o Instituto foi de grande importância que tudo tenha acontecido da forma como se deu este reconhecimento. O empenho dos próprios atores, ressaltou o papel da Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira sob a liderança de Rosildo do Rosário que conduziu com paciência e sabedoria, sabendo aguardar sem atropelar as etapas de um processo demorado como é o de registro de um Patrimônio Imaterial. Por fim, falou que esta é apenas uma importante etapa cumprida, mas que a partir daquele momento precisamos buscar esforços para criar um plano de salvaguarda sólido com propostas viáveis que envolvam o maior número possível de agentes. Encerrando-se as falas, a primeira mesa foi desfeita e uma nova mesa foi composta, dessa vez com as lideranças dos grupos onde estavam presentes 18 pessoas, representando seus referidos grupos. Estavam representados os grupos Cheganças dos Marujos Fragata Brasileira de Saubara, Chegança de Mouros Feminina de Saubara, Chegança de Mouros de Taperoá, Chegança de Mouros de Arembepe, Chegança Feminina de Arembepe, Chegança de Cairu, Marujada de Andaraí, Marujada de Lençóis, Marujada do Remanso, Marujada de Jacobina, Marujada de Paratinga, Marujada de Curaçá, Marujada de Prado, Marujada de Mangal, Marujada de Alcobaça, Embaixadas de Caravelas, Embaixada de Alcobaça e Embaixada de Prado. Falamos sobre o decreto assinado pelo governador que reconhece os grupos como Patrimônio Imaterial do Estado da Bahia. Foi salientado que este reconhecimento acontece num momento em que o país passa por um momento de desmonte das conquistas sociais de muita luta por parte da sociedade civil e que a Bahia, a partir de ações como esta, mantém uma postura de valorização dos bens culturais existente no estado. Em seguida, cada mestre/responsável pelos grupos foram convidados a receber o certificado de Patrimonialização, após receber o certificado cada um usou um tempo para falar de seus sentimentos em participar daquele ato. A entrega dos certificados foi feita pelos representantes do IPAC, CEC. Posterior à entrega dos certificados, algumas

deliberações foram apresentadas pela assembléia: todos concordaram que fosse encaminhado ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN o Pedido de Registro Nacional dos Grupos de Cheganças, Marujadas e Embaixadas, uma demanda também reforçada pelos grupos de Alagoas e Sergipe presentes, e, ainda, que fosse criada uma agenda para a construção do Plano de Salvaguarda para os grupos da Bahia. Demandas que ficaram sob a responsabilidade da Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira para encaminhamentos. Na oportunidade, foi entregue para os representantes dos grupos de Alagoas e Sergipe um certificado de participação do VII ECMEBA. Logo em seguida, todos os presentes foram convidados a assinar o livro Especial de Registro. O terceiro momento desse dia foi o encontro propriamente dito, quando os 16 grupos presentes (Cheganças dos Marujos Fragata Brasileira de Saubara, Chegança de Mouros Feminina de Saubara, Chegança de Mouros de Taperoá, Chegança de Mouros de Arembepe, Chegança Feminina de Arembepe, Chegança de Cairu, Marujada de Andaraí, Marujada de Lençóis, Marujada do Remanso, Marujada de Paratinga, Marujada de Curaçá, Embaixadas de Caravelas, Embaixada de Alcobaça e Embaixada de Prado, Chegança de Itabaina Sergipe e Chegança de Pão de Açúcar Alagoas) encontraram-se no bairro da Rocinha e seguiram num cortejo que durou uma hora e meia, findando no espaço de eventos do município de Saubara vale a pena aqui ressaltar que houve uma mudança da proposta original para esta etapa, devido à logística de montagem de som, palco e iluminação que foi a contribuição da prefeitura local. Neste mesmo dia aconteceu a festa da cidade em louvor ao santo padroeiro e nos foi oferecida toda a estrutura já montada para os festejos. Aproveito e relato também que os grupos Marujada de Jacobina e Marujada da Chegança de Bom Jesus da Lapa, inscritos originalmente no projeto, não conseguiram chegar para o evento, foram substituídos pelos grupos de Alcobaça e Prado, e ainda tivemos um aumento de participação com os grupos de Sergipe e Alagoas. Isso garantiu que o evento fosse executado sem prejuízo numérico, e com o mesmo brilho proposto, onde cada grupo teve um tempo de 10 minutos para fazer uma apresentação no palco montado exclusivamente para esse fim. Após todas as apresentações, que terminaram exatamente às 19 horas, os grupos foram encaminhados para o local da refeição. Alguns grupos viajaram para suas cidades de origem nesse mesmo dia e outros pernoveram e viajaram na manhã do dia seguinte.

No dia 04 de agosto, a última atividade do encontro fica por conta da participação dos Grupos Chegança dos Marujos Fragata Brasileira e Chegança Feminina

Barca Nova ambos de Saubara, na Missa em Louvor ao padroeiro da cidade São Domingos de Gusmão, ato que se repete por mais de cem anos na comunidade. O grupo feminino reuniu-se na igreja e logo após a missa cantaram a reverência. O Grupo Chegança dos Marujos Fragata Brasileira reuniu-se às 9 horas da manhã na sede e às 10 horas partiram, como sempre, cantando e dançando pelas ruas da cidade até chegar à igreja por volta das 11 horas, onde aguardaram a missa e no final fizeram a louvação ao padroeiro, momento que é esperado por toda a comunidade todos os anos. E como é tradição, após a missa o grupo visita algumas casas na cidade, são residências de ex membros ou familiares de membros que nos convidam para, em suas portas, fazer apresentações. Nesse momento eles oferecem almoço e outros petiscos ao grupo. O dia 04 de agosto é o momento onde acontece a verdadeira interação entre o grupo e a própria comunidade. Este ato de percorrer as ruas, visitar pessoas configura-se como o elo entre as pessoas que se sentem tocadas e representadas pela manifestação. Para nós, membros participantes, a sensação é de que tudo que nós fazemos é muito mais profundo do que amplo.

O VII Encontro de Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia revela-se como um interessante ato cultural que a cada ano fortalece o território do Recôncavo como o mais importante pólo cultural do Estado da Bahia. Para nós de Saubara, assegurar a realização desse evento no território e em nossa cidade é possibilitar que cada vez mais tenhamos uma comunidade detentora de saberes e fazeres tradicionais capazes de contribuir efetivamente para a construção da identidade e da memória coletiva da cidade. Realizar esta atividade em Saubara é, para todos nós da Associação Chegança Fragata Brasileira, motivo de orgulho, satisfação e alegria. Ter a capacidade de reunir diversas pessoas vindas dos mais variados cantos da Bahia e do Brasil demonstra a capacidade mobilizadora que possuímos. Transformar a tarde do dia 3 de agosto num momento onde famílias apreciadoras da cultura tradicional foram às ruas para acompanhar este encontro revela a necessidade de cada vez mais pensarmos num público diverso. São famílias inteiras que preferem uma programação regional, tradicional. Saubara é o cenário perfeito para cultivar esse público. Mesmo com a certeza de que Saubara é o cenário interessante para a realização deste evento temos a consciência coletiva que aponta para a necessidade da descentralização, e outras comunidades como Curaçá, Paratinga, Cairu, Prado, Andaraí, Lençóis, Remanso-Lençóis, Arembepe-Camaçari, Caravelas, Alcobaça já entenderam a sua importância



dentro do cenário baiano e se colocam como localidades possíveis e reivindicam que os próximos eventos sejam realizados em suas comunidades.

O VII ECMEBA foi o momento de desembarcarmos em um porto seguro após um navegar coletivo no mar que em cada turbulência nos lançou a novos aprendizados. Nesse navegar imaginário, lançamos as redes e nos fortalecemos para juntos alcançarmos nossos objetivos. Acreditamos que esse seja o primeiro atracamento de uma embarcação que muito tem a navegar, e esperamos contar sempre com os parceiros que até aqui foram âncoras e contribuiram significativamente para que tudo ocorresse com qualidade. A luta ainda se estende, muitos caminhos precisarão ser percorridos, mas contar com os detentores dessa grandiosa manifestação é a principal força para prosseguirmos.

A partir de então, como continuidade das ações, atentamos para a construção do Plano de Salvaguarda, que acontecerá com a participação de todos os envolvidos, e o pedido de Registro Nacional das Cheganças, Marujadas e Embaixadas, conforme acordado por todos os presentes no último Encontro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar como o grupo Cultural Chegança dos Marujos Fragata Brasileira resiste ao tempo por meio da oralidade e como tem atuado na formação da identidade das pessoas que vivem em torno do grupo e da comunidade de modo geral, realizar um levantamento das letras das canções do grupo e fazer uma análise de como estas podem contribuir para que a escola formal possa utilizá-las dentro do ambiente escolar e investigar como o conceito de patrimônio cultural pode contribuir para que as pessoas envolvidas nas mais diversas manifestações culturais possam cada dia mais reconhecer-se como agentes protagonistas do processo de formação de sua própria identidade foram os objetivos que nos motivou a ingressar no Mestrado profissional em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas. Na esperança de encontrar respostas para as indagações feitas inicialmente, recorreremos a outros conceitos (memória, música, religião) que serviram como fios que possibilitaram tecer uma rede de informações proporcionando chegar aos entendimentos que nos trouxe até o final do curso.

A oralidade é o etnométodo aplicado pelas comunidades tradicionais para estabelecer a continuidade dos saberes e fazeres. Ela permite com sua dinâmica que os primeiros contatos entre os indivíduos aconteçam, é o falar e o ouvir que primeiramente se estabelecem, é com essa organicidade que as pessoas constroem e nutrem suas identidades. O estudo que por ora foi feito, orienta a compreensão de que a identidade de cada pessoa é construída a partir das relações que se estabelecem entre seu íntimo e a convivência social. Isso revelou a importância que um grupo cultural tem numa comunidade. A Chegança dos Marujos Fragata Brasileira há muito tempo vem colaborando com suas ações, seus ensinamentos atingem inúmeras pessoas que diretamente são integrantes do grupo e ainda se apresenta como uma manifestação que representa a cidade de Saubara. Mas, apenas é possível que aconteça a transmissão oral por conta da existência da memória coletiva, essa faculdade é o fio condutor que permite que oralidade e memória se complementem. A transmissão feita outrora e ouvidas hoje através de outras vozes é a concretização da permanência dessa manifestação. Sendo a memória o fio transmissor, a corrente que passa por esse fio é a música, pois é esta que embala os corpos e dão movimento, que no caso da Chegança é o movimento da maré, maré que enche e vaza permanentemente indicando que estará sempre presente.

Foi possível mergulhar de maneira mais profunda no mar das canções, estudar seus significados e encontrar diversas relações possíveis com outras práticas. Através das letras das canções foi possível construir um livro que vislumbro colaborar para uma educação que liberta. Estão presentes na musicalidade, na historicidade desse grupo a condição propícia para um fazer pedagógico que considere seus ensinamentos como instrumentos educacionais que possam ser utilizados na escola formal. Com o intuito de colaborar para que as escolas se aproximem cada vez mais das manifestações culturais do município, desse grupo especificamente, e diretamente contribua com a sua salvaguarda, foi criado o livro que leva o mesmo nome desse relatório: “Cheganças e Marujadas: De uma travessia imaginária a um porto seguro”, que traz consigo a narrativa de construção de um saber a partir da história da Chegança Fragata Brasileira. Dividido em três capítulos, o livro primeiro faz uma descrição do grupo, onde e como ele foi constituído, depois apresenta os conceitos e significados das Cheganças, fazendo a distinção entre Chegança de Mouros e Chegança de Marujos, e por último relaciona as canções com o episódio acontecido em 2 de julho de 1823 (Independência da Bahia), que segue acompanhado com algumas sugestões e atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula de qualquer nível, mas, para tanto, precisará contar com a habilidade de cada professora ou professor.

Salvaguardar o patrimônio cultural existente é responsabilidade de todos os indivíduos, mas é preciso também aprender sobre o que é ser patrimônio, é preciso reconhecer-se parte integrante para cada vez mais valorizar e contribuir efetivamente para sua proteção. Nessa linha de pensamento, acredito que uma política de patrimonialização gerenciada de forma eficaz pelo Estado permite que os zeladores das manifestações se encontrem, se reconheçam no fazer do outro e mutuamente construam uma agenda positiva.

As expectativas foram alcançadas, as questões foram respondidas, as respostas não se esgotam, até porque ao apresentar respostas, nesse trabalho, elas apenas provocaram o surgimento de inúmeras outras indagações. É preciso desvendar o universo da religiosidade sincrética por trás da existência das Cheganças, como elas se espalharam pelos mais diversos e longínquos territórios do Brasil, em alguns casos, no mundo. Julgamos extremamente necessário um mapeamento preciso da existência de grupos no Brasil, a catalogação das canções dos grupos, registro de áudio e de imagens, mapear e registrar os ritmos e melodias que os compõe. Tudo isso é mar a se navegar. Existem ilhas, ilhotas, arrecifes, terras para serem conhecidas. As Cheganças e

Marujadas compreendem um oceano de inesgotável fonte de conhecimento, e precisa de marujo para navegar, pois quem é do mar não enjoa.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. **Algazaras nas ruas.** Comemorações da independência da Bahia (1889-1923). Campina: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de. **O Samba de Roda na Gira do Patrimônio.** Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP. 2010.

ALMEIDA, Vanessa P. de. **A Guerra tem rosto de mulher:** as Caretas do Mingau! Narrativas da Independência da Bahia em Saubara. Dissertação de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Centro de Artes, Humanidades e Letras. Cachoeira 2017

ALVARENGA, Oneyda: **Registros Sonoros de Folclore Musical Brasileiro.** Chegança de Marujos. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria de Educação e Cultura Departamento de Cultura. Divisão de Expansão Cultural. Discoteca Pública Municipal. 1955.

ALVES, Rita Dias Pereira e NASCIMENTO, Claudio Orlando Costa do. **Formação cultural: sentidos epistemológicos e políticos – Cruz das Almas.** EDURFB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

ANDRADE, Mário de; **Danças Dramáticas do Brasil.** São Paulo: Editora Martins. Tomo 1, , 1959.

ARAÚJO, Nelson de; **Pequenos Mundos: Um Panorama da Cultura Popular da Bahia.** Tomo I –O Recôncavo. Empresa Gráfica da Bahia, Salvador, 1986.

_____. Bahia Singular e Plural: Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB) . 2003.

BARROS, Judite Santana. Saubara dos cantos, contos e encantos. Feira de Santana: Relomaq gráfica rápida, 2002.

BRANDÃO, Theo; **Artes e Graça do Povo. A Chegança.** Editora Gráfica Caeté LTDA.

CAMÕES, Luis de. **OS LUSÍADAS:** São Paulo. Edições Melhoramento. 1944.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro,** segunda edição A - I. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro-1962.

CASTRO, Chico: A noite das Garrafadas. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

COULON, Alain. **Etnometodologia.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru. EDUSC. 1999.
- DANTAS, Beatriz G. **Chegança: Caderno de Folclore 14**. Rio de Janeiro. 1976.
- DÖRING, katharina. **Cantador de Chula. O Samba Antigo do Recôncavo**. Salvador: Pinaúna. 2016.
- DOSSIÊ IPHAN 4: **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília, DF: Iphan 2006.
- FARIAS, Jarbas. Chegança. Cd Poente: Canções de Jarbas na voz de Maraiza Fernanda. 2015.
- FRAGA, Walter. **Uma história da cultura afro-brasileira: Walter Fraga e Wlamira Albuquerque**. São Paulo: Moderna. 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Coleção polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Cortez. 1989.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas- a teoria na Prática**. Porto Alegre: Artmed. 1995.
- GARCIA, Antonia dos S. **Relações de gênero, raça classe e identidade social no Brasil e na França: Antonia dos Santos Garcia e Afrânio Raul Garcia Jr.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- GOMES, Antonio Osmar; **A Chegança. Contribuição Folclórica do Baixo São Francisco**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica da Noite. 1941.
- GOMES, Laurentino: **Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil- um país que tinha tudo para dá certo**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 11 ed, 2006.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidade e Mediações Culturais**. Editora ufmg. 2009.
- HAMPATÉ BÂ, A. **A Tradição Viva**. In: KI-ZERBO, J. (org) História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: UNESCO, p 162-212, 2010.
- HAMPATÉ BÂ, A. **Amkoullel, o menino fula**. Palas Athena. 3ª edição. São Paulo. 2013.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/saubara/historico>

IPAC. **Meu Patrimônio Minha História:** Cartilha – Educação Patrimonial. Salvador. 2014

IPHAN. **Salvaguarda de Bens Imaterial Registrados Patrimônio Cultural do Brasil.** Série Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. Brasília. 2017.

JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de, NASCIMENTO, Claudio Orlando Costa do Nascimento, **Currículo e Formação: Diversidade e Educação das Relações Étnico-Raciais.** Curitiba: Progressiva, 2010.

JOSSO, Marie-Christine; **Experiência de Vida e Formação.** São Paulo. 2004.

KUBIK, Gerhad. **Pesquisa musical africana dos dois lados do atlântico:** Algumas experiências e reflexões pessoais. Revista USP, São Paulo, n 77, p 97-99, março/maio. 2008.

LOPES, Nei. **Dicionário afro-brasileiro/** Nei Lopes – São Paulo: Selo Negro. 2006.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Heterogeneidade, experiência e currículo:** Contrapontos às déias de base comum nacional e à vontade de exoterodeterminação da formação. Denise de Moura Guerra, Roberto Sidnei Macedo, Claudio Orlando do Nascimento. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n. 03 p.1556 - 1569 out./dez. 2014 ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP: (2014)

MONTEIRO, Tereza. ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical.** Curitiba: IBPEX, 2011.

MORIN, Edigar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo. Cortez. Brasília-DF. Unesco, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares.** Trad. Yara AunKhoury. Revista Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10 p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, D. Martins; **Marujada.** Rio de Janeiro: Editora Record. 1939.

OLIVEIRA, Lúcia Pippi. **Cultura é Patrimônio:** Um guia. Rio de Janeiro. FGV, 2008.

PEREIRA, Helitânia dos Santos. **A festa da Chegada?** Especulações em torno da formação da palavra Chegança. Saubara, 2017.

PRADI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Cia das Letras. 2001.

QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. **O Registro de Bens Culturais Imateriais como Instrumento Constitucional Garantidor de Direitos Culturais.** Revista do IPAC/ Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – Ano 1, nº 1. Salvador: Secretaria de Cultura: IPAC; [Brasília]: IPHAN. 2016.

QUIRINO, Manuel; **A Bahia de Outrora.** Salvador: Editora Progresso. 1955.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **Sincretismo Religioso como Estratégia de Sobrevivência Transnacional e Translacional: Divindades Africanas e Santos Católicos em Tradução.** Universidade Federal do Ceará. 2018.

ROSARIO, Rosildo Moreira do. **Dossiê Etho- Histórico das Cheganças, Marujadas e Embaixadas da Bahia.** Saubara. 2019.

SANTOS, Adalberto; **Tradições Populares Resistências Culturais. Políticas Públicas em Perspectiva Comparada.** Salvador: ADUFBA. 2011.

SANTOS, Joel Rufino. **O dia em que o povo ganhou. Rio de Janeiro.** Civilização Brasileira. 1979.

SANTOS, Boaventura; **A Crítica da Razão Indolente Contra o desperdiço da experiência.** 4ª ed. São Paulo. Editora Cortez. 2002.

SILVA, Angelica Maria: **Chegança dos Mouros – A Barca Nova: Uma Manifestação Cultural Dramática Saubarense.** Uneb. Departamento de Educação I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador- Bahia. 2007.

SILVA, Daniela Barros Pontes e. **Educação na tradição Oral de Matriz Africana: a constituição humana pela transmissão oral de saberes tradicionais – um estudo histórico-cultural/ Daniela Barros Pontes e Silva, Saulo Pequeno Nogueira Florencio, Patricia Lima Martins Pederiva, - 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.**

SILVA, René Marc da Costa: **Cultura Popular e Educação.** Salto para o Futuro. Brasília. 2008.

SILVA, Tadeu Tomaz. **Documentos de Identidade.** Uma Introdução ‘as Teorias do Currículo. Editora Autêntica. 3ª ed. 2010.

SOUZA, Mariana Jantsch, **A memória como matéria prima para uma identidade: Apointamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade.** Revista Graphos, vol. 16, nº 1, 2014 |UFPB|PPGL|ISSN 1516-1536 1, p. 91-117. 2014.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Independência do Brasil na Bahia.** Salvador: ADUFBA, 2012

XAVIER, Roseane, **Representação Social Ideologia: Conceitos Intercambiais?** Revista Psicologia e Sociedade:14(2): 18-47, jul/dez 2002.